
Disney
A Bela e a Fera
Edição oficial do filme
Universo dos Livros


Disney
A BELA E A FERA

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros





Adaptação de ELIZABETH RUDNICK
Roteiro para cinema de EVAN SPILIOTOPOULOS,
STEPHEN CHBOSKY e BILL CONDON

São Paulo
2017

UNIVERSO DOS LIVROS

Como todos os contos de fadas, este começa com a mais simples das frases: "Era uma vez…". Mas é aí que nossa história, um tipo diferente de conto de fadas, muda de direção. Não se trata apenas da lenda de uma linda donzela e de um belo príncipe — embora, de fato, a moça seja adorável e o príncipe também tenha seu charme. Este é um conto sobre uma beleza muito mais profunda. É a história de dois seres unidos sob as circunstâncias mais fascinantes, dois seres que só aprendem a enxergar o que realmente importa depois de se conhecerem melhor. Só então que sua história — tão antiga quanto o tempo e tão vívida quanto uma rosa — começa.

Nossa história tem início: era uma vez, no coração oculto da França…

PRÓLOGO



O príncipe franziu a testa. Encarou um par de grandes portas douradas que estavam fechadas. Do outro lado, ele podia escutar música e risadas. A festa, *sua festa*, já havia começado. O cristal tilintava conforme os convidados brindavam a noite e vagueavam pelo salão decorado, decerto impressionados cada vez que seus olhares se detinham sobre as centenas de objetos de valor inestimável alinhados pelas paredes. Belos vasos, quadros detalhados de lugares longínquos, ricas tapeçarias e pratos de ouro maciço eram apenas alguns dos muitos itens. E tudo isso se ofuscava em comparação à beleza dos próprios convidados. Afinal, o príncipe não convidava qualquer um para suas festas. Ele recebia apenas aqueles que julgava belos o suficiente para estarem em sua presença. Assim, vinham pessoas de todas as partes do mundo, cada uma tão digna de exposição quanto os objetos decorativos do salão.

Parado diante das portas, o príncipe mal notou a aproximação dos servos apressados, que, nervosos, davam os toques finais em sua fantasia. O mordomo também estava por perto, com o relógio de bolso nas mãos. Era um homem mais velho e conservador, que detestava a completa falta de respeito do rapaz pelos horários. O príncipe, por sua vez, tinha grande prazer em desperdiçar o tempo do mordomo. Uma criada parou ao lado do príncipe, com um pincel de penas nas mãos. Com cuidado, ela pintou uma linha branca no rosto do jovem. A tinta deslizou facilmente sobre a pele macia e impecável. A criada então recolheu a mão e inclinou a cabeça para o lado enquanto analisava seu trabalho.

A pintura da máscara havia exigido horas, e aparentava isso mesmo. Estava extraordinária. O rosto do príncipe foi transformado pelo véu suave da pintura. Nenhum detalhe foi deixado de lado, graças aos traçados sutis da

plumagem dourada, aos destaques azuis ao redor dos olhos e ao toque ruge que realçava suas já marcantes maçãs do rosto. Alinhando-se às últimas tendências, duas pintas foram perfeitamente posicionadas: uma abaixo do olho direito e a outra acima de seus lábios carmesim. Por baixo da máscara de maquiagem, os olhos azuis do príncipe brilhavam com frieza.

A criada deu um passo para trás e esperou enquanto o pajem principal ajeitava nos ombros do príncipe um longo manto cravado de joias, inspecionando tudo para garantir que nenhuma coisa estivesse fora do lugar. Satisfeito, ele assentiu para a criada, que então cobriu a peruca do príncipe com pó. Então os dois se inclinaram em reverência e seguraram a respiração, aguardando a ação do príncipe.

Erguendo a mão enluvada, ele fez um breve aceno com desdém. Imediatamente, um lacaio apareceu.

— Mais luz — ordenou o príncipe.

— Sim, vossa alteza — disse o lacaio, virando-se para alcançar um candelabro próximo. Ele ergueu o objeto para iluminar o rosto do nobre.

O príncipe segurava um pequeno espelho. Era prateado, com uma haste delicada e floreios ornamentais na parte de trás. Em suas grandes mãos, o espelho parecia minúsculo e incrivelmente frágil. Segurando-o no alto para que pudesse se ver, o príncipe admirou o próprio rosto. Ele virou para a esquerda, depois para a direita, então para a esquerda de novo e voltou a olhar diretamente para seu reflexo. Ele assentiu com a cabeça uma vez, depois largou o espelho como se fosse um trapo qualquer.

A criada, que quase desmaiara de alívio diante da aprovação do príncipe, engasgou ao ver o espelho em queda. Ignorando totalmente o ruído, o príncipe ordenou que o mordomo abrisse as portas para o salão. Enquanto ele entrava, o lacaio se lançou para a frente e conseguiu apanhar o espelho um segundo antes que atingisse o chão. Os servos deixaram escapar um suspiro coletivo quando as portas se fecharam atrás do príncipe. Pelas horas seguintes, eles poderiam relaxar fora do alcance de seu amo cruel, mimado e grosseiro.

Alheio à opinião de seus criados, ou talvez ciente, mas nem um pouco preocupado, o príncipe abriu caminho pelo salão. Era um mar de trajes brancos — uma exigência especificada no convite. Muitos dos convidados eram difíceis de se distinguir, exceto por suas máscaras. O resultado era encantador. No entanto, a expressão do príncipe permanecia sisuda, e sua solenidade não indicava nenhum prazer em ver tamanha beleza em seu castelo.

Ele nunca permitia que os outros percebessem se estava contente ou aborrecido. Isso lhe conferia um senso de mistério que ele apreciava bastante. Conforme caminhava, ele ouvia os cochichos das jovens mulheres, perguntando-se animadas se essa seria a noite em que ele tiraria uma delas para dançar. Um sorriso presunçoso começou a se formar em seus lábios, mas ele o reprimiu e seguiu em frente.

Abrindo caminho através de um círculo de donzelas elegíveis e seus acompanhantes, o príncipe chegou ao seu trono. O assento se erguia num patamar acima do salão, concedendo-lhe uma visão privilegiada de toda a festa. Como tudo ali, o trono tinha um estilo requintado. Um majestoso brasão dominava o assento, deixando bem claro a quem pertencia, caso ainda restassem dúvidas. Parado ao lado de seu posto, o príncipe se virou e olhou para o salão, observando um homem pequeno e animado sentado diante de um cravo imponente, do outro lado da sala. Ele fixou o olhar no convidado, que lhe sorriu gentilmente, exibindo dentes que não estavam nos seus melhores dias. O príncipe fez uma careta, mas acenou de volta. Aquele era, afinal, o principal maestro da Itália. Ele e sua esposa, a elegante diva lírica que estava ao lado do músico, eram conhecidos no mundo todo. Eram simplesmente os melhores e, portanto, o príncipe precisava tê-los em seu baile.

Com o aceno do príncipe, o maestro tocou as primeiras notas e sua esposa começou a cantar, ecoando a voz por todo o salão. O príncipe avançou para a pista e começou a dançar. Seus movimentos eram suaves e ensaiados, aprimorados por anos de treino. À sua volta, moças se moviam no sentido contrário, dançando de forma igualmente treinada e graciosa. De alguma forma, porém, elas ficavam ofuscadas diante dele. A presença do príncipe era mais grandiosa que o próprio salão, sua aparência era a mais bela e sua frieza era mais congelante que o vento e a chuva que uivavam lá fora.

A voz da diva havia acabado de subir para uma nota quase estridente quando o príncipe reconheceu o inconfundível ruído de batidas na porta que levava aos jardins, um barulho que se sobrepôs à música e ao vento. Ele ergueu a mão e o espetáculo parou de repente.

As batidas soaram mais uma vez. Por um instante, ninguém se moveu. Então todas as janelas se abriram em um sopro violento, seguidas pela porta. A chuva invadiu o salão e um vento poderoso fez as velas das arandelas ao longo das paredes piscarem e se apagarem. O salão mergulhou na escuridão, e o príncipe ouviu seus convidados murmurarem apreensivos. Sob a luz

remanescente dos candelabros das mesas, o príncipe sentiu um misto de raiva e curiosidade ao ver uma figura de capuz entrar pela porta escancarada. O estranho andava curvado, apoiando-se com a mão trêmula em uma bengala nodosa. O visitante se afastou do frio para se refugiar na calidez do salão. Quando a porta se fechou, a figura misteriosa suspirou alto, claramente satisfeita por estar em um lugar onde ele — ou ela — parecia imaginar que seria acolhido e estaria a salvo.

O pensamento não poderia ser mais equivocado.

Após se livrar do choque inicial, o príncipe sentiu a raiva subir-lhe o sangue. Agarrando um candelabro de uma mesa próxima, ele disparou pela multidão, empurrando pessoas para fora de seu caminho. No momento em que chegou à porta, seu rosto estava vermelho, apesar das camadas de tinta facial. Ele viu que o visitante indesejado era uma velha senhora pedinte. O príncipe se erguia por sobre aquela figura curvada.

— O que significa isso? — reclamou ele em um rosnado.

A velha mulher ergueu o rosto com um olhar esperançoso. Segurando uma única rosa-vermelha, ela sussurrou com esforço:

— Estou procurando abrigo da tempestade. — Como se por um sinal, o vento se intensificou a um nível extremo, uivando como uma besta raivosa.

O príncipe não se moveu.

Ele não se importava se a mulher estava molhada e com frio, afinal, ela não passava de uma mendiga velha e abatida. E, o que era ainda pior, estava arruinando seu baile. Outra onda de raiva fulminante o atingiu quando ele constatou a feiura em meio a toda aquela beleza que havia criado com tanto cuidado e esmero.

— Saia daqui! — Ele gesticulou, ordenando que ela se retirasse. — Saia daqui agora. Você não pertence a este lugar — disse ele enquanto apontava para os convidados elegantemente vestidos.

— Por favor — implorou a velha. — Estou pedindo abrigo apenas por uma noite. Sequer ficarei no salão.

A careta do príncipe piorou.

— Você não entende, sua velha? Este é um lugar para a beleza. — A voz dele era fria. — Você é feia demais para o meu castelo. Para o meu mundo. Para mim.

A mulher pareceu se encolher conforme as palavras do príncipe a golpearam, mas ele não demonstrou nenhum remorso. Sinalizando para o

mordomo e o lacaio principal, ele ordenou que a mulher fosse escoltada para fora.

— Você não deveria se enganar pelas aparências — alertou a mulher enquanto os servos se aproximavam. — A beleza se encontra dentro de…

O príncipe jogou a cabeça para trás e deu uma risada cruel.

— Diga o que quiser, bruxa, mas todos nós sabemos o que é belo. E você não é. Agora vá!

Dando-lhe as costas, o príncipe começou a se retirar. Mas um engasgo de seus convidados o fez parar. Quando ele se virou novamente, seus olhos se arregalaram. Algo estava acontecendo com a velha. A capa surrada e o capuz pareceram envolvê-la em uma espécie de casulo até ela quase desaparecer. Então um raio de luz irrompeu dela, cegando-o.

Quando ele recuperou a visão, a velha pedinte havia sumido. Em seu lugar, estava a mais bela mulher que o príncipe já tinha visto. Ela flutuava, irradiando uma luz dourada deslumbrante, similar à do próprio sol. Imediatamente, o príncipe soube o que ela era, pois já havia lido sobre o assunto. Ela era uma feiticeira: uma maga que o submetera a um teste.

E ele havia falhado.

O príncipe caiu de joelhos e ergueu as mãos unidas pelas palmas.

— Por favor — disse ele. Era sua vez de implorar. — Sinto muito, feiticeira. Você é bem-vinda em meu castelo pelo tempo que desejar.

A feiticeira balançou a cabeça. Ela havia visto o suficiente para saber que se tratava de um arrependimento falso. O príncipe não tinha bondade ou amor em seu coração. Sem titubear, a maldição passou dela para se arrastar sobre o príncipe.

A transformação começou naquele instante. O corpo do príncipe era devastado pela dor. Suas costas se arquearam, e ele gemeu quando o corpo começou a crescer. Suas joias arrebentaram. Suas roupas rasgaram. Os convidados do baile gritaram diante da visão de seu anfitrião e saíram correndo. O príncipe se ergueu, tentando agarrar a mão de um homem que estava próximo, mas, para seu horror, descobriu que sua própria mão parecia a de um monstro. O homem saltou para longe e escapou, juntando-se aos outros.

Em meio ao caos, a feiticeira assistia tranquila à sua punição fazendo efeito. O salão logo ficou vazio, exceto pela criadagem, pelos artistas e por um cão solitário que pertencia à diva. Eles observavam chocados a transformação do príncipe se completar. Onde antes se erguia um belo homem, agora se

acovardava uma fera horrível. Mas ele não foi o único a se transformar. O restante do castelo e seus habitantes também não pareciam mais os mesmos. Eles também haviam mudado…

Os dias viraram anos, e o príncipe e seus servos foram esquecidos pelo mundo até que, enfim, o castelo encantado foi isolado e trancafiado em um inverno perpétuo. A feiticeira apagou a memória da existência daquele lugar e dos que viviam nele, até mesmo das mentes das pessoas que os amavam.

Mas restava uma última esperança: a rosa que ela oferecera ao príncipe era encantada. Se o príncipe aprendesse a amar alguém e conquistasse o amor dessa pessoa, quando a última pétala caísse, a maldição seria quebrada. Caso contrário, ele estaria condenado a permanecer no corpo de uma fera para sempre.

CAPÍTULO I



Bela abriu a porta da frente de seu chalé. Assimilando a imagem perfeita da cena bucólica diante de si, ela suspirou. Todas as manhãs na pequena aldeia de Villeneuve começavam da mesma forma. Pelo menos durante todo o tempo em que Bela vivera por lá.

O sol se erguia devagar além do horizonte, com raios que faziam os campos que cercavam a aldeia ficarem mais verdes, dourados ou brancos, dependendo da estação do ano. Os feixes avançavam até tocarem as laterais impecavelmente brancas do chalé de Bela, que ficava nas imediações do povoado, antes de por fim iluminarem os telhados de palha dos lares e lojas que constituíam o restante da aldeia. Quando isso acontecia, os aldeões já estavam se mexendo, preparando-se para o dia. Dentro de suas casas, os homens se sentavam à mesa para as refeições matinais enquanto as mulheres cuidavam das crianças ou terminavam de preparar o mingau. A aldeia permanecia silenciosa, como se ainda estivesse despertando.

Então, o relógio da igreja batia oito horas.

E, como num passe de mágica, a aldeia ganhava vida.

Bela havia presenciado a cena centenas de vezes. Mesmo assim, naquela manhã, como em todas as outras, ela mais uma vez se deslumbrava ao contemplar a pequena aldeia e as mesmas pessoas cuidando de suas rotinas. Estreitando seus olhos castanhos cordiais, ela suspirou diante de quão mundano era tudo aquilo. Com frequência, ela imaginava como seria acordar de forma diferente.

Bela balançou a cabeça. Não lhe fazia bem deixar-se imaginar ou sonhar tanto assim. Essa era a vida como ela sempre conhecera, a vida que ela compartilhava com o pai desde que eles haviam se mudado de Paris, muitos

anos atrás. Era uma perda de tempo habitar o passado ou se perguntar o que poderia ter acontecido. Ela tinha coisas para fazer, incumbências a cumprir e — ela olhou para baixo, na direção do livro que segurava — uma nova aventura para desvendar. Bela endireitou os ombros, fechou a porta atrás de si e partiu para a cidade.

Em questão de minutos, ela abria caminho pela rua principal de paralelepípedos e acenava conforme passava por outros aldeões. Embora tivesse morado na aldeia durante a maioria dos seus anos de vida, ela ainda se sentia como uma estranha aos olhos dos outros. Lá, como na maior parte do interior rural da França, era isolado e insular. A maioria das pessoas por quem Bela passou em seu caminho havia nascido ali e a passaria toda a vida no mesmo lugar. Para eles, a aldeia era o mundo, e os forasteiros eram vistos com desconfiança.

Bela não tinha certeza se ainda não seria tratada como uma estrangeira caso tivesse nascido na aldeia. Ela realmente não tinha muito em comum com a maioria dos moradores. A verdade é que ela tinha mais prazer em ler do que em ter conversas banais e tediosas — queria era viajar para terras distantes e viver aventuras magníficas, ainda que apenas nas páginas de seus livros favoritos.

Tecendo seu caminho pelas ruas, ela ouvia o restante dos aldeões cumprimentando-se. Sentiu uma pontada de solidão ao vê-los. Todos pareciam estar perfeitamente contentes com a monotonia de suas rotinas matinais. Ninguém parecia compartilhar de seu desejo por algo novo e empolgante, por *algo mais*.

Bela chegou à tenda do padeiro, onde o cheiro delicioso dos pães recém-assados se espalhava pelo ar. Como sempre, o ansioso padeiro segurava uma travessa de baguetes frescas e resmungava consigo mesmo.

— *Bonjour* — disse Bela. O homem assentiu distraído. — Uma baguete… — Bela investigou a fila de potes cheios de geleias vermelhas. — E um deste também, *s'il vous plaît*, por favor — emendou ela, escolhendo um pote e deslizando-o para dentro do bolso de seu avental. Após pagar pela compra, ela seguiu caminho para completar sua próxima missão.

Estava prestes a dobrar a esquina quando se deteve. Jean, o velho oleiro, estava parado ao lado de sua mula, parecendo confuso. A carroça atrelada ao animal estava cheia de cerâmicas recém-feitas. Jean levantou o olhar e sorriu ao flagrar Bela observando-o.

— Bom dia, Bela — cumprimentou ele. Sua voz era arranhada pela idade. Ele estava analisando a carroça, com uma expressão intrigada.

— Bom dia, *monsieur* Jean — respondeu Bela. — Você perdeu algo outra vez?

O velho homem assentiu.

— Acho que sim. O problema é que não consigo lembrar o que era — disse ele com tristeza. Então deu de ombros. — Bem, tenho certeza de que em algum momento vou lembrar. — Ele se virou e puxou as rédeas da mula, tentando guiar o animal teimoso. Não houve acordo. A mula tentou enfiar o nariz no bolso de Bela, procurando pela maçã que ela havia escondido justamente para o caso de encontrar Jean. Dando um puxão forte na criatura, o oleiro conseguiu desviar a atenção da mula para longe de Bela. Mas, com isso, ele também desequilibrou a carroça.

Alarmada, Bela saltou e agarrou um dos belos vasos de cerâmica bem a tempo de evitar sua queda. Então, certa de que nada mais cairia, ela deu a maçã à mula e se virou para deixá-los.

— Aonde você está indo? — perguntou Jean.

Ela olhou para trás, sem se virar.

— Devolver este livro a *père* Robert — respondeu ela, sorrindo e mostrando o volume usado. — É sobre dois amantes na charmosa Verona…

— Algum deles é oleiro? — interrompeu Jean.

Bela balançou a cabeça.

— Não.

— Parece chato — disse ele.

Bela suspirou. Ela não estava surpresa pela reação de Jean. Era a mesma toda vez que ela mencionava livros. Ou arte. Ou viagens. Ou Paris. Qualquer coisa diferente de conversar sobre a aldeia ou seus moradores era recebida com indiferença — ou, pior, com desdém.

Apenas uma vez, Bela pensou enquanto acariciava o nariz da mula de Jean e acenava para se despedir do oleiro, *eu gostaria de conhecer alguém que quisesse ouvir a história de Romeu e Julieta. Ou qualquer história, na verdade*. Ela começou a andar mais depressa, mais ansiosa do que nunca para encontrar *père* Robert, pegar um novo livro e voltar para casa. Pelo menos no seu próprio chalé ninguém a incomodaria ou julgaria. Ela poderia se perder nas histórias e imaginar o mundo além daquela aldeia provinciana.

Absorta em pensamentos sobre os deleites literários que a esperavam, Bela

sequer notava a atenção que estava atraindo. Nem se importava com os comentários que sua presença provocava, que mal eram disfarçados. Ela já ouvira tudo isso antes. Não era a primeira vez que passava em frente à escola e ouvia os meninos a chamarem de estranha. As lavadeiras, com suas mãos enrugadas e cobertas de espuma, também adoravam cochichar entre si toda vez que viam Bela.

"Garota engraçada", diziam elas. "Ela não se encaixa" era outra frase favorita. Para as fofoqueiras, essa era a pior ofensa de todas. Nunca lhes ocorreu que Bela havia *escolhido* não fazer parte da multidão.

Finalmente, Bela chegou ao seu destino: a sacristia da igreja. Ela abriu as portas e soltou um suspiro de alívio quando o silêncio e a serenidade do local a envolveram. O burburinho e os ruídos do lado de fora desapareceram, e pela primeira vez naquela manhã, a jovem se sentiu em paz. Ouvindo-a entrar, um homem gentil em um manto preto longo olhou por cima do livro que estava lendo. Ele era alto e esguio, com olhos acolhedores que enrugaram a pele ao redor quando sorriu para Bela.

— Bom dia, Bela — *père* Robert a cumprimentou. — Então, para onde você fugiu esta semana?

Bela sorriu. O padre era um homem lido e uma das duas pessoas em toda a aldeia com quem Bela sentia que podia conversar. A outra pessoa era seu pai.

— Duas cidades ao norte da Itália — respondeu ela, com o tom de voz animado. Ela estendeu o livro, como se mostrá-lo a *père* Robert ajudasse a história a ganhar vida de alguma forma. — Você deveria estar lá também. Os castelos. A arte. Teve inclusive um baile de máscaras.

Alcançando-a, *père* Robert pegou o livro com cuidado das mãos de Bela. Ele assentiu quando ela continuou a lhe contar a história de Romeu e Julieta como se ele nunca a tivesse ouvido antes, mesmo que ambos soubessem que ele havia lido a narrativa mais de dez vezes. Era apenas parte do ritual deles. Quando terminou, Bela respirou fundo, satisfeita.

— Você tem outros lugares para eu visitar? — perguntou ela, esperançosa. Ela se virou e seus olhos se demoraram na biblioteca da cidade.

Chamar de biblioteca era um exagero, para dizer o mínimo. Algumas poucas dezenas de livros se alinhavam em duas pequenas estantes empoeiradas. Analisando as prateleiras, Bela viu as mesmas lombadas desgastadas e títulos apagados. Era raro que qualquer coisa fosse acrescentada ao inventário.

— Receio que não — respondeu ele. Apesar de ter previsto a situação, os

olhos de Bela revelaram a decepção que ela sentiu. — Mas você pode reler algum dos antigos de que gosta — completou ele gentilmente.

Bela concordou com a cabeça e foi até a estante. Seus dedos varreram os livros familiares, cuja maior parte ela já havia lido pelo menos duas vezes. Ainda assim, jamais reclamaria. Escolhendo um, ela sorriu de volta para o velho homem.

— Obrigada — disse suavemente. — Sua biblioteca faz este cantinho do mundo parecer maior.

Com o livro em mãos, Bela deixou a sacristia e voltou à rua principal da aldeia. Abrindo na primeira página, ela enfiou o nariz no livro e bloqueou tudo ao seu redor. Ela desviou do vendedor de queijos que carregava uma travessa cheia deles e se precipitou para fora do caminho de duas floristas, com seus braços carregados de buquês gigantescos. Tudo sem perder o ponto de leitura na página.

Embora estivesse desapontada por não ter encontrado nada novo, esse livro era mesmo um de seus favoritos. Tinha tudo o que uma boa história deveria ter: lugares distantes, um príncipe charmoso, uma heroína forte que descobria o amor… mas não de imediato, é claro.

CLANG! CLANG!

Alarmada pelo barulho alto, Bela enfim se desprendeu do livro. Olhando para a frente, viu que o ruído vinha de Ágata. Se Bela era estranha para o povoado, a mulher idosa era uma marginal. Ela não tinha casa nem família e passava seus dias pedindo trocados e comida. Vendo além da sujeira que cobria suas bochechas e os trapos que vestia, Bela sempre teve apreço por Ágata. Ela sentia que a senhora merecia tanta atenção e respeito quanto qualquer um e odiava ver outros aldeões ignorando-a ou, pior, zombando dela. Sempre que a via, Bela tentava ajudar com alguma coisinha.

— Bom dia, Ágata — disse Bela, sorrindo gentilmente. — Eu não tenho dinheiro. Mas aqui está… — Ela pegou sua bolsa, tirou a baguete que havia escolhido especialmente para a mulher e a entregou.

Ágata sorriu em gratidão. Então seu sorriso se tornou brincalhão.

— Não tem geleia?

Antecipando o pedido, Bela já estava com a mão no bolso e mostrou o pote de geleia.

— Abençoada seja — disse Ágata. Abaixando a cabeça, ela arrancou um pedaço da baguete, esquecendo-se instantaneamente da presença da jovem.

Bela sorriu. De alguma forma esquisita, ela sentia um vínculo com a mulher. Ágata queria simplesmente comer sua comida e ser deixada em paz. Bela agia da mesma forma com seus livros. Por mais solitária que ela pudesse se sentir de vez em quando, não suportava atenção indesejada — detestava, na verdade.

CAPÍTULO II



Gaston adorava receber atenção. Ele vivia para isso, na verdade. Desde garotinho, buscava maneiras de ser o centro de tudo. Ele andou antes que todos da sua idade. Ele falou primeiro e, conforme foi ficando mais velho, tornou-se mais alto e mais belo que qualquer um. Com seus cabelos escuros, olhos penetrantes e ombros largos, era realmente bonito. As garotas o amavam; os garotos o veneravam. E Gaston? Ele absorvia toda a atenção e regozijava-se com ela..

Havia um limite de atenção que Gaston poderia receber crescendo em uma pequena aldeia. Isso o aborrecia. Então, para sua satisfação, a França se envolveu na guerra. Gaston não via a guerra como uma oportunidade de defender seu país, mas como uma chance de usar um uniforme elegante e impressionar as mulheres — o que ele fez com gosto quando se tornou um herói de guerra condecorado doze anos antes.

Gaston ainda usava sua farda.

E *ainda* acreditava ser o homem mais belo e másculo de toda a aldeia.

Agora ele montava seu grande garanhão preto, fitando a aldeia do promontório que lhe permitia vê-la do alto. Seu tórax se avolumava sob um peitoral dourado deslumbrante. Os músculos em seus braços saltavam conforme ele puxava as rédeas do cavalo, fazendo o animal dançar nervosamente. Amarrados à sela, estavam seu fiel mosquete e as recompensas de sua caçada. Como sempre, ele tivera uma tarde de sucesso na floresta.

— Você não errou um tiro, Gaston — disse o homem ao lado dele.

Se Gaston era um leão, como já haviam dito ao longo dos anos, o outro homem era um gato doméstico. LeFou era tudo que Gaston não era. Enquanto Gaston era alto e musculoso, LeFou era baixo e fraco. Enquanto Gaston era

todo elegância, movimentos treinados e falas bem ensaiadas, LeFou era só tropeços e balbucios incompreensíveis. Enquanto Gaston era conhecido e venerado por todos, LeFou era uma mera nota de rodapé aos olhos dos aldeões. Ainda assim, Gaston estimava o pequeno rapaz: mais pelo fato de ele ser seu maior fã.

— Você é o maior caçador da aldeia — LeFou continuou. Gaston lançou-lhe um olhar fulminante e ele rapidamente corrigiu: — Quer dizer… do *mundo*.

Gaston estufou ainda mais seu peito já inflado e ergueu o queixo no ar como se posasse para um artista invisível.

— Obrigado, LeFou — disse. Ele olhou para baixo para ver o que LeFou havia "capturado" (um punhado de vegetais) e ergueu uma sobrancelha. Então, acrescentou com ironia: — Você também não foi tão mal.

— Um dia desses vou aprender a atirar como você — comentou LeFou, alheio à zombaria de Gaston. — E falar como você. E ser alto e belo como você.

— Deixe disso, velho amigo — disse Gaston, fingindo não ter adorado cada elogio. — A glória refletida é tão boa quanto a original.

LeFou inclinou a cabeça, confuso. Ele abriu a boca para falar, mas parou quando viu Gaston se endireitar na sela. Os olhos do homem de cabelos escuros se estreitaram, como se fossem de um lobo avistando uma presa. Seguindo o olhar de Gaston, LeFou viu o que havia chamado a atenção de seu amigo. Logo adiante, Bela abria caminho pela praça da aldeia. Seu vestido azul vivo reluzia em contraste com seus fartos cabelos castanho-avermelhados. Mesmo àquela distância, LeFou conseguia ver que as bochechas dela estavam coradas.

— Olhe para ela, LeFou — prosseguiu Gaston. — Minha futura esposa. Bela é a garota mais bonita da aldeia. Isso faz dela *a melhor*.

— Mas ela é uma mulher tão culta, e você é tão… — LeFou se conteve. Ele quase incorreu no erro que se orgulhava de *nunca* ter cometido: ofender Gaston. Rapidamente, antes que o amigo pudesse se perguntar sobre a hesitação, ele terminou a frase. — Inclinado aos esportes.

Gaston assentiu.

— Eu sei — concordou ele. — Bela pode ser tão questionadora quanto bonita.

— Exatamente! — disse LeFou, feliz em ver seu amigo falando de forma sensata. — Quem precisa dela? Você tem a nós! *Le Duo!*

Ele disparou o apelido quase esperançoso. Logo que voltaram para casa depois da guerra — porque é claro que LeFou havia acompanhado de seu parceiro na batalha —, o homenzinho vinha tentando em vão fazer com que a aldeia chamasse a dupla de *Le Duo*. Mas o apelido nunca pegou. Normalmente era somente Gaston e "o outro". Ou, quase sempre, apenas Gaston.

Absorto em si mesmo, Gaston mal notou a carência na voz do amigo.

— Desde os tempos de guerra, tenho sentido falta de algo — disse ele, ainda olhando para Bela. — E ela é a única garota que conheci que me dá essa sensação de… — Gaston hesitou, tentando encontrar as palavras certas.

— *Je ne sais quoi*? Algo mais? — propôs LeFou.

Gaston se virou e olhou para ele com uma expressão confusa.

— Não sei o que isso significa — ele disse. — Só sei que desde o momento em que a vi, soube que me casaria com ela. E não quero mais ficar aqui parado, perdendo tempo. — Guiando seu cavalo a galope, ele seguiu para a aldeia como um herói retornando do campo de batalha. Atrás dele, LeFou incitou seu pônei. O animal peludo abaixou as orelhas e disparou imediatamente em um… trote lento.

Bela ouviu o ruído dos cascos momentos antes de os cavalos atravessarem os portões da aldeia. Na verdade, apenas um deles irrompeu pela entrada, o outro meio que serpenteou. Imediatamente, Bela reconheceu o enorme garanhão preto e o homem montado nele. Era Gaston. Atrás dele, seu aliado sempre presente, LeFou, estava lutando para controlar o pônei desgrenhado. Ela abafou um gemido e se esgueirou depressa para trás do vendedor de queijos, na esperança de que Gaston não a notasse.

Ela já tivera discussões demais com o herói de guerra. Toda vez era a mesma coisa. Gaston se exibia como um pavão enquanto se vangloriava de sua última caçada ou lhe contava uma história sobre seus dias de glória na guerra. Bela tentava não revirar os olhos. Os aldeões — especialmente as mulheres — perdiam o fôlego e cochichavam sobre quão sortuda era Bela, e, por fim, a jovem ia embora sentindo que precisava de um banho. Ela sabia que Gaston era considerado o melhor partido por muitas — bem, *por todas,* para dizer a verdade. Mas ela não suportava aquele homem. Havia algo *bestial* nele.

Como agora, ela pensou enquanto espiava de trás da *fromagerie*. Gaston segurava flores em uma das mãos e vasculhava a multidão com os olhos como um animal selvagem. Bela soltou um gemido quando ele fixou o olhar nela e

começou a abrir caminho entre os aldeões para encontrá-la. Ela se virou e se apressou na direção oposta, torcendo para que os outros moradores o distraíssem.

Sem que Bela notasse, assim que Gaston estava prestes a alcançá-la, Ágata surgiu no meio do caminho com sua caneca erguida. Gaston olhou para baixo na direção da mulher sem-teto e contraiu os lábios. Então ele viu a caneca de metal brilhante.

— Obrigado, bruxa — disse ele, arrancando o objeto de suas mãos e virando-o de cabeça para baixo. Moedas se espalharam pelo chão enquanto Gaston conferia seu reflexo na base da caneca. Satisfeito com o que viu, ele a jogou de volta para Ágata e passou reto por ela.

— Bom dia, Bela — disse ele, correndo para parar à frente dela. Ela deu um passo para trás. — Esse livro é fantástico.

Bela ergueu uma sobrancelha.

— Você o leu?

— Eu fiz muitas coisas no exército — respondeu ele vagamente.

Bela engoliu uma risada. Levou menos de um minuto para ele mencionar o exército. *Deve ser um recorde*, ela pensou.

Com um gracejo, Gaston ofereceu-lhe as flores.

— Para sua mesa de jantar — explicou ele. — Poderia lhe fazer companhia esta noite?

— Desculpe — disse Bela apressadamente, balançando a cabeça. Ela se moveu devagar ao redor dele, em busca da rota de fuga mais rápida. — Esta noite, não.

— Está ocupada? — perguntou Gaston.

— Não — respondeu Bela. Antes que Gaston pudesse retrucar ou assimilar a rejeição, ela já estava se desviando para voltar à rua. Pôde ouvir Gaston distorcendo suas palavras para a plateia de aldeões que haviam parado para assistir aos dois. Estava claro que o caçador havia interpretado seu não como uma jogada para se fazer de difícil.

Ela não se importou com o que ele disse ou como tentou se sentir melhor. Ela sabia a verdade: Gaston, apesar de seu físico imponente, não era maior do que a minúscula aldeia provinciana. E ela jamais dividiria a mesa de jantar com ele. Nem agora, nem nunca.

Acelerando o passo, Bela seguiu seu caminho e saiu do centro da aldeia. Momentos depois, ela estava de volta ao seu chalé. Era uma casinha

aconchegante, com uma pequena escada que levava até a porta de entrada e grandes janelas panorâmicas. Havia também um belo jardim na frente e um espaço subterrâneo separado, onde funcionava a oficina de seu pai.

A doce melodia tilintante de uma caixinha de música escapava por entre as portinholas. Seu pai já estava trabalhando a essa hora da manhã.

Tomando cuidado para não incomodá-lo, Bela abriu as portinholas e desceu as escadas na ponta dos pés. A luz do sol penetrava por uma pequena janela, iluminando Maurice, que estava sentado e curvado sobre sua bancada de trabalho. Peças e pedaços de seus projetos espalhavam-se pelo local. Pequenos botões, parafusos minúsculos, caixas pintadas pela metade e estatuetas delicadas repousavam em várias mesas e prateleiras. Algumas coisas eram mais novas, com suas superfícies lustrosas e brilhantes, outras haviam acumulado uma fina camada de pó, esperando que Maurice lhes desse atenção de novo. Mas, por ora, ele estava focado na caixinha de música à sua frente. Enquanto Bela observava, ele mexia em uma das engrenagens. O interior era lindamente pintado, retratando um artista em um pequeno apartamento parisiense. O artista estava pintando o retrato de sua esposa. Ela embalava um bebezinho e segurava um chocalho semelhante a uma rosa-vermelha na outra mão.

Bela deu um passo adiante no cômodo. Maurice olhou distraído na direção do som. Sorriu ao ver a filha. Seus olhos, da mesma cor acolhedora dos de Bela, eram brilhantes e focados. Quando ele endireitou os ombros, revelou-se mais alto e enxuto, ainda belo para sua idade avançada.

— Oh, que bom, Bela! Você está de volta — disse ele, voltando-se para a caixa de música. — Aonde foi?

— Bem, primeiro fui até São Petersburgo para visitar o czar, então fui pescar no fundo do poço — começou ela, sorrindo conforme o pai assentia distraído. Quando ele estava trabalhando, não via nem ouvia nada. Bela compreendia. Ela agia da mesma forma quando era seduzida por um livro.

— Hum, sim — disse Maurice. — Você pode me passar a…

Antes que ele pudesse terminar, a filha estava lhe entregando a chave de fenda.

— E também o…

Dessa vez, ela lhe entregou um pequeno martelo.

— Não, eu não preciso… — A voz dele baixou assim que uma mola saltou da caixinha. — Bem, acho que preciso, sim.

Quando ele voltou ao trabalho, Bela foi até uma estante repleta de caixas de música finalizadas. Seus longos dedos finos passaram por todas conforme ela se movia ao longo da fileira. Cada uma era uma obra de arte, retratando monumentos famosos ao redor do mundo. Ela sabia que seu pai as fazia para ela, como uma forma de lhe dar um vislumbre do mundo lá fora. Maurice nunca disse com todas as palavras, mas Bela sabia que ele estava ciente de seu anseio por explorar, por escapar do pequeno universo no qual ele a mantinha segura. Ela pensou na pequena aldeia e nas pessoas fofoqueiras que viviam ali. Delicadamente, para não assustá-lo, Bela perguntou:

— Papai, você acha que sou estranha?

Notando o tom de voz da filha, Maurice desviou o olhar de seu trabalho. Ele franziu a testa.

— Se eu acho que você é estranha? — repetiu ele. — De onde tirou uma ideia dessas?

Bela deu de ombros.

— Oh, eu não sei… As pessoas comentam.

— Há coisas piores do que ser alvo de comentários — disse Maurice, com a voz entristecendo. — Esta aldeia pode ser limitada, Bela, mas também é segura.

A jovem abriu a boca para protestar. Aquela era uma frase que seu pai usava o tempo todo. Ela sabia que as intenções dele eram boas, mas não conseguia entender por que ele queria *continuar* naquela pequena aldeia.

Vendo que sua explicação típica não funcionaria com Bela hoje, Maurice mudou a direção da conversa:

— Lá em Paris, conheci uma garota que era tão diferente, pois era ousada e à frente de seu tempo, que as pessoas zombavam dela. Até o dia em que começaram a imitá-la. Sabe o que ela costumava dizer?

Bela balançou a cabeça.

— *As pessoas que falam pelas costas dos outros estão destinadas a permanecer ali*. — Maurice fez uma pausa, para que suas palavras fossem absorvidas. Então acrescentou: — *Atrás da pessoa de quem falam mal. E jamais vão alcançá-la*.

Bela assentiu devagar. Ela gostava das pequenas histórias de Maurice, que serviam como lições de vida. Achava, na verdade, que já havia escutado todas. Mas essa era nova. Seu pai estava tentando lhe dizer que não havia problema em se destacar, estar à parte da multidão. Ela assentiu de novo.

— Compreendo — disse ela suavemente.

— Essa mulher era sua mãe — acrescentou Maurice, sorrindo e alcançando a mão da filha. Ele a apertou.

Bela sorriu de volta, com o coração se enchendo de tristeza e afeto. Ela não se lembrava da mãe. Tudo o que tinha eram as histórias que seu pai contava. Mas as memórias eram duras para Maurice, então ele lhe dava apenas alguns fragmentos, como esse, de tempos em tempos.

— Fale-me mais sobre ela — pediu Bela quando o pai tentou voltar ao trabalho. — Por favor. Mais algum detalhe.

A mão do velho homem pairou sobre a caixinha de música. Lentamente, seus dedos se fecharam e voltou a encarar a filha.

— Sua mãe era… destemida — disse ele. — Para saber mais, você só tem que se olhar no espelho. — Ele pegou um par de pinças e posicionou a última engrenagem na caixa de música. Com um clique, ela se encaixou no lugar.

— É linda — comentou Bela ao ouvir a música. Ela ergueu o olhar, que se deteve no retrato pendurado no topo da oficina de seu pai. Mostrava a mesma imagem retratada dentro da nova caixa de música: a mulher segurando a criança e o chocalho de rosa era sua mãe, e o bebê era Bela. Era a única imagem da mãe que a jovem conhecia. — Acho que ela teria amado — acrescentou com doçura.

Mas seu pai não a ouviu. Ele estava mais uma vez perdido no mundo de suas caixas de música. Bela sabia que falar mais sobre sua mãe o deixaria triste. Então ela se virou e voltou às escadas. Ela amava tanto o pai que não queria lhe causar mais dor ou sofrimento do que ele já havia sentido na vida. Mas às vezes se perguntava se havia chances de algo mudar o destino que eles seguiam tão firmemente juntos.

CAPÍTULO III



Bela acenou para o pai enquanto ele dirigia sua carroça para fora do chalé. Philippe, o gigante gentil em forma de cavalo, jogou a cabeça no ar e relinchou alegre, pronto para a aventura.

Como fazia todos os anos, Maurice estava indo para o grande mercado, a algumas aldeias de distância, para vender suas caixinhas de música. A carroça estava carregada com cada uma das peças em que ele trabalhara no último ano, embaladas e empilhadas cuidadosamente para que ficassem protegidas durante a longa jornada. E, como em todos os anos, ele estava deixando Bela para trás. Era pela sua própria segurança, ele sempre lhe dizia. Ou porque ele não podia deixar o chalé desocupado, como acrescentava às vezes. De todo modo, sempre era a mesma coisa: ele preparava a carroça, Bela se certificava de que Philippe estava pronto para a viagem, então eles passavam pelo ritual de despedida. Bela ajeitava o lenço de Maurice em sua camisa e ele lhe perguntava:

— O que você quer que eu lhe traga do mercado?

— Uma rosa como aquela da pintura — era sempre a resposta de Bela.

Então, após um rápido abraço e um agrado em Philippe, Maurice seguiu seu caminho.

Naquele ano não foi diferente. Quando seu pai e Philippe sumiram no horizonte, Bela suspirou. *Bem*, ela pensou enquanto caminhava de volta para o chalé, *e agora?* Ela sabia que poderia ler, ou limpar, ou trabalhar no jardim. Mas, por alguma razão, nenhuma dessas coisas a apetecia naquele momento. Ela precisava fazer algo mais. Algo que a afastasse de sua própria mente — que estava começando a se encher de preocupações sobre a viagem do pai, como todo ano. Reparando na grande pilha de roupas sujas, ela ergueu uma

sobrancelha. Normalmente, ela detestava lavar roupas. As lavadeiras estavam sempre próximo à fonte, fofocando e tagarelando. Quando Bela chegasse, elas ficariam mais barulhentas e suas risadas, mais cruéis — fazendo o tempo que levava para deixar as roupas limpas se arrastar, algo excruciante. Se aquilo não demorasse tanto…

Ela olhou pela sala, notando um dos arreios de couro de Philippe e a cesta de maçãs. De repente, ocorreu-lhe uma ideia. Sorrindo, ela correu até o depósito, pegou o que precisava e seguiu para a aldeia. Para sua satisfação, quando chegou, a única pessoa na fonte era uma jovem garota de olhos tristes. Bela já havia visto a menina pela aldeia antes. Ela estava sempre sozinha e, a julgar pela forma como encolhia os ombros e evitava o contato visual, Bela tinha certeza de que ela não tinha muitos amigos. Enquanto Bela a observava, a garota mergulhou uma camisa na fonte, puxou-a de volta e começou a esfregá-la.

Levando sua pilha para a beirada da fonte, Bela começou a tirar seus apetrechos dos bolsos do avental. Ela foi até a mula de Jean, o oleiro, que estava parada próximo à porta da taverna, com sua cabeça abaixada e uma das patas traseiras erguida. Após amarrar uma ponta do arreio de Philippe no cabresto do animal, Bela prendeu a outra ponta em um pequeno barril de madeira. Então colocou todas as roupas e alguns pedaços de sabão no barril antes de erguê-lo e jogá-lo direto na fonte. O barril tombou para o lado, enchendo-se devagar de água. Bela foi até a frente da mula. Balançou uma das maçãs tentadoramente e começou a andar para trás. A mula a seguiu e Bela a guiou por um trajeto ao redor da fonte.

— O que você está fazendo?

Bela viu que a garota a estava observando com uma expressão perplexa.

— Lavando roupas — respondeu Bela de modo prático. Ela apontou para o barril. A mula o arrastava pela água, agitando o líquido e cobrindo as roupas com uma boa camada de espuma. Satisfeita com seu trabalho, Bela tirou seu livro de um dos bolsos e se sentou para ler. Relanceando para a garota, que encarava o livro com uma expressão quase faminta, Bela sorriu. — Bem, o que você está esperando?

Bela não sabia ao certo há quanto tempo estava sentada na fonte. A mula de Jean ainda dava voltas, a água estava menos ensaboada e as roupas, muito mais limpas. Mas Bela mal notava o que acontecia ao seu redor, já que estava

focada demais na garota sentada ao seu lado. Ela havia passado a manhã e uma parte da tarde tentando ensiná-la a ler. Ela sabia que os anciões da aldeia desaprovavam garotas que liam — a escola local era aberta apenas para meninos —, mas Bela nunca concordou com esse modo tacanho de pensar. Então, quando a menina se sentou na mureta da fonte e pediu quase sussurrando que Bela lhe contasse uma história, ela ficou animada em poder compartilhar as emoções da leitura com a jovem. A ideia de viver naquela aldeia e não poder escapar por meio dos livros era aterradora. E a garota vivia aquela realidade todos os dias. Bela estava determinada a mudar isso.

Elas avançaram bastante. A garota chegou muito mais longe do que Bela imaginou que seria possível. Ela apenas precisava praticar.

— O… p… pás-sa-ro azul voa… — gaguejou a garota.

— Pela floresta sombria — incentivou Bela. Ela abriu a boca para ler a próxima linha, mas foi interrompida por um grito repentino. Levantando o olhar, Bela viu o rosto magro e cruel do diretor na porta da escola. Ela suspirou. Seu momento de paz e silêncio parecia ter acabado.

— O que raios você está fazendo? — gritou ele, atacando-a. Uma fila de garotos o seguia, com seus uniformes combinados que os faziam parecer uma pequena tropa. — Meninas não leem.

Seus gritos logo atraíram a atenção de mais aldeões. Jean, o oleiro, apareceu, seguido pelo peixeiro e até mesmo por *père* Robert e Ágata. Eles esperaram para ver o que Bela diria ou faria.

Erguendo uma sobrancelha num arco perfeito, Bela encarou o olhar raivoso do diretor. Por um momento, eles permaneceram daquela forma, com olhares fixos. Então Bela se voltou para a garota e sorriu.

— Tente de novo — disse ela.

Como se ela tivesse ateado fogo a um barril de pólvora, os aldeões que haviam se agrupado se dispersaram. Alguns, como o peixeiro e o diretor, expressaram indignação com o comportamento audacioso de Bela. Outros, como *père* Robert, a aplaudiram. Em meio a tudo isso, Bela continuava sentada e inabalável. *Que o diretor grite, esbraveje e perca as estribeira*s, ela pensou. *Ele deveria estar preocupado com a educação de seus alunos*.

De repente, acima dos protestos cada vez mais altos dos aldeões que não aprovaram a atitude da garota, soou um disparo.

Assustada, Bela olhou para cima. Então revirou os olhos.

Gaston estava parado, ou melhor, posando, com uma das mãos no quadril e

a outra segurando um rifle de caça apontado para o céu. A fumaça ainda escapava da ponta da arma recém-disparada. LeFou, sempre no papel do ajudante, abria caminho entre os aldeões.

— Abram espaço, pessoal — gritou ele. — Vamos lá, não me façam falar duas vezes.

Seguindo atrás, Gaston abaixou o rifle e o entregou a LeFou. Depois, olhou para a multidão.

— Não é assim que boas pessoas se comportam — disse ele, balançando a cabeça. — Todos… para casa. *Agora!* — Se a arma não tivesse sido suficiente para chamar a atenção deles, o berro intenso deu conta do recado. Os aldeões, murmurando uns com os outros, começaram a se dispersar de vez. Em instantes, a área em torno da fonte estava quase vazia. Os únicos que restaram ali foram Bela, Gaston e LeFou. Até a garotinha se foi, aterrorizada pelo grito do herói de guerra.

Bela não sabia se ria ou se chorava. Gaston certamente achou que veio em seu resgate, mas tudo o que ele fez foi dar aos demais aldeões o que eles queriam, acabando com a aula de leitura. Isso sem falar na frustração que causou a Bela.

Ela se levantou e caminhou para longe da fonte. Gaston se apressou para acompanhá-la. Por alguns instantes gloriosos, o grande homem ficou em silêncio enquanto eles caminhavam até o chalé da jovem, e ela se perguntou se podia ter tirado conclusões precipitadas. Talvez Gaston não fosse se vangloriar de seu feito. Até que ele começou a falar.

— Eu fui muito bem naquela hora, não fui? — disse ele. — Foi como estar de volta ao comando durante a guerra…

— Isso foi há doze anos, Gaston — ressaltou Bela.

— Triste, eu sei… — disse Gaston, claramente alheio ao tom de Bela. Ele diminuiu o passo, e sua expressão ficou séria. — Bela, estou certo de que você acha que eu tenho tudo. Mas *existe algo* que me falta.

Ansiosa para se afastar, Bela apressou o passo.

— Não consigo imaginar o que seria…

— Uma esposa — continuou Gaston. Seu tom era sincero, mas a frase era ensaiada demais para soar verdadeira. — Você não vive de verdade até que veja a si mesmo refletido nos olhos de alguém.

Ah, não, pensou Bela. Era exatamente o que ela temia que acontecesse. E ela precisava cortar pela raiz qualquer conversa sobre esposas.

— E você consegue se ver nos meus? — perguntou ela, tentando falar em um tom o mais desinteressado e distante possível.

Gaston assentiu.

— Nós dois somos guerreiros — disse ele, sem dúvida se referindo ao incidente na fonte.

— Tudo o que eu queria era ensinar uma criança a ler — protestou Bela. *Não queria ser uma guerreira*, ela acrescentou mentalmente.

— As únicas crianças com quem você deveria se preocupar são… as suas próprias.

As palavras de Gaston atingiram Bela como uma carroça desgovernada. *Como se ele me conhecesse ou soubesse o que eu quero, afinal*, ela pensou. *Como ele ousa fazer tais suposições?* Ela cerrou os punhos e tentou manter a voz o mais firme possível quando disse:

— Eu não estou pronta para ter filhos.

— Talvez você não tenha encontrado o homem certo — retrucou Gaston.

— É uma aldeia pequena — Bela disparou de volta. — Eu já conheci todos eles.

— Talvez você devesse dar uma segunda olhada…

Bela balançou a cabeça.

— Já fiz isso.

— Talvez você devesse dar uma terceira olhada — continuou Gaston, alheio à indireta. — Alguns de nós estão mudados.

Chega! Bela queria gritar. Mesmo se Gaston se transformasse em Marco Antônio e ela em Cleópatra, *ainda assim* ela não desejaria estar com ele. Jamais. Nunca, jamais, de jeito nenhum.

— Olhe só — disse ela, enfim. — Nós nunca poderíamos fazer um ao outro feliz. Ninguém pode mudar *tanto* assim.

Apertando ainda mais o passo, ela tentou se desvencilhar de Gaston. Aquela conversa já tinha ido longe demais. Logo adiante, ela podia ver a porta da frente de seu chalé, como uma luz no fim do túnel.

Contudo, Gaston não estava disposto a desistir. Suas longas pernas logo cobriram a distância entre eles, com suas botas esmagando as plantas no pequeno jardim.

— Bela, você sabe o que acontece com solteironas em nossa aldeia depois que seus pais morrem? — perguntou ele, deixando de lado a delicadeza de antes. Quando Bela não respondeu, ele continuou: — Elas imploram por

moedas nas ruas. — Ele acenou para Ágata, que estava perambulando por ali. — Este é o nosso mundo, Bela. Para pessoas comuns como nós, as coisas só ficam mais difíceis.

— Eu posso ser uma garota do interior — disse Bela, subindo os degraus com Gaston em sua cola. Ela parou de repente e se virou para encará-lo. — Mas *não* sou uma garota comum. Sinto muito, mas nunca me casarei com você, Gaston.

Sem dizer mais nenhuma palavra, ela entrou e fechou a porta com firmeza, impedindo que o caçador a seguisse. Ela sabia que ele não devia ter gostado de receber uma porta na cara, mas não havia opção. Com sorte, esse seria o fim das abordagens indesejáveis de Gaston.

Um dia, ela pensou enquanto se escorava na porta, *vou encontrar alguém que me entenderá, alguém que me deixará ser eu mesma. Um dia, vou provar a todos eles. Quero muito mais do que as pessoas desta aldeia seriam capazes de compreender.*

CAPÍTULO IV



Um relâmpago reluziu, lançando sobre a floresta uma luz branca ameaçadora. Um instante depois, o vento se intensificou. Folhas voavam pelo chão, açoitando os cascos de Philippe conforme ele trotava nervosamente. Os olhos do cavalo se arregalaram quando momentos depois o estouro violento de um trovão ressoou pelo céu. Sacudindo a cabeça, ele se agitou.

De seu lugar no assento à frente da carroça, Maurice sabia o que o grande animal estava tentando dizer: *Vamos dar meia-volta agora, antes que seja tarde demais*. Mas ele também sabia que já *era* tarde demais. Eles acabaram presos no meio do lugar que os habitantes locais chamavam de floresta negra. Rumores rondavam aquele caminho denso na mata. Alguns diziam que bruxas moravam ali. Outros afirmavam que na floresta havia várias alcateias de lobos mais espertos que a maioria dos homens. Havia ainda aqueles que contavam que as árvores podiam falar. Era o tipo de lugar onde se via escuridão e olhos hostis por toda a parte.

Sem dúvida, *não* era o tipo de local para se perder à noite, especialmente durante uma tempestade.

— Talvez nós devêssemos ter virado à *direita* naquele cruzamento, velho amigo — disse Maurice, com suas mãos tremendo nas rédeas conforme mais raios riscavam o céu. — Ou talvez eu deva parar de fingir que meu cavalo entende o que falo.

Outra descarga de raios caiu. Só que, dessa vez, eles quase atingiram Maurice e Philippe. Os dois escaparam por pouco, mas uma árvore nodosa e seca não teve a mesma sorte: o raio a partiu em duas. Conforme ela se separou, uma metade caiu sobre a estrada logo à frente de Philippe. A outra metade caiu para o lado. Quando Maurice olhou de perto, notou que a segunda

metade havia caído bem próximo a um caminho estreito, antes oculto.

Olhando para a frente e para trás, Maurice ponderou o que fazer. Uma parte racional e razoável dele sabia que precisava encontrar um jeito de continuar seguindo pela estrada. Mas uma parte menor se deu conta de que isso jamais aconteceria. Pelo menos, não naquela noite. Ele não era capaz de, sozinho, carregar a carroça e Philippe por cima da árvore caída. Com um suspiro, ele agarrou as rédeas, guiando seu cavalo na direção do novo caminho.

— Vai ficar tudo bem, Philippe — disse ele quando o cavalo relinchou apreensivo. *Espero*, acrescentou mentalmente.

Conforme eles avançavam pelo caminho, Maurice ficou cada vez menos confiante de que as coisas acabariam bem. O tempo, que já estava tempestuoso, ficou pior… e mais estranho. Embora fosse verão, uma neve fraca e rodopiante começou a cair, espalhando-se pelo seu casaco e embranquecendo a pelagem cinza sarapintada de Philippe. Tudo caiu em um silêncio misterioro. O ruído dos trovões desapareceu, e logo o único som ecoando pela mata aparentemente deserta era o *ploc-ploc* dos cascos de Philippe.

Então, ouviu-se um uivo penetrante.

Um instante depois, um enorme lobo branco surgiu do meio dos arbustos, quase atingindo a carroça. Maurice deu uma olhada rápida ao redor e viu uma alcateia inteira das bestas correndo ao lado deles.

— Vamos, Philippe! — gritou ele, estalando as rédeas contra o pescoço do cavalo, como se a criatura precisasse de algum encorajamento. — Depressa!

O cavalo não perdeu tempo e disparou a pleno galope. Mas o movimento brusco não combinava com a idade da carroça e sua degradação geral. Assim que o cavalo começou a se afastar dos lobos, a carroça começou a ceder e os arreios, a se soltarem. Em questão de segundos, ela sucumbiu.

Maurice gritou quando a carroça caiu no chão e ele foi arremessado pelo ar. Ele ouviu o ruído de suas queridas caixinhas de música se espatifando na queda e os uivos sufocantes dos lobos, e soube que era uma questão de tempo até que ele também caísse e fosse destruído. Mas eis que seu corpo despencando parou de repente. Erguendo o olhar, viu que sua queda havia sido impedida por um galho baixo. Ele ficou pendurado pela roupa, sem poder fazer nada.

Livrando-se dos últimos pedaços de seus arreios de couro, Philippe deu um coice em um dos lobos com a pata traseira. Ele viu seu dono pendurado em

uma árvore e correu para baixo dela. Maurice não perdeu tempo. Esticou o braço e se soltou do galho. Quando caiu sobre o dorso do cavalo, deu um grito de *eia!*, ordenando que o animal avançasse.

Conforme eles corriam pela floresta, Maurice se agarrou à crina de Philippe. Os lobos os seguiram, com os olhos furiosos e famintos e bocas abertas que revelavam os dentes afiados.

Maurice pensou ter visto algo de relance com o canto do olho. Poderia haver algum tipo de estrutura… um refúgio seguro neste lugar desolado? Um instante depois, ele soube que não estava imaginando coisas: um gigantesco portão ornamentado, coberto de gelo, apareceu de repente adiante. Eles dispararam naquela direção, e o portão se abriu ligeiramente. Philippe o atravessou. A ponta de seu rabo mal havia acabado de passar quando os portões se fecharam. Atrás deles, os uivos dos lobos se transformaram em ganidos medrosos, até que desapareceram totalmente quando as criaturas se foram.

Se Maurice não tivesse acabado de escapar com vida e por pouco de uma alcateia de lobos, ele provavelmente pararia para analisar o sumiço repentino dos bichos, ou mesmo o estranho portão, que se abriu e fechou sozinho. Ele também se perguntaria *como* um castelo tão grande e adornado como aquele que se erguia à sua frente poderia surgir no meio do nada. Naquelas condições, entretanto, ele não parou para pensar no assunto. Em vez disso, avançou com Philippe na direção do enorme castelo e quem quer que morasse ali.

Maurice já tinha visto construções grandiosas antes. Afinal, ele havia passado a maior parte de sua vida em Paris, onde belas edificações dominavam o horizonte. Ele testemunhara o talento artístico necessário para criar tais maravilhas arquitetônicas e, sendo também um artista, admirava aqueles que transformavam suas visões em realidade. Mas nada do que vira em Paris poderia prepará-lo para o castelo que estava diante dele agora.

A estrutura parecia desafiar a gravidade, com grandes torres que se erguiam no alto do céu tempestuoso. Suas laterais eram feitas de pedras cinza esculpidas de tal forma que o castelo parecia brotar do chão. O caminho em que Philippe trotava era na verdade uma longa ponte que se estendia sobre um fosso congelado e terminava na frente da entrada colossal do castelo. À direita das portas gigantes, havia uma grande colunata. Para a surpresa de Maurice,

belas roseiras cresciam atrás das colunas, apesar do estranho clima. Rosas-brancas brotavam em todas elas, tão claras que se destacavam na neve.

Um breve arrepio de medo atingiu Maurice. Rosas crescendo na neve? Era algo sobrenatural. Tão rápido quanto veio, a sensação se foi quando ele notou o grande estábulo do castelo. A porta da construção estava aberta e uma luminária estava acesa do lado de dentro.

Maurice guiou Philippe até lá, então desmontou depressa e o conduziu para dentro do estábulo. Parou sobre a soleira e observou ao redor. Parecia um estábulo normal o suficiente.

— Água, feno fresco — constatou, acariciando o animal. — Parece que você está acomodado, velho amigo. Descanse aqui. — Ele olhou de volta para o castelo logo além e comentou: — Enquanto isso, vou cumprimentar nosso anfitrião.

Ele seguiu pelo pátio e subiu com cuidado os degraus para o que supôs tratar-se da porta de entrada do castelo. O formigamento de medo voltou conforme ele mirava uma fileira de tochas suspensas por mãos esculpidas em ferro. As mãos pareciam tão reais que Maurice não resistiu a alcançar uma delas e tocá-la, apenas para ter certeza. A mão continuou imóvel, mas as portas não. Elas se abriram de repente diante dele.

— Olá? — chamou Maurice, estudando o interior do castelo. — Tem alguém em casa?

Sua voz ecoou pelo saguão enorme e vazio. Maurice só pôde distinguir o som fraco de um cravo, vindo de algum lugar no fundo do castelo. Parecia que alguém *estava* em casa.

Deixando escapar um suspiro nervoso, Maurice entrou.

— Perdão — disse ele enquanto entrava. — Não pretendo ser um intruso. Preciso me abrigar da tempestade. Olá?

A luz fraca atravessava as janelas altas e mal iluminava o interior do castelo. Notando um mancebo, Maurice tirou seu chapéu e casaco e os pendurou para secar. Sem as camadas de roupa gelada, Maurice se sentiu um pouco melhor. Ele continuou adentrando. Focado no que estava à sua frente, não reparou que o mancebo ganhou vida assim que ele virou as costas, sacudindo a neve de suas roupas como um cão molhado pela chuva.

Maurice também acabou não reparando em um grande candelabro e um relógio de mesa ornamentado sentados em uma mesa próxima. Quando passou por eles, o candelabro se virou devagar, observando o homem.

— O que você está fazendo? — sussurrou o relógio quando o candelabro esticou o pescoço. — Pare com isso!

Imediatamente, o candelabro parou. Mas não foi por causa da ordem do relógio. Ele parou porque Maurice escutou o sussurro baixo e se virou para olhar.

Por um momento tenso, Maurice encarou o candelabro e o relógio. Ele se aproximou da mesa em que eles estavam e pegou o candelabro. Ele o segurou sob a luz fraca e o inspecionou. Virou-o de ponta-cabeça e então de volta à posição normal. Mexeu para a direita e para a esquerda. Então, deu-lhe uns petelecos. *Pim, pim, pim*. Parecendo satisfeito com a "candelabrosidade" do objeto, ele o botou de volta sobre a mesa e prosseguiu.

Por trás dele, o candelabro passava a mão na cabeça, ignorando o olhar de "eu avisei" que o relógio lhe lançava.

Maurice continuou explorando o castelo. Uma grande escadaria se erguia no meio do enorme saguão. Quase na ponta dos pés — o espaço vazio imenso fazia Maurice se sentir ainda mais intruso —, seguiu em frente contornando as escadas. O coração dele acelerou quando notou uma parede inteira coberta de armas de todos os tipos, formatos e tamanhos. Quem quer que morasse ou tivesse morado ali gostava bastante de armas.

De repente, Maurice ouviu de novo o som distante de música. Ele seguiu a melodia lenta e suave, passando por várias portas fechadas antes de chegar até uma porta dupla grande e dourada, que estava aberta. Através das imensas sombras, Maurice viu um salão de proporções colossais. A música parecia vir de um cravo empoeirado no canto. Contudo, assim que Maurice deu um passo para dentro, o som parou.

— Olá? — chamou Maurice, observando o cômodo agora silencioso. Restos da decoração havia muito deteriorada se espalhavam pelo local; ao apertar bem os olhos, ele conseguiu identificar uma janela restaurada às pressas. Mas não havia sinal de ninguém e nenhum músico sentado no banco do cravo. Maurice balançou a cabeça, perguntando-se se havia imaginado a música.

Tremendo, Maurice deu as costas para o salão. Além da música fantasma, havia algo infinitamente triste sobre o lugar. Era um cômodo feito para a diversão, e agora não passava de um espaço de degradação e tristeza. Ao caminhar de volta ao saguão, ele não pôde evitar perguntar-se o que havia acontecido ali para o salão ter aqueles ares. Talvez ele estivesse ouvindo

vestígios do passado. Maurice acabava de se livrar da melancolia que se abatera sobre ele quando, pelo canto do olho, viu algo se lançando em sua direção.

Maurice recuou assustado, com a respiração presa na garganta. Expirou quando percebeu que o que havia visto era apenas o próprio reflexo. Um espelho quebrado estava pendurado na parede. No centro, havia um grande buraco com longas lascas de vidro ao redor, como se tivesse sido golpeado com um murro. O buraco distorceu o reflexo de Maurice. Ele encarou seu rosto, com as linhas ao redor dos olhos aprofundadas e o nariz movido do meio para a esquerda. Ergueu uma mão para tocar a bochecha, como se conferisse se era realmente apenas um reflexo, e não uma mudança real em sua aparência.

Em meio ao gesto, Maurice notou o som de chamas crepitando em algum lugar próximo. Viu uma porta aberta, por onde identificou uma luz receptiva. Olhou para as suas mãos. Elas estavam tremendo com os calafrios que voltaram diante da visão do espelho sinistro. Sem pensar duas vezes, ele seguiu para o cômodo. Para o seu deleite, o fogo que ele ouvira estava alto e rugia dentro de uma grande lareira ornamentada.

— Aaah, assim está melhor — disse Maurice, dirigindo-se para a frente das chamas e juntando as mãos. — Muito melhor…

Quando a frente de seu corpo estava aquecida o suficiente, ele se virou para esquentar as costas. Seus olhos se arregalaram. A sala em que estava dava para outro cômodo. E *nesse* cômodo havia uma longa mesa de jantar coberta por um farto banquete, de um aroma delicioso. O estômago de Maurice roncou.

Ele verificou se havia outros convidados. Não tendo encontrado ninguém, deixou o calor do fogo para se aproximar da mesa. Seu estômago roncou de novo. Maurice sabia que provavelmente não deveria fazer isso, mas não pôde se conter. Ele arrancou um naco de um pão e cortou um pedaço apetitoso de queijo.

— Você se importa… Que eu apenas me sirva…? — lançou ele para o anfitrião oculto do jantar. Sua boca estava cheia, por isso as palavras saíram truncadas. Ele olhou para a mesa, esperando encontrar algo refrescante. Seus olhos pousaram sobre uma delicada xícara de chá de porcelana cheia de um líquido âmbar. Ele a estava levando até a boca quando…

— Mamãe disse que eu não deveria me mexer porque poderia ser assustador.

Maurice quase derrubou a xícara. Ela havia acabado de falar com ele?

— Desculpe.

Maurice ganiu. Aparentemente, a xícara — a xícara feita de porcelana… a xícara cheia de chá… a xícara que deveria ser apenas uma xícara — havia *falado* com ele. Duas vezes.

No instante seguinte, Maurice fez o que qualquer pessoa faria em seu lugar ao deparar com uma xícara falante: ele se virou e correu para a porta principal. Pegando seu chapéu e seu casaco do mancebo, fez uma reverência, vencido pelos seus bons modos apesar do medo que percorria seu corpo.

— Obrigado — gritou para as sombras. — De verdade, mal posso agradecer sua hospitalidade… e generosidade. — Então, cumpridos seus deveres de cavalheiro, ele escapuliu pela porta e correu pela escuridão na direção do estábulo.

Dentro de uma das baias, Philippe mastigava um bocado de feno. Vendo seu dono entrar, ele se ergueu nervoso em suas grandes patas. Maurice jogou as rédeas por cima da cabeça de Philippe e o guiou para fora do estábulo, ansioso para sair daquele castelo esquisito de uma vez por todas. Assim que ele voltou ao portão, sua atenção se deteve novamente nas colunas repletas de rosas. Ele havia *prometido* uma rosa para Bela. Por alguma razão, sentia que era especialmente importante retornar com o presente dessa vez.

Maurice fez um carinho tranquilizador no pescoço de Philippe e foi até o jardim. Nem o homem, nem o cavalo notaram a forma obscura que os mirava de cima da colunata quando Maurice entrou. E nenhum deles tampouco notou a distinta cauda ou as garras pontiagudas da figura.

— Você não é vermelha — disse Maurice, avistando uma rosa-branca perfeita entre as centenas de flores. — Mas serve. — Ele tirou um pequeno canivete do bolso e posicionou a lâmina contra o caule da rosa.

Naquele exato momento, Philippe relinchou e empinou. Maurice olhou ao redor. Não vendo nada, disparou um olhar de indagação para o cavalo e voltou sua atenção à rosa. A lâmina atingiu o caule frágil. Com um pequeno corte, a rosa caiu nas mãos ansiosas de Maurice.

— Elas são *MINHAS!*

O rugido encobriu qualquer outro som, inclusive o das batidas aceleradas do coração de Maurice e dos relinchos frenéticos de Philippe. Tremendo, Maurice olhou para cima bem na hora em que a figura obscura saltou do topo da colunata. Maurice tropeçou para trás e a rosa caiu de sua mão. Seus pés

lutaram para se firmar no chão escorregadio.

Diante dele, a sombra tomou forma. Era vagamente humana, mas, conforme se arrastou para mais perto, Maurice viu que se tratava de uma gigantesca criatura peluda. Ela andava sobre as patas traseiras e vestia um manto esvoaçante e calças azuis, mas as semelhanças humanas terminavam aí.

— Você entrou na minha casa, comeu minha comida — acusou a criatura, caindo sobre as quatro patas e rodeando Maurice. Erguendo uma pata cheia de garras, ela apontou para a rosa caída. — E é *assim* que me agradece?

Maurice tentou escapar mais uma vez, mas não conseguia firmar os pés. Antes mesmo que pudesse gritar, a criatura o agarrou com seus braços fortes e o ergueu no alto.

— Sei como lidar com ladrões — rosnou ela. Então, com um rugido, virou-se e seguiu na direção do castelo, levando Maurice junto.

Atrás dele, Philippe relinchou aterrorizado e disparou, lançando-se através dos portões do castelo e para além da floresta.

CAPÍTULO V



O sol havia acabado de nascer no horizonte quando Bela saiu para dar a refeição matinal às galinhas. Os pássaros piavam e uma brisa gentil soprava ao longo das colinas. Junto ao belo céu azul sem nuvens, era a imagem perfeita de uma manhã.

Então Bela escutou uma bufada familiar.

Ela ficou surpresa ao se virar e ver Philippe parado ao lado do portão do cercado. O corpo do animal estava trêmulo e encharcado de suor. O branco de seus olhos apareceu quando, nervoso, ele começou a bater as patas no chão.

— Philippe — disse Bela, apressando-se para abrir o cercado para que o cavalo pudesse beber água. Ela o acariciou gentilmente. — O que está fazendo aqui? Onde está…? — A mão dela parou no meio do gesto. Então começou a tremer quando ela viu as tiras rasgadas onde o arreio deveria estar amarrado. Os olhos de Bela se arregalaram ainda mais quando ela notou as rédeas estraçalhadas. Algo havia acontecido com seu pai… algo ruim.

Sem parar para pensar no que estava fazendo, Bela jogou uma sela sobre o dorso de Philippe, apertou ao redor do animal e colocou novas rédeas sobre sua cabeça. Ela sabia que era pedir demais ao cavalo, mas ele era o único que sabia onde estava Maurice. Ela montou o animal e o guiou adiante.

Bela sabia que seu pai fora para a floresta. Disso ela tinha certeza; era a rota que ele sempre pegava. Mas, assim que Philippe deixou o interior familiar da aldeia e galopou floresta adentro, suas esperanças enfraqueceram. Aquela parte da floresta era enorme. Encontrar um homem naquela imensidão parecia quase impossível.

— Rápido, Philippe — disse ela enquanto o cavalo rodeava uma árvore que havia sido partida ao meio. — Leve-me até meu pai.

A mata ficou ainda mais fechada e o céu, mais escuro, mas Philippe mergulhou destemido nas sombras. Bela examinou o chão e as laterais do pequeno caminho. De repente, avistou a carroça do pai. Estava no chão, tombada. As belas caixinhas de música estavam espalhadas, algumas tão quebradas que não tinham conserto, outras um pouco menos danificadas. Mas não havia sinal de seu pai.

Cutucando Philippe com os calcanhares, ela o apressou. O cavalo galopou adiante, parecendo reconhecer o caminho estreito e sinuoso. Bela quis acreditar que aquele era o trajeto que seu pai havia percorrido.

Para seu alívio, um portão surgiu alguns instantes depois. Além das grossas barras de ferro, ela avistou um gigantesco castelo de pedra. Philippe relinchou. Seu pai tinha que estar ali, em algum lugar. Bela podia sentir. Ela desmontou apressada e acariciou Philippe. Sussurrou palavras de encorajamento, levando-o para dentro dos portões, então pediu que ele aguardasse. Ela se moveu para subir os degraus de pedra, mas parou de repente. Bela não estava disposta a correr para dentro do estranho castelo sem levar nada com que se defender. Vasculhando ao redor, ela avistou um galho grosso caído no chão. Ela o pegou e o segurou acima da cabeça, empunhando-o como um porrete. Só então ela subiu até as portas da frente.

Bela nem se deu ao trabalho de bater na porta. Se o seu pai estivesse mesmo em algum lugar ali dentro, ela não queria perder tempo para achá-lo. Ela empurrou as portas e se viu em um saguão gigantesco. Algumas velas penduradas nas paredes mal proviam luz suficiente para iluminar o espaço. Endireitando os ombros, Bela respirou fundo e adentrou o castelo.

Enquanto caminhava até a grande escadaria, seus olhos se acostumaram à escuridão. Ela ouviu sussurros abafados, mas não distinguiu ninguém. Duas vozes se ergueram e se abaixaram, então ela ouviu uma frase pronunciada tão claramente como o dia:

— Mas e se for ela? Aquela que vai quebrar o feitiço?

— Quem disse isso? — perguntou Bela, observando na direção de onde as vozes pareciam vir.

Nada.

— Quem está aí?

Ainda nada.

Então, de algum lugar no fundo do castelo, Bela ouviu o som inconfundível de alguém tossindo. *Papai*. Não importava quem estava sussurrando. Ela só

precisava encontrar o pai. Bela agarrou um candelabro de uma mesa próxima e subiu a longa escadaria. Quando chegou ao fim das escadas labirínticas, ela se viu em uma torre que, para o seu pavor, era usada como prisão. Havia uma porta de grades de ferro do outro lado da escadaria. As barras eram tão grossas que era impossível ver com clareza através delas, mas ela pôde identificar o formato de alguém sentado do lado de dentro.

— Papai? — chamou Bela. — É você?

— Bela? — respondeu Maurice com uma voz abafada. — Como você me encontrou?

Bela atravessou correndo a torre sombria e caiu de joelhos na frente da porta. Uma pequena abertura deu-lhe espaço suficiente para enxergar seu pai. Ele estava curvado, e seus ombros tremiam. Quando seus olhos se encontraram, ela soube imediatamente que ele não estava bem. Pousando o candelabro no chão, ela colocou a mão através do buraco. Seus dedos se fecharam sobre a mão do pai.

— Oh, papai — disse ela, abatida pela tristeza. — Suas mãos estão geladas. Precisamos levá-lo para casa.

Para sua surpresa, Maurice discordou:

— Bela, você precisa ir embora daqui! — Quando ela o ignorou e começou a usar o galho para golpear o cadeado de ferro, ele ficou ainda mais nervoso. — Pare! Eles vão ouvi-la!

Bela parou.

— Quem são eles? — perguntou ela, inclinando a cabeça. Bela se lembrou das vozes fantasmagóricas que ouvira antes. — Quem fez isso com você?

— Não há tempo para explicar! — disse seu pai. — Você *tem* que ir!

Bela balançou a cabeça, teimosa.

— Eu não vou deixá-lo!

Maurice sufocou um gemido. Ele sempre amara a tenacidade e a coragem da filha, mas naquele momento só queria que ela lhe obedecesse. Ele não conseguiria lidar com a ideia de ver sua doce garotinha encontrando a criatura que o prendera naquela cela.

— Bela, este castelo está vivo! — contou ele, tentando fazê-la entender. — Você precisa sair daqui antes que ele a encontre!

— Ele? — repetiu Bela.

Antes que Maurice pudesse abrir a boca para responder, um rugido ecoou pela torre. Bela se virou rapidamente, erguendo o galho no ar. Mas era inútil.

Ela não pôde ver nada entre as sombras. Podia, no entanto, ouvir uma voz: uma voz profunda e retumbante que parecia cercá-la e fazia seu coração bater mais rápido.

— Quem é *você*? — disse a voz. — Como entrou aqui?

— Vim buscar meu pai — disse Bela, tentando soar mais corajosa do que se sentia. — Liberte-o.

A voz soou mais perto quando sussurrou as palavras seguintes:

— Seu pai é um ladrão.

Bela recuou como se tivesse sido atingida, e seu medo se transformou em indignação. Como a voz ousava acusar seu pai daquela forma?

— Mentiroso! — gritou ela. Seu pai era um homem amável e bondoso. Ele era um homem gentil e jamais faria nada como…

— Ele roubou uma rosa! — urrou a voz.

Conforme Bela virou a cabeça na direção do pai, seus olhos castanhos cruzaram com os dele. A culpa a inundou quando ela se deu conta do que devia ter acontecido.

— Eu pedi a rosa — disse ela em um suspiro.

— Bela… — falou Maurice com tristeza, confirmando o que ela já sabia. Seu pai pegou a rosa apenas porque foi a única coisa que ela lhe havia pedido. Era por culpa *dela*, e somente dela, que ele estava naquela cela.

— Sou eu quem deve ser punida, não ele — afirmou Bela, desviando os olhos de seu pai e falando com a fonte invisível da voz.

— Não! — gritou Maurice angustiado. — Ele pretende me manter preso para sempre. Aparentemente, é isso que acontece por aqui com quem pega uma flor.

Bela franziu a testa.

— Prisão perpétua por causa de uma rosa? — questionou ela para as sombras, esperando que seu pai estivesse enganado.

— *Eu* recebi a condenação eterna por causa de uma rosa. — A voz emergiu da escuridão. — Estou apenas aprisionando-o.

Houve uma pausa, como se o dono misterioso da voz estivesse distraído, pensando em alguma memória distante. Então a voz soou de novo, mais cruel do que nunca.

— Agora… você ainda quer ficar no lugar de seu pai?

Bela estava farta de conversar com o vazio. Ela queria ver com quem estava negociando sua vida.

— Mostre-se — exigiu ela.

Atrás dela, seu pai murmurou:

— Não… — E cambaleou de volta para sua cela.

A voz não respondeu. Bela pegou o candelabro que estava ao lado da prisão e o ergueu. Por um breve momento, a luz a cegou. Quando, porém, seus olhos se ajustaram, Bela engasgou.

Parada diante dela estava uma criatura enorme, diferente de todas que Bela já tinha visto. Grandes chifres brotavam de sua cabeça, e seu maxilar se projetava para a frente. O corpo todo era coberto de pelos castanho-dourados e músculos rígidos. Foi díficil para Bela dizer o quão grandes eram as patas dianteiras daquele ser, uma vez que estavam cerradas em punhos, mas as patas traseiras eram largas e compridas, com garras afiadas que brilhavam quando a luz as atingia. A palavra *fera* veio à sua mente enquanto ela a encarava. A criatura parecia ter saído de um pesadelo: o monstro à espreita dos contos de fadas que ela lera na infância.

Quando Bela ergueu os olhos para encontrar os da Fera, ela se surpreendeu com quão humanos eles eram… quão cheios de dor. Azuis como o céu ao amanhecer, eles a encararam de volta, atormentados. Ela sentiu uma estranha pontada de compaixão pela gigantesca criatura. Então…

— *Escolha!* — Os lábios da Fera se retraíram sobre suas presas afiadas conforme ele rosnou a ordem.

Todos os sentimentos além de medo e aversão desapareceram. Bela olhou para trás, na direção do pai, que implorava para ela não fazer algo inconsequente.

— Mas você vai morrer aqui — disse ela, com a certeza absoluta de que era a verdade.

— *EU MANDEI ESCOLHER!* — rugiu a Fera de novo.

— Não, Bela — disse Maurice, tentando argumentar com sua filha obstinada. — Eu não pude salvar sua mãe, mas posso salvar você. Vá embora agora! — Mas suas palavras perderam força quando um acesso de tosse lhe atingiu. A tosse castigou seu corpo já enfraquecido e deixou Bela de coração partido.

— Tudo bem, papai. Eu vou embora — disse Bela, tentando tranquilizar Maurice para que a tosse parasse. Então ela se virou para a Fera. — Abra a porta. Eu preciso de um minuto a sós com ele. — Ela esperou que a enorme criatura fizesse algo. Não fez. — Por favor? — Ele continuou ignorando seu

pedido. A raiva queimou seu peito mais uma vez, quente e feroz. — Você é tão desumano que não deixará uma filha dar um beijo de despedida no pai? A eternidade pode esperar um minuto!

O peito de Bela se ergueu enquanto ela esperava a resposta da Fera. Por um longo e tenso momento, ele apenas a encarou com olhos frios e cruéis, e ela se perguntou se havia ido longe demais. Ele deu um passo na direção dela, estendendo sua pata gigante. Ela fechou os olhos e se preparou para a retaliação.

Bela ouviu um ruído metálico. Ao abrir os olhos, viu que a Fera havia aberto a porta da cela. Ele gesticulou para que ela entrasse.

— Quando esta porta se fechar — alertou ele assim que ela passou —, não se abrirá mais.

Bela não hesitou. Correu para dentro e abraçou o pai.

— Sinto muito, papai — soluçou ela. — Eu deveria ter ido com você!

Maurice colocou as mãos nos ombros da filha e gentilmente a empurrou para olhá-la nos olhos.

— Não, a culpa foi minha — disse ele, balançando a cabeça. Alcançou o rosto dela e apertou a bochecha de Bela, como fazia quando ela era uma garotinha. Esse toque sempre a tranquilizara, mas agora apenas a deixou triste. Ele continuou, com a voz embargada de emoção: — Escute, Bela. Esqueça-me. Eu tive minha vida…

— Esquecer você? — repetiu Bela, desacreditada. — Como eu poderia? Devo a você tudo o que sou.

As palavras de Bela pareceram atingir Maurice como um soco no estômago. Ele olhou para a filha como se a visse pela primeira vez: não a garotinha doce e esperta que criou sozinho, mas a mulher corajosa e forte que ela se tornara. Tudo isso era demais para o velho homem. As lágrimas inundaram seus olhos.

— Já chega. — A voz ríspida da Fera golpeou pai e filha. — Ela deve ir embora.

Bela e Maurice se agarraram em um abraço.

— Agora! — A voz da Fera os separou.

— Eu te amo, Bela — disse Maurice. — Não tenha medo.

— Eu te amo, papai. Não estou com medo — disse Bela, inclinando-se para a frente e beijando-o gentilmente na bochecha. Após fazer isso, ela movimentou seu corpo de modo que ficasse de costas para a porta da cela e colocou as mãos sobre os ombros do pai. Então, com um sussurro baixo, ela

acrescentou: — E eu vou escapar. Prometo…

Antes que Maurice pudesse detê-la, Bela girou o corpo depressa. A força do movimento empurrou seu pai através da porta um segundo antes de a Fera fechá-la com violência. Caindo no chão, Maurice gritou ao se dar conta do sacrifício que sua filha havia acabado de fazer.

A realidade dos fatos pareceu atingir a Fera no mesmo instante. Enquanto Maurice ficou obviamente devastado, a Fera parecia confusa.

— Você tomou o lugar dele? — a Fera perguntou a Bela. — Por quê?

— Ele é meu pai — respondeu ela sem hesitar.

— Ele é um tolo — retrucou a Fera. — E você também é. — Sem dizer mais nenhuma palavra, ele agarrou Maurice pela camisa e começou a arrastá-lo para fora.

Bela segurou o soluço que ameaçou escapar de sua garganta. Ela observou em silêncio enquanto seu pai e a Fera desapareciam escada abaixo. Esperou até ter certeza de que estava sozinha e, apenas quando a quietude se apossou totalmente da torre, desabou no chão. Conforme as lágrimas caíam, mais frias e pesadas que a neve lá fora, um pensamento ecoou em sua mente: o que seria dela agora?

CAPÍTULO VI



A Fera estava cansada — cansada e perplexa. Não entendia como acabou mantendo uma bela jovem como prisioneira enquanto o pai dela, o verdadeiro ladrão, estava agora a caminho do conforto de seu lar. Balançou a cabeça. Não, não fazia sentido nenhum.

Na verdade, ele pensou ao abrir a porta da frente do castelo, havia muito, muito tempo que nada fazia sentido em sua vida.

Disparando pelo saguão, a Fera quase trombou em Lumière e Horloge. O candelabro e o relógio aguardavam ansiosos pelo seu retorno.

— Mestre — começou Lumière —, já que a garota vai ficar conosco por um bom tempo…

— E espero que "para sempre" tenha sido um exagero — intrometeu-se Horloge, com seu tom perfeitamente educado e sóbrio, como era de se esperar de um mordomo. — Nós não temos equipe suficiente para uma estada tão longa… — A voz dele sumiu quando a Fera se virou e o encarou.

Sem intimidar-se, Lumière prosseguiu:

— Seja por um dia ou pela vida inteira — disse ele suavemente —, imagino que vá querer oferecer a ela um quarto mais confortável.

— Este castelo inteiro é uma prisão — disse a Fera de forma rude. Enquanto falava, Chapeau, o mancebo, tentou pegar seu manto. A Fera o empurrou para longe e continuou andando em direção à grande escadaria. Por cima do ombro, acrescentou: — Que diferença faz uma cama? — Sem esperar por uma resposta, ele desapareceu nas sombras.

Horloge esperou até ter certeza de que seu mestre não poderia ouvi-lo e ainda assim falou bem baixinho:

— Sim. É uma prisão graças a você, vossa alteza. Eu simplesmente adoro

ser um relógio. — Ele suspirou amargamente. Como encarregado da casa, Horloge sabia que deveria ter uma imagem respeitável em todos os momentos. Mas às vezes era difícil. Era duro lembrar que ele e todos os outros integrantes da equipe estavam naquele estado por culpa do mestre, que ainda tinham que servir. — Eu sabia que ele não iria concordar.

— Mas tecnicamente… ele não disse não — disse Lumière. Lançando um sorriso dissimulado para Horloge, o candelabro seguiu na direção das escadas que levavam à prisão na torre.

Atrás dele, Horloge permanecia imóvel. Ele sabia o que Lumière tinha em mente. O lacaio romântico era tão fácil de ler quanto um livro. Ele queria libertar a garota e colocá-la em algum lugar mais notório; tinha esperança de que ela pudesse ser a jovem que quebraria a maldição lançada sobre eles, a maldição que perdurara durante todos esses anos por uma razão óbvia: a Fera era uma besta, literal e figurativamente. E a magia que a feiticeira conjurou exigia que alguém o amasse mesmo assim.

Horloge suspirou. Sabia que seu amigo tinha boas intenções. Já ele era realista. Não importava onde a garota descansaria a cabeça, ela jamais amaria a Fera. E, se Lumière fizesse o que pretendia e a tirasse da prisão, isso apenas enfureceria o mestre. Horloge se apressou até as escadas. Ele precisava deter Lumière antes que o candelabro fizesse algo de que todos se arrependeriam.

Porém, Lumière já havia aberto a porta da cela.

— Perdoe minha intrusão, *mademoiselle* — disse ele na escuridão —, mas o mestre me enviou para acompanhá-la até seu quarto.

Bela estava sentada no chão com as bochechas molhadas de lágrimas. Ouvindo a voz de Lumière, ela se levantou.

— Meu quarto? — Ela parecia confusa. — Mas pensei que…

— Pensou errado — interrompeu Lumière. — Ele é uma fera, não um monstro.

Um instante depois, Bela surgiu na porta da cela, segurando um banquinho acima de sua cabeça. Ela olhou ao redor procurando a origem da voz.

— Olá — disse Lumière.

Olhando para baixo, Bela viu Lumière acenando para ela com um de seus braços. Ela gritou. Então, como se ele fosse um rato que a assustara na despensa, Bela arremessou o banquinho contra Lumière, atirando-o no chão. As velas do candelabro se apagaram, mergulhando a torre na escuridão.

Uma a uma, as três velas reacenderam. Enquanto Bela observava, as luzes

revelaram dois olhos e uma boca no metal estilizado.

— O que você é? — perguntou ela finalmente.

— Eu me chamo Lumière — respondeu o candelabro, lançando para Bela um sorriso que só poderia ser descrito como malicioso.

— E você fala — observou Bela.

De repente, Horloge entrou gingando na torre. Ele estava sem fôlego por causa da longa subida e por um momento apenas ficou parado, com seu pequeno peito de relógio arfando.

— É claro que ele fala — comentou ele. — De que outra maneira ele poderia se comunicar? — Ele colocou as mãos nos quadris e encarou Lumière. — Como encarregado da casa, exijo saber o que você está fazendo.

— É melhor pedir perdão do que permissão — respondeu Lumière de modo enigmático.

Enquanto a dupla discutia, Bela voltou devagar para a cela. Ela reapareceu momentos depois com uma jarra de água nas mãos. Vendo a arma potencialmente perigosa, Lumière ergueu um braço dourado.

— Um momento, *mademoiselle*… — disse ele. Então puxou Horloge para seu lado. Ele abaixou o tom de voz para um sussurro. — Se nós não quebrarmos a maldição antes que a última pétala caia, nunca mais seremos humanos. O que você quer ser pelo resto da sua vida, Horloge: um homem ou um relógio de mesa?

Horloge franziu a testa. Lumière tinha razão. Ainda assim…

— Se ele nos pegar…

— Nós seremos discretos — prometeu Lumière. Ele olhou para Horloge com uma expressão que beirava o desespero. Enfim, o relógio assentiu minimamente. Lumière não perdeu tempo. Virando-se, ele olhou de volta para Bela. — Pronta, senhorita? — perguntou, fazendo uma reverência e apontando uma de suas velas na direção da saída.

Bela olhou para a frente e para trás do candelabro e do relógio. Então ela olhou para a cela. Embora nenhuma das opções fosse exatamente reconfortante, seguir os objetos domésticos falantes pelo menos significava sair da prisão. Respirando fundo, ela se inclinou para baixo, pegou Lumière e seguiu Horloge para fora da torre.

Enquanto o trio passava por um longo caminho de pedra, os olhos de Bela miravam tudo ao seu redor. Mas ela não conseguia encontrar nenhuma rota de

fuga, não importava para onde olhasse. A mata que se estendia por trás do castelo era vasta e um pouco intimidadora.

Muito embora, ela pensou enquanto olhava para seus acompanhantes, o castelo não a fizesse se sentir exatamente acolhida. Ela observou Lumière e Horloge e, pela enésima vez, resistiu ao impulso de virar o candelabro de cabeça para baixo e procurar pelas cordas que deveriam o estar movendo. E mais uma vez ela conteve sua vontade de espiar por cima do ombro para tentar encontrar o ventríloquo que deveria estar espreitando em algum lugar próximo, projetando sua voz nos dois objetos que ela tinha certeza de serem inanimados. Em ambos os casos, ela se controlou porque sabia que não daria certo. De alguma forma, o candelabro e o relógio estavam *vivos*.

— Não se deixe levar pela primeira impressão — disse Lumière, como se adivinhasse seus pensamentos. — Espero que você não esteja muito assustada.

— Assustada? — repetiu Bela, com um sorriso sarcástico. — Por que eu estaria assustada? Estou falando com uma vela.

Lumière pareceu horrorizado.

— Can-de-la-bro — corrigiu ele, pronunciando cada sílaba. — A diferença é enorme. Mas esperamos que aproveite sua estada aqui. O castelo é seu lar agora, então fique à vontade para ir aonde quiser…

— Exceto à ala oeste.

Bela e Lumière se viraram ao mesmo tempo para encarar o relógio. Enquanto Lumière disparou um olhar do tipo "você poderia ficar calado, por favor?", Bela o fitou com curiosidade. Ela abriu a boca para perguntar onde ficava a ala proibida, mas foi interrompida por Horloge, que tentou disfarçar, acrescentando:

— Que nós não temos.

Era tarde. Bela queria saber mais.

— Por quê? O que há na ala oeste?

— Hum… — gaguejou Lumière, com as chamas de suas velas piscando nervosamente. — Nada. Apenas um depósito.

Bela ergueu uma sobrancelha, claramente duvidando da explicação do candelabro. Ela ergueu seu braço para que Lumière iluminasse uma janela curva de pedra, revelando uma torre que se erguia na parte oeste do castelo. A lua apareceu no horizonte, lançando uma luz sinistra na construção. Bela poderia jurar que tinha visto a sombra da Fera na luz branca e ouvido um grito angustiado. Estremecendo, abaixou o candelabro.

— Por aqui, por favor — disse Lumière, ansioso para seguir em frente.

Com uma última olhada para trás, Bela suspirou e voltou a seguir Horloge enquanto ele andava se balançando por um corredor e depois outro, até parar diante de uma grande porta.

— Seja bem-vinda ao seu novo lar — apresentou Lumière em um tom grandioso.

A mão de Bela pairou sobre a maçaneta da porta. Uma parte dela queria girá-la. A outra estava aterrorizada. Ela não fazia ideia do que esperar. Se o quarto fosse como todo o resto no castelo, com camadas de poeira, retratos tristes e opressores e mobília decadente, ela teria que insistir para que a levassem de volta à torre.

Ela respirou fundo, girou a maçaneta e abriu a porta. A luz das três velas de Lumière encheu o espaço. Bela engasgou. Ela estava olhando para um quarto verdadeiramente deslumbrante, muito mais elegante que qualquer um que ela tivesse visto na vida real ou imaginado em suas histórias.

Como em um sonho, ela entrou a passos lentos. Seus olhos se deleitavam com cada detalhe esplêndido do cômodo. Havia um armário branco e dourado encostado em uma das paredes, em outra estava uma linda escrivaninha. Junto a ela, havia uma cadeira revestida de um rico veludo, e em um canto da mesa empilhavam-se papéis perfeitamente brancos. Oposta a uma série de grandes janelas panorâmicas cobertas por grossas cortinas de cetim, estava uma cama com dossel que ocupava quase um terço do quarto. E, encostada em um canto, havia uma penteadeira graciosa e delicada, com um espelho emoldurado em ouro. Até o teto do quarto era de tirar o fôlego: nuvens brancas haviam sido pintadas em um céu azul perfeito, com detalhes tão reais que Bela pôde jurar que tinha visto as nuvens se moverem.

— É… lindo — disse ela por fim, quando se deu conta de que Lumière e Horloge a estavam olhando, ansiosos por uma resposta.

Lumière abriu um largo sorriso enquanto Horloge assentiu com uma apreciação mais contida.

— É claro. O mestre queria que você tivesse o melhor quarto do castelo — comentou Lumière, dirigindo-se à cama e saltando sobre ela. Uma nuvem de poeira emergiu no ar. — Oh, céus! Não estávamos esperando visitas.

Como se tivesse recebido um sinal, um espanador de pó invadiu o cômodo. Os olhos de Bela se arregalaram quando o objeto se moveu rapidamente de superfície em superfície, limpando tudo até que estivesse brilhante. Ao

terminar, o espanador se curvou na direção de Bela.

— Encantada, *mademoiselle*! Não se preocupe, vou deixar este quarto impecável em um piscar de olhos. — Então se virou e pulou nos braços de Lumière e disse, com uma risadinha: — Este seu plano é… perigoso.

Foi a vez de Bela abafar uma risadinha quando Lumière remexeu as sobrancelhas e respondeu:

— Eu correria qualquer risco para beijar você de novo, Plumette… — Ele se inclinou para perto dela e franziu os lábios.

Plumette o impediu.

— Não, meu amor — disse ela, com a voz séria. — Você já me queimou antes. Precisamos ser fortes.

— Como posso ser forte se você me deixa tão fraco? — replicou Lumière.

Bela desviou os olhos do par romântico e voltou sua atenção para os outros itens no quarto.

— Tudo aqui está vivo? — perguntou ela, pegando uma escova. — Olá, qual o *seu* nome?

Horloge olhou para Bela e sacudiu a cabeça.

— Ahn… isso é uma escova de cabelo — disse ele, como se estivesse assinalando o óbvio.

Bela abriu a boca para perguntar quais eram exatamente as regras para objetos encantados quando, de repente, um ronco alto soou atrás dela. Virando-se, ela soltou um gemido quando as gavetas do armário se abriram e fecharam sozinhas no ritmo do ronco.

— Não se assuste, *mademoiselle* — tranquilizou Lumière. — Este é apenas seu guarda-roupa. Conheça Madame de Garderobe, uma grande cantora.

O guarda-roupa soltou um longo e alto bocejo.

— Ela é ainda melhor na arte de dormir — acrescentou Horloge ao se aproximar e cutucar o guarda-roupa.

Com um grunhido, Madame de Garderobe acordou. Ela piscou para despertar e deu um gritinho de surpresa quando notou sua plateia.

— Horloge! — exclamou ela de forma exageradamente dramática. — Seu despertador importuno. Uma diva precisa de seu sono de beleza!

As molas de Horloge se apertaram diante do insulto e sua boca se abriu, pronta para repreender Madame de Garderobe, mas Lumière não lhe deu a chance. Ele se intrometeu antes que o relógio pudesse dizer uma palavra.

— Claro que precisa, madame — disse com sua voz mais branda. —

Perdoe-nos, mas temos alguém para você vestir.

Avistando Bela pela primeira vez, Madame de Garderobe soltou um grito animado.

— Finalmente! — disse ela. — Uma mulher! — Então, como se estivesse fazendo um inventário, Madame de Garderobe tomou nota de Bela. — Lindos olhos. Rosto altivo. Uma manequim perfeita. Sim! Vou encontrar algo digno de uma princesa. — As gavetas da frente do guarda-roupa se abriram e fecharam no que Bela imaginou ser uma forma de bater palmas.

— Mas eu não sou uma princesa — disse Bela.

— Bobagem! — Madame de Garderobe descartou o protesto de Bela. — Agora vamos ver o que eu tenho nas minhas gavetas. — Abrindo a gaveta de cima, ela gritou quando algumas traças voaram para fora e falou: — Que constrangedor!

Para a surpresa de Bela, ambos os lados do guarda-roupa passaram de branco para um tom rosa suave. O móvel estava corando!

Antes que Bela pudesse perguntar como algo assim era possível — como *qualquer* coisa daquelas era possível, aliás —, Madame de Garderobe começou a puxar coisas desorganizadas de suas gavetas e cabides. Uma grande crinolina passou pela cabeça de Bela, seguida por pelo menos quatro vestidos diferentes, cortados aqui e ali pelo guarda-roupa para serem usados como tecidos. Bela ia sendo virada e rodopiada enquanto o guarda-roupa montava um traje.

Quando Madame de Garderobe parou para respirar, Bela espiou seu reflexo no espelho do outro lado do quarto. Para seu pavor, ela viu que o guarda-roupa havia mesmo criado algo com o que tinha em suas gavetas. Mas o resultado era a combinação mais espalhafatosa que Bela já vira. A roupa parecia engoli-la em tons de azul, rosa e amarelo. Flagrando a reação de Lumière, Bela viu que o candelabro estava igualmente assombrado. Mas tanto ele quanto Horloge recuaram na direção da porta. Eles sabiam que não deveriam importunar Madame de Garderobe durante uma de suas criações.

— De qualquer forma — disse Lumière —, se você precisar de algo, os empregados a atenderão. Estamos ao seu dispor. *Au revoir!* — Após uma longa reverência, ele agarrou Horloge e deslizou para fora do cômodo. Plumette os seguiu logo depois. Então, a porta se fechou, deixando Bela sozinha com Madame de Garderobe.

Bela não hesitou. Ela sentia que, se quisesse respostas, a diva em forma de

guarda-roupa seria o objeto indicado para oferecê-las. Virando-se para Madame de Garderobe, ela fez a pergunta que a intrigava desde que Lumière havia se revelado.

— Como vocês vieram parar aqui?

Como ela suspeitava, os olhos de Madame de Garderobe se acenderam diante da oportunidade de fofocar. Apoiando seu grande corpo na cama, ela foi abaixando a voz até virar um sussurro conspiratório.

— Tudo começou com uma noite tempestuosa e um pequeno príncipe mimado… — Mas a voz de Madame de Garderobe desapareceu entre roncos suaves quando o sono a venceu.

Bela suspirou. Parecia que ela não conseguiria respostas, afinal. Pelo menos não tão cedo. Bela se livrou depressa do vestido desastroso e olhou ao redor do quarto. Estava sozinha, com sua única guardiã dormindo profundamente. Agora era hora de tentar uma fuga. A única dúvida era: como?

CAPÍTULO VII



Gaston ainda não podia acreditar. Ele havia sido rejeitado. Friamente, categoricamente, completamente rejeitado. Sentado em *sua* cadeira favorita em *seu* canto preferido na taverna da aldeia — bem embaixo da parede que exibia todas as galhadas e troféus que *ele* havia ganhado —, Gaston não conseguia se livrar da sensação ruim na boca do estômago. Nem mesmo LeFou, sentado ao seu lado e lhe dizendo o quanto ele era fantástico, dissolvia a tristeza que ele sentia.

— Imagine, LeFou — disse Gaston, dando um grande gole em sua bebida. Ele gesticulou com as mãos. — Uma cabana rústica. Minha última caçada assando ao fogo. Crianças adoráveis correndo à nossa volta enquanto minha amada massageia meus pés cansados.

— Ooh! O que está assando ao fogo? — perguntou LeFou, sempre um espectador cativo e interessado. — São os pequenos detalhes que realmente compõem a imagem.

Gaston disparou um olhar para o pequeno homem por ter interrompido seu monólogo.

— E aí, o que Bela diz? — perguntou o belo homem, com a imagem já clara o bastante em sua mente. — "*Nunca* me casarei com você, Gaston." — Ele bateu o copo na mesa em um acesso de raiva.

— *Existem* outras garotas — ressaltou LeFou. Ele acenou para trás, para um grupo de mulheres. Gaston mal olhou para elas, mas foi o suficiente para causar risadinhas.

LeFou estava certo. Gaston poderia escolher qualquer uma das garotas da aldeia… ou da próxima aldeia. Ou de qualquer aldeia, a propósito. Mas não era esse o ponto. Ele não queria nenhuma daquelas mulheres.

— Um grande caçador não desperdiça seu tempo com coelhos — disse ele. Suas palavras ecoaram pela taverna, arrancando sorrisos de flerte do rosto das garotas.

Afundado em sua cadeira, Gaston brincava distraído com um pedaço de linha solta da almofada surrada. LeFou tentava animá-lo, mas ele mal prestava atenção. Os argumentos do parceiro — de que ele era o mais corajoso, mais forte e mais admirado homem da aldeia — estavam batidos. Gaston já ouvira todos antes. E, claro, ele sabia que era tudo verdade. Ele era excepcional. Ele era o herói da aldeia, o melhor caçador que havia; era bom até mesmo com decoração — galhadas davam um toque especial aos cômodos, em sua opinião —, e ninguém duvidava que ele era o maior e mais bonito dos homens.

Mas de que adianta tudo isso ser verdade, pensou Gaston, *se Bela não reconhece?*

Naquele instante, a porta da taverna se abriu. Maurice apareceu na entrada. Seus olhos estavam ferozes e suas roupas, rasgadas. Ele se segurou no batente quando um acesso de tosse abalou seu corpo.

— Socorro! — disse ele assim que a tosse acalmou. — Alguém me ajude! Temos que ir… Não há tempo a perder…

Enquanto falava, Maurice se moveu para dentro da taverna, buscando o calor do fogo que rugia na lareira. Vendo como o homem estava desequilibrado, o dono da taverna tentou acalmá-lo:

— Ei, ei, ei. Devagar aí, Maurice.

Maurice balançou a cabeça.

— Ele pegou Bela… Trancou-a em uma masmorra!

Gaston se endireitou na cadeira, interessado.

— Quem a pegou? — perguntou o dono da taverna.

— Uma fera! — respondeu Maurice. — Uma fera monstruosa e horrível!

Chocados com as palavras do homem, todos no local ficaram em silêncio — por um momento. Então Jean, o oleiro, ergueu sua caneca.

— O que você colocou nesse negócio? — perguntou ele com um sorriso, rompendo o silêncio.

O dono da taverna balançou a cabeça.

— Não olhe para mim — retrucou ele. — Ele acabou de chegar aqui.

Na outra ponta do balcão, um mendigo que *não* havia acabado de chegar levantou o olhar. O homem estava ainda mais esfarrapado do que Maurice, com a vista embaçada e o rosto abatido. Ele relanceou para Maurice e acenou,

como se estivessem juntos nessa.

— O que ninguém fala é que havia um castelo e ninguém consegue se lembrar dele! — disse o mendigo.

Risadas encheram a taverna.

— Não! — disse Maurice. — Ele está certo! A vida da minha filha está em perigo, por que vocês estão rindo? Não é uma piada! O castelo está escondido na floresta. E já é inverno por lá!

— Inverno em junho? — perguntou Jean, rindo. — O velho Maurice está louco.

— Por favor, escutem! — implorou Maurice, observando os rostos apáticos ao redor. — A Fera é real. Ninguém vai me ajudar?

Encostando-se em sua cadeira, Gaston permaneceu em silêncio. O pai de Bela era um homem estranho. Sempre fora. Mas, enquanto o homem continuava implorando por ajuda, uma ideia começou a brotar na mente de Gaston. Uma ideia que poderia lhe dar exatamente o que queria e fazer dele (novamente) um herói.

Rapidamente, Gaston se levantou.

— Eu vou ajudá-lo, Maurice — ele disse, solene.

— Vai? — perguntou LeFou, perplexo com a generosidade repentina de seu amigo.

Gaston se virou, piscou para LeFou e moveu os lábios em um "apenas observe" silencioso. Então se pronunciou:

— Todos vocês! Parem imediatamente de zombar deste homem! — No mesmo instante, as risadas se foram. Gaston assentiu. Ele era *mesmo* o homem mais respeitado da aldeia.

Maurice correu até ele e caiu de joelhos.

— Obrigado, capitão — disse ele, grato. — Obrigado.

— Não me agradeça, Maurice — retrucou Gaston, puxando o idoso para ficar de pé. — Leve-nos até a Fera.

Ainda murmurando seus agradecimentos, Maurice saiu da taverna. Gaston e LeFou trocaram olhares enquanto o seguiam. Os outros clientes, vendo o admirável Gaston em uma missão, também os acompanharam. Logo havia uma parada marchando pela aldeia. A comoção convocou mais aldeões, que se juntaram ávidos ao grupo mesmo sem nem saber o que estava acontecendo.

— Entendi o que você está fazendo — sussurrou LeFou enquanto caminhavam.

Gaston assentiu. Ele sabia que LeFou desvendaria seu plano, como sempre. Agora Gaston só tinha que assegurar que Maurice não descobrisse suas intenções antes que tudo se desdobrasse. Se ele estivesse certo — e normalmente estava —, havia acabado de encontrar uma maneira de fazer com que Bela enfim se casasse com ele…

Dentro do castelo da Fera, as coisas estavam um pouco mais calmas do que na aldeia… mas nem tanto. Desde a chegada de Bela, a criadagem estava em um completo rebuliço. Não era comum para eles ter uma visita no castelo. Na verdade, ninguém visitava o local desde aquela noite fatídica. Determinados a fazer com que Bela se sentisse em casa — na esperança de que talvez um dia o castelo pudesse *de fato* ser o seu lar —, cada membro da equipe estava fazendo sua parte para que tudo saísse perfeito, a começar pelo jantar.

A equipe da cozinha se apressou com entusiasmo. Liderados por madame Samovar — um bule sensato com um coração de ouro —, uma refeição requintada estava sendo preparada para o mestre e Bela.

Sentada sobre seu carrinho de servir chá, madame Samovar assistiu com prazer à cena de louças e pratos que não eram usados havia muito tempo saindo de suas gavetas e armários. Atrás dela, seu filho Zip saltitava empolgado.

— Mamãe — disse a pequena xícara. — Há uma garota no castelo!

— Sim, Zip — disse madame Samovar gentilmente. — Nós sabemos.

— Ela é bonita? Ela é legal? — perguntou Zip, pulando em seu pires e usando-o para dar voltas na mãe. — Que tipo de chá ela gosta? De ervas? Chá-preto? De camomila?

— Vamos descobrir em breve — respondeu madame Samovar. — Agora se acalme antes que você quebre sua haste!

Naquele momento, Lumière e Horloge entraram. O candelabro foi até Chef, o grande fogão — com direito a bocas elétricas e a gás, coifa e fornos — no meio da cozinha.

— Esta é sua grande noite — disse ele seriamente. — Contamos com você, *monsieur* Chef.

O fogão estufou o peito orgulhoso.

— Finalmente! — exclamou ele. Sua voz soava enferrujada, como se não a usasse havia um bom tempo. — Uma chance de cozinhar de novo. Você sabe o que tenho que fazer para agradar o paladar de uma besta? Veado ao tártaro

com chifres todo santo dia! Quem come frango de sobremesa, eu lhe pergunto? Quem? — Quando parou para recuperar o fôlego, as laterais de Chef tremiam de indignação.

Ciente de que era melhor apaziguar o fogão de temperamento forte, Lumière assentiu de forma simpática.

— Esta noite, você fará um suflê!

— LUMIÈRE!

O rugido da Fera ecoou pela cozinha: sinal de que o mestre estava a caminho. Imediatamente, as chamas de Lumière diminuíram. Horloge tremeu. Ambos sabiam que a Fera não estava contente.

— Só… deixe que eu falo com ele — Lumière pediu ao mordomo. Horloge era muito bom em coordenar o serviço doméstico (e informar as horas), mas era terrível em escolher a coisa certa para dizer. Ele era conhecido por sempre tentar se livrar da culpa a qualquer custo. Seria melhor para todos se Lumière tratasse com a Fera. Pelo menos, ele esperava que sim.

Logo depois, as portas da cozinha se escancararam e a Fera apareceu. Seu peito estremecia e seus olhos azuis pareceram furiosos ao observar a equipe reunida. Ele farejou o ar tomado pelo cheiro delicioso da comida e seu olhar se tornou ainda mais raivoso.

— Vocês estão fazendo o jantar para ela? — rosnou ele.

— Achamos que você poderia apreciar a companhia — respondeu Lumière com sua voz mais diplomática. Ele abriu a boca para explicar as vantagens de jantar acompanhado quando Horloge se intrometeu. Lumière disparou-lhe um olhar, implorando que ficasse quieto, mas era impossível impedir o relógio.

— Mestre — disse Horloge, tentando salvar suas próprias rodas e pinos. — Posso garantir que não participei deste plano fracassado. Preparar um jantar, criar um vestido para ela, dar-lhe uma suíte na ala leste…

— *Vocês deram um quarto para ela?* — O berro da Fera foi poderoso o suficiente para apagar as velas de Lumière.

Horloge voltou atrás.

— Eu… eu… bem — gaguejou ele. — Você disse… hum… que o castelo inteiro era uma prisão, então que diferença faria uma cama…

Vendo seu amigo em apuros, Lumière se envolveu.

— É verdade, mestre — apontou ele. — E, se a garota é a escolhida para quebrar o feitiço, talvez você possa começar oferecendo um jantar para encantá-la. — Ele se virou e concedeu o mérito ao seu amigo. — Ótimo plano,

Horloge.

A Fera estreitou os olhos. Então começou a andar para lá e para cá. Por fim, olhou para Lumière e Horloge.

— É uma ideia ridícula — disse. — *Encantar* a prisioneira?

— Você precisa *tentar*, mestre — disse Lumière. Ele respirou fundo. Sabia que o que estava prestes a dizer não seria bem recebido pelo amo. Ainda assim, porém, precisava ser dito. — A cada dia que passa, nós nos tornamos menos humanos.

Atrás dele, a equipe se agitou, colaborando com mais incentivos. Ele ouviu alguém dizer "Você consegue" enquanto outro acrescentava um "Por favor". Nessas vozes, Lumière ouviu o mesmo desespero que sentia. O destino de seu mestre era o destino de todos, embora apenas a Fera pudesse mudá-lo.

— Ela é filha de um ladrão qualquer — ressaltou a Fera, ignorando o apelo de seus servos. — Que tipo de pessoa acha que ela é?

Madame Samovar, que até então ficara em silêncio, se pronunciou:

— Oh, você não pode julgar as pessoas pelos pais que têm, não é mesmo?

Ela não precisava dizer mais nada; sua declaração era clara o suficiente. Ao redor, todos se encolheram, esperando pela retaliação do mestre. Mas, para surpresa geral, ele não disse nada. A Fera parou por um momento com os olhos fixos em madame Samovar. Ela sabia melhor que qualquer um quão profunda era a ferida que o pai do mestre havia causado ao filho.

Com um grunhido resignado, a Fera se virou e deixou a cozinha. Lumière, Horloge e madame Samovar trocaram olhares. Então correram atrás de seu mestre, pois não podiam deixá-lo convidar a garota para jantar do jeito dele.

CAPÍTULO VIII



A Fera parou diante da porta do quarto que agora, contra a sua vontade, pertencia a Bela. Ao lado dele, sua equipe aguardava, pronta para ajudar caso fosse necessário. Ele olhou para todos e então, levantando uma grande pata, bateu à porta. Duas vezes.

— Você vai jantar comigo! — disse ele, sem esperar uma resposta de Bela. — Isso não é um pedido!

Em seu carrinho de servir, madame Samovar deu uma tossida.

— Mais gentileza, mestre — aconselhou ela. — Lembre-se, a garota perdeu o pai e a liberdade no mesmo dia.

— Sim — concordou Lumière. — A pobrezinha deve estar morrendo de medo lá dentro.

A Fera suspirou. Ele estava ficando farto da repentina maré de conselhos. Mesmo assim, bateu novamente.

Dessa vez, veio uma resposta.

— Só um minuto. — A voz de Bela saía abafada através da porta pesada.

— Está vendo — disse Lumière, alegre. — Aí está ela! Agora lembre-se, mestre: seja gentil…

— Cortês… — acrescentou madame Samovar.

— Charmoso! — gorjeou Plumette.

— E, quando ela abrir a porta — finalizou Lumière —, sorria de forma educada e cativante. Vamos lá, mostre esse sorriso.

Mostrar o sorriso a ele?, a Fera repetiu para si. Lumière havia perdido a cabeça? Ele não sorria havia anos. Nunca tivera razão para tal. Ele ia começar a discutir quando um olhar de madame Samovar o impediu. Com relutância, ele tensionou os músculos do rosto, puxando os lábios acima dos dentes.

Em uníssono, a equipe deu um passo para trás, horrorizada.

— Ahnnn… menos dentes — sugeriu Lumière.

A Fera não precisava de um espelho para saber que sua primeira tentativa de sorrir resultou na careta mais medonha que alguém já vira. Tentou de novo.

— Mais dentes? — propôs Plumette.

A Fera suspirou. Ainda estava horrendo, supôs. Uma vez mais, ele ajustou o sorriso.

— Dentes *diferentes*? — acrescentou Horloge.

— Que tal sem dentes? — aconselhou madame Samovar.

A Fera lançou um olhar de aviso. Ele chegara ao limite. Todos queriam que ele convidasse Bela para jantar. Tudo bem, assim o faria. Mas ele *não* iria perder mais um minuto tentando sorrir. Bateu na porta de novo, em uma nova tentativa.

— Você quer jantar comigo?

Desta vez, a resposta de Bela foi rápida.

— Você me fez prisioneira e agora está me convidando para jantar? — Sua voz soava mais perto agora, como se ela estivesse encostada do outro lado da porta. — Ficou louco?

Conforme as palavras de Bela eram assimiladas pela Fera, sua expressão se tornou sombria. Suas patas cerraram e seus lábios se repuxaram em um rosnado.

— Acalme-se, mestre — disse madame Samovar em seu tom mais tranquilizador. Ela sabia que a Fera estava prestes a perder o controle.

— Mas ela me enfurece — respondeu a Fera entre os dentes. — Ela é difícil.

Madame Samovar tentou não rir da ironia que era seu mestre chamando Bela de difícil. Ela procurou argumentar com ele:

— Então facilite você.

Respirando fundo, a Fera se preparou para tentar mais uma vez. Seu corpo tremeu com o esforço e seu maxilar travou agressivamente, mas ele se controlou para falar no tom mais gentil possível.

— Seria um grande prazer ter sua companhia no jantar.

A resposta de Bela foi imediata.

— Seria um grande prazer para *mim* — disse ela através da porta — se você me deixasse em paz.

Foi a gota-d'água. As sobrancelhas da Fera se contorceram. Sua cauda

açoitou o ar. As garras ficaram expostas e, quando a equipe recuou, ele ergueu a pata e esmurrou a porta com toda a força. O corredor estremeceu.

— Mandei você vir jantar! — rugiu ele, pondo fim a toda a gentileza.

Bela não se intimidou e golpeou o outro lado da porta.

— E eu disse *não*! Prefiro passar fome a ter de jantar com você um dia!

— Como quiser. Vá em frente e *morra de fome*! — gritou a Fera de volta. Ele encarou seus servos. Eram eles os responsáveis por metê-lo naquela confusão. — Se ela não comer comigo, então não vai comer nada!

— Mestre, não! — protestou Lumière. — Mostre a ela o seu verdadeiro eu.

— Este é o meu eu verdadeiro — disse a Fera. Sem mais palavras, ele ricocheteou a cauda e seguiu para seus aposentos. Podia ouvir a equipe murmurando entre si, com decepção na voz. Mas ele não se importava. O que eles esperavam? Que Bela se emocionasse com a ideia de jantar com *ele*? Uma *fera*? Eles eram um bando de tolos se esperavam que isso acontecesse. E ele foi um tolo por tentar.

Abrindo a porta para a ala oeste, ele foi até uma pequena mesa próximo à janela. Sobre ela, havia um espelho de mão e uma redoma de vidro, contendo uma única rosa que flutuava magicamente. A Fera pegou o espelho e deu uma ordem:

— Mostre-me a garota!

Uma espiral mágica rodopiou na superfície do espelho e gradualmente transformou seu reflexo até revelar a imagem de Bela. Ela estava sentada no chão, com as costas apoiadas contra a porta do quarto e uma expressão de terror no rosto.

Lentamente, ele abaixou o espelho. Bela estava com medo da fera diante dela — a fera que ele poderia ser para sempre. Seus olhos se fixaram na rosa encantada e ele suspirou, observando enquanto outra pétala caía sobre a mesa. Era apenas uma questão de tempo até que a última pétala caísse e, quando isso acontecesse… A Fera estremeceu e abaixou a cabeça. Quando isso acontecesse, qualquer esperança estaria perdida. E se a reação de Bela indicava algo, ele havia acabado de destruir uma de suas poucas chances de pôr um fim à maldição.

Tenho que sair daqui, pensou Bela enquanto se colocava de pé. A Fera era um monstro. Seu comportamento até então já havia provado o suficiente. Se não escapasse agora, ela correria o risco de ser prisioneira dele para sempre. Seu

corpo estremeceu diante da ideia aterrorizante.

Andando até a janela, ela olhou para fora. Depois de ser deixada sozinha com um guarda-roupa narcoléptico como seu único guardião, ela não perdeu tempo em colocar um plano de fuga em ação. Rasgando o vestido medonho que Madame de Garderobe fizera, Bela usou o tecido para improvisar uma corda e a pendurou na janela. A ponta da corda estava suspensa a cerca de seis metros do chão. Não era perfeito, mas serviria.

Ela havia acabado de respirar fundo e agarrar a corda quando… *Toc! Toc! Toc!*

— Eu disse para me deixar em paz! — gritou ela.

Para sua surpresa, não foi a voz profunda e lamuriante da Fera que respondeu, mas uma voz gentil, suave e polida.

— Não se preocupe, querida — disse ela. — Não é o mestre. Sou eu, madame Samovar. — No instante seguinte, a porta se abriu e o carrinho de servir rolou para dentro. Sobre ele havia um bule belamente pintado e uma xícara com o mesmo desenho. O bule, Bela supôs, era madame Samovar.

Bela tentou rapidamente esconder a corda que se pendurava atrás dela. Mas madame Samovar tinha avistado a rota de fuga no momento em que entrara no quarto. Não a surpreendeu. Bela parecia uma garota esperta, e o mestre não lhe dera motivos para se sentir bem-vinda. Ainda assim, madame Samovar não deixaria que ela simplesmente partisse: não se ela pudesse impedir. Tendo convivido com um indivíduo teimoso por tanto tempo, ela sabia que a melhor forma de coagir alguém a fazer algo que não quer é dando-lhe a chance de fazer tudo do seu jeito.

— É uma longa jornada, minha flor — disse docemente madame Samovar. — Deixe-me prepará-la antes. A experiência me mostrou que a maioria dos problemas parecem menos espinhosos depois de uma revigorante xícara de chá. Não é mesmo, madame de Garderobe? — Madame Samovar se digiriu ao guarda-roupa, que ainda dormia profundamente. — Madame! Acorde!

Com um solavanco, Madame de Garderobe acordou.

— O quê? — perguntou ela, parecendo sonolenta e confusa. — Dormi de novo?

— Madame costumava dormir oito horas por dia — disse de repente a pequena xícara. — Agora ela dorme 23.

— Já chega, Zip — alertou madame Samovar. — Não é educado discutir os hábitos de uma dama.

Mas Zip, como Bela agora o conhecia, a fizera parar para refletir por um momento. E já que ela não havia conseguido nenhuma resposta de Madame de Garderobe, decidiu tentar de novo:

— O que aconteceu aqui? Isto é um feitiço? Uma maldição? — Aquela era a única explicação lógica possível para as esquisitices do castelo, na opinião de Bela. Ela já havia lido várias histórias sobre coisas desse tipo, mas nunca imaginou que pudessem ser *reais*.

— Ela adivinhou, mamãe — comentou Zip, com a vozinha sibilante atravessando a parte lascada do seu corpo de xícara. — Ela é esperta.

Enquanto falava, sua mãe saltou até ele e o encheu de chá. Então ela o empurrou na direção de Bela.

— Mais devagar, Zip — disse ela. — Não derrame chá. Nem segredos.

Bela deixou escapar um sorriso quando pegou Zip. Era tão óbvio que se tratava de um garotinho, ainda que estivesse preso na forma de uma xícara. *Como deve ser triste*, pensou Bela, *não ser capaz de fazer coisas normais de meninos*.

Como se sentisse o que ela estava pensando, Zip perguntou:

— Quer ver um truque?

Bela assentiu e ele respirou fundo. Então começou a assoprar. O chá borbulhou dentro da xícara, o que causou risadas em Bela. O som ecoou agradavelmente pelo cômodo, fazendo madame Samovar sorrir também.

— Foi muito corajoso o que você fez pelo seu pai, querida — comentou o bule.

— Todos nós concordamos — disse Madame de Garderobe, assentindo.

O sorriso de Bela se desfez diante da menção ao pai.

— Estou tão preocupada — disse ela suavemente. — Ele nunca ficou sozinho.

— Anime-se, querida — disse madame Samovar, tentando trazer de volta a leveza anterior. — Tudo vai acabar bem. Você vai ver. Se sentirá muito melhor depois do jantar.

Bela olhou para o bule e inclinou a cabeça para o lado.

— Mas ele disse "se ela não comer comigo, então não vai comer nada". — Ela baixou a voz e tentou fazê-la soar o mais assustadora e cruel possível. Madame Samovar segurou um suspiro. O mestre realmente causara uma péssima impressão na pobre garota.

— Pessoas dizem muitas coisas quando estão com raiva — observou ela.

— É nossa escolha dar ouvidos ou não. — Enquanto falava, ela virou o carrinho de servir na direção da porta e começou a sair. Virando-se para olhar para Bela, madame Samovar sorriu. — Você vem, bonequinha?

Bela assistiu ao bule desaparecer pela porta. Seu estômago roncou. *Está bem*, ela pensou, *eu vou jantar. Mas apenas esta refeição. Então vou embora… de uma vez por todas.*

A equipe da cozinha estava pronta. Lumière havia cuidado de tudo assim que madame Samovar lhe dissera que falaria com Bela. Ele sabia que era uma questão de tempo até que o bule convencesse a garota a descer para comer.

Mas Lumière não tinha intenção de oferecer apenas algo rápido para beliscar. *Aquela* refeição ficaria na memória de Bela para sempre. Incluiria os mais saborosos aperitivos, as mais deliciosas entradas, as mais prazerosas bebidas e, é claro, a mais requintada das sobremesas. No momento em que Bela largasse o garfo, ela nunca mais iria querer ir embora. Pelo menos, era o que Lumière *esperava*.

Invadindo a cozinha, ele juntou duas de suas velas.

— Elas estão vindo! — exclamou entusiasmado. — Últimos detalhes, todos, *tout de suite*, imediatamente! — Com prazer, ele observou cada integrante da equipe entrar em ação. Todos sabiam tanto quanto ele o quão importante era esse jantar.

Todos exceto Horloge, ao que parecia.

— Não, vocês não podem fazer isso! — disse o relógio, atrapalhando-se no meio do saguão. Ele cruzou os pequenos braços junto às engrenagens. — Se o mestre descobrir que vocês desobedeceram às suas ordens e alimentaram a garota, ele vai me culpar.

Lumière encarou o amigo e suspirou. Como Horloge podia pensar apenas em si em um momento como esse? Continuando seus afazeres, ele assentiu.

— Sim — disse o candelabro, em tom de provocação, mas pretendendo ser sério. — Eu vou me certificar disso. Mas você viu como ela o confrontou? Estou lhe dizendo, esta é a garota! Eles *precisam* se apaixonar para que voltemos a ser humanos, e isso não vai acontecer se ela ficar naquele quarto.

— Você sabe que ela nunca vai amá-lo — retrucou Horloge calmamente.

— Até um relógio quebrado está certo duas vezes ao dia, meu amigo — respondeu Lumière, recusando-se a deixar que o mordomo indigesto o desanimasse. — E não estamos mais naqueles tempos. *Precisamos* tentar.

Dando as costas para Horloge, Lumière foi até Chef. Panelas e frigideiras borbulhavam e soltavam vapor no fogão, espalhando um aroma irresistível pelo ar. Lumière podia sentir os olhos de Horloge em suas costas; sabia que o mordomo discordava. O candelabro não o culpava, afinal, Horloge tinha razão: o mestre de fato pensaria que era tudo responsabilidade do relógio se descobrisse. Mas eles não tinham escolha. Não era todo dia que uma garota aparecia no castelo enfeitiçado — e uma garota com força suficiente para enfrentar o mestre, ainda por cima. *Não*, pensou Lumière, balançando a cabeça e endireitando as velas, resoluto. Esse jantar iria acontecer de qualquer jeito, com ou sem a aprovação de Horloge.

Finalmente, o relógio suspirou. Lumière esperou.

— Pelo menos façam silêncio — disse Horloge, com a voz branda.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Lumière. Mas ele o disfarçou antes de se virar para o amigo.

— Claro, claro — disse. — Mas o que é um jantar sem um pouco de… *musique*?

— Música? — gritou Horloge, perdendo o controle da voz. Ele começou a sacudir a cabeça.

Era tarde demais. Lumière já havia guiado o cravo até a sala de jantar.

— Maestro Cadenza — disse ele enquanto o acomodava no canto da sala —, sua esposa está lá em cima dormindo cada dia mais. Ela conta com você para ajudar a fazer com que o mestre e essa garota se apaixonem.

Com um floreio, o cravo tocou uma escala, fazendo uma careta quando uma das notas desafinou.

— Então devo tocar, apesar da dor — disse ele bravamente.

Naquele momento, madame Samovar trazia Bela para a sala de jantar. A garota olhou ao redor, impressionada pela elegância da mesa posta, mas com evidente hesitação em estar ali. Lumière viu o desconforto nos olhos dela, e sua determinação em deixá-la à vontade se fortaleceu. Ele lançou um último olhar decidido à equipe, então saltou com graça sobre a mesa.

— *Ma chère, mademoiselle* — começou ele enquanto um feixe de luar atravessava a janela, fazendo parecer que o candelabro estava no foco da luz. Ele se curvou. — É com o maior orgulho e com grande prazer que a recebemos aqui hoje. Nós a convidamos a relaxar… — Ele acenou e uma cadeira se moveu para fazer Bela se sentar, com um pequeno guincho de surpresa, e então a acomodou próximo à mesa. — Enquanto orgulhosamente

apresentamos… seu jantar.

De início, Bela sentou-se com as mãos no colo, enquanto Lumière a guiava, prato a prato, através da refeição. Mas, conforme ouvia a descrição da comida e assistia ao espetáculo de dança das louças e dos talheres, ela foi ficando menos tensa. Suas mãos se soltaram do guardanapo que segurava e seus pés balançavam no ritmo do cravo. Na hora em que Lumière se referiu à "coisa cinza" como deliciosa, Bela já estava sorrindo. Ela olhou para todos aqueles pratos de comida, que pareciam se multiplicar diante de seus olhos com o estômago roncando quase tão alto quanto a música era executada.

Enquanto Lumière e o restante da equipe continuavam a entretê-la, Bela tratou de comer tudo o que desejasse. Saboreou o ragu de carne e o suflê de queijo. Mergulhou uma baguete recém-saída do forno no *foie gras* e suspirou de prazer à medida que o sentia derreter na boca. Era um prato melhor que o outro e, toda vez que Bela achava que não aguentaria mais uma mordida, uma nova bandeja surgia, e ela encontrava espaço.

A música tocou durante todo o jantar, tão agradável quanto a própria comida. Quando a refeição terminou, Bela estava encantada. Era difícil não ficar quando todos os servos pareciam tão felizes em estar ali, tão contentes em trabalhar. Ocorreu-lhe que, com um mestre como a Fera, eles deveriam viver solitários e talvez até um pouco entediados. Ela duvidou que ele requeresse jantares elaborados ou muita assistência. No início da noite, ela ainda achava bobagem sentir-se mal por um candelabro falante, um relógio ou um bule, mas ao final do jantar ela havia deixado de vê-los como meros objetos.

Retirando-se da mesa, Bela agradeceu a todos e lhes desejou boa-noite. Então ela seguiu madame Samovar para fora da sala. Após experimentar o aconchego e a leveza do jantar, as outras áreas do castelo agora pareciam mais frias e obscuras.

— Eu não entendo por que vocês estão sendo tão gentis comigo — disse Bela, dando voz a um pensamento que estava em sua mente desde que ela conhecera Lumière, Horloge e madame Samovar.

Guiando seu carrinho de servir, madame Samovar sorriu gentilmente.

— É o mínimo que você merece, minha querida — disse ela em um tom doce e maternal.

— Mas vocês estão presos aqui, assim como eu — apontou Bela. — Vocês nunca quiseram fugir?

Madame Samovar não respondeu de imediato.

— O mestre não é tão terrível quanto parece — disse ela por fim. — Em algum lugar no fundo de sua alma, há um verdadeiro príncipe, esperando ser liberto.

Bela inclinou a cabeça para o lado; as palavras *príncipe* e *liberto* soavam como peças de um quebra-cabeça que ela estava tentando montar.

— Lumière mencionou algo sobre a ala oeste… — continuou ela, esperando conseguir alguma informação a mais do simpático bule.

Mas madame Samovar não caiu no truque.

— Oh, você nunca deve se preocupar com isso — comentou ela quando alcançaram as escadas que levavam ao quarto de Bela. — Agora vá se deitar, antes que o sol comece a espreitar entre as árvores. Precisa de mais alguma coisa, amada?

— Não, você já fez muito por mim — respondeu Bela com sinceridade. — Obrigada. Boa noite.

— Boa noite! — exclamou madame Samovar ao virar seu carrinho para voltar à cozinha.

Bela ficou observando, com a mão no corrimão, até que o carrinho e o bule desapareceram de vista. Então relanceou para a escadaria à frente. Ela começou a subir, com a mente rodopiando. Sabia que era sua chance de voltar para o quarto e escapar, mas algo a impedia. Ela parou no topo das escadas. Se fosse para a esquerda, ela voltaria para o quarto e, talvez, para a liberdade. Mas, se fosse para a direita… Ela avistou o lance de escadas que poderia levá-la até a ala oeste.

Decidida, Bela respirou fundo. Então virou para a direita. Ela ainda tinha algum tempo até o nascer do sol. Apenas daria uma espiada rápida na ala oeste. Afinal, que mal faria dar uma olhadinha?

CAPÍTULO IX



Bela estava começando a achar que havia cometido um grande erro. Apesar de sua ala do castelo não ser exatamente alegre e colorida, era uma brisa de ar fresco perto da ala oeste. Conforme andava pelo longo corredor, seus olhos se arregalaram. O lugar *emanava* solidão. E parecia completamente depressivo. As paredes estavam arranhadas e vazias, o que se tornava mais evidente com os ganchos solitários onde antes se penduravam quadros. O tapete sob seus pés estava desbotado e desgastado, com partes rasgadas pelas longas garras da Fera. Até mesmo o ar era de algum modo mais pesado.

Bela estava quase dando meia-volta quando viu uma luz no fim do corredor. Uma porta havia sido deixada entreaberta e, através dela, Bela podia identificar o que parecia ser uma grande suíte. Com o medo vencido pela curiosidade, ela avançou e abriu a porta devagar.

Imediatamente desejou não ter entrado. Se o corredor já era aflitivo, esse cômodo era dez vezes pior. Para onde olhava, ela via evidências do temperamento agressivo da Fera. Cortinas em farrapos se penduravam nos varões. Vasos que deviam ter sido belos estavam largados e destruídos pelo chão. A gigantesca cama de quatro colunas estava coberta por uma colcha cinza desbotada tomada pelo pó, que claramente não era usada havia muito tempo. Conforme seus olhos passearam pelo quarto, ela entendeu por quê. Em um canto, havia uma espécie de ninho gigante feito de pedaços de tecido, penas e galhadas amontoados. Bela teve um mau presságio ao ver uma área tão selvagem e animalesca do castelo.

Ela se virou e deu um grito ao deparar com um par de olhos azuis brilhantes. Por um longo e tenso momento, ela achou que alguém a estava observando, até que se deu conta de que os olhos pertenciam a um garoto

claramente preso em um retrato da realeza. Com o coração disparado, Bela se inclinou para a frente. O rosto do menino havia sido retalhado até se tornar irreconhecível, deixando aquela parte da tela em pedaços. Mas os olhos foram poupados. Bela se aproximou mais. Eles pareciam tão familiares…

Ela engoliu em seco quando percebeu que lembravam os olhos da Fera. As palavras de madame Samovar retornaram à sua mente. *Um verdadeiro príncipe*, ela dissera. Deveria ser o príncipe ao qual ela se referira. Bela relanceou para o retrato, procurando por pistas do passado. Havia outras duas pessoas no quadro: um belo rei e uma formosa rainha. A imagem da mulher — que trazia olhos gentis repletos de riso e amor — ainda estava intacta; já o olhar frio e distante do rei também havia sido estraçalhado. Bela imaginou como teria sido o garoto do retrato, como *qualquer um* teria sido se tivesse crescido com pais como aqueles dentro das muralhas do castelo.

Bela arrastou seus olhos para longe do retrato e engoliu o estranho sentimento de melancolia que se formava novamente na boca de seu estômago. Sua atenção foi então desviada para o final do cômodo. Portas enormes tinham sido deixadas abertas, revelando uma grande varanda de pedra do outro lado. Mas o que lhe chamou a atenção estava na frente das portas. Em meio à destruição e ao caos do recinto, a mesa teria saltado aos olhos apenas pelo fato de ainda estar de pé. Mas o que atraiu especialmente o olhar de Bela foi a redoma de vidro apoiada ali.

A redoma era feita de um vidro delicado, soprado tão fino que parecia poder se quebrar sob o menor toque. Detalhes ramificados haviam sido gravados na lateral do objeto, lembrando marcas de geada na vidraça. Dentro, flutuando como se por mágica, estava uma bela rosa vermelha. Ela reluzia, e a beleza de sua cor disputava com o tom do mais belo pôr do sol que Bela já vira.

Como se estivesse hipnotizada, ela se dirigiu à mesa. Lentamente, esticou a mão na direção da redoma. Seus dedos formigaram conforme ela os aproximou do vidro delicado, incapaz de resistir ao desejo repentino de erguer a redoma e tocar as pétalas sedosas da rosa. Seus dedos chegaram perto… mais perto… mais perto…

— *O que você está fazendo aqui?* — rugiu a voz da Fera contra Bela, despertando-a de seu transe. Ele surgiu das sombras com seus olhos azuis queimando e as patas cerradas em um acesso de raiva quase incontrolável. Ele olhou para a rosa brilhante, e o fogo em seus olhos se tornou ainda mais

violento. — *O que você fez?*

Ela rapidamente se afastou da mesa.

— N-não… n-nada — gaguejou Bela, com o coração acelerado.

A Fera continuou indo para cima dela.

— Você tem ideia do que poderia ter causado? — rosnou ele. — Você poderia ter condenado a todos nós! — As garras da Fera se revelaram e rasgaram uma das finas colunas que adornavam as portas da varanda. Houve um terrível ruído lacerante e a coluna começou a desabar, com pedaços desmoronando e caindo próximo à redoma que cobria a rosa.

O pânico inundou os olhos da Fera. Sem voltar a encarar Bela, ele jogou o corpo em cima da rosa, desesperado para protegê-la.

— *Saia daqui!* — ele rugiu.

Bela não precisou ouvir duas vezes. Ela se apressou de volta para o caminho pelo qual havia entrado. Disparou pelo quarto e para fora da porta principal. Percorreu o longo corredor e as escadarias ainda mais extensas. Mal notou os olhares chocados de Lumière e Horloge ao passar por eles no topo da escada e, quando lhe perguntaram aonde estava indo, não parou.

— Vou embora daqui! — gritou ela enquanto continuava correndo.

Porque era exatamente isso que ela faria: iria embora. Era o que ela já *deveria* ter feito. Mas acabou distraída por Lumière e seu jantar divertido, e o mistério do castelo a seduzira por mais tempo. Bela já estava farta de tudo aquilo. Ela tinha que sair daquele lugar, para longe daquelas louças falantes, velas e relógios encantados, e voltar para o pai. Custasse o que custasse.

Infelizmente, o castelo não queria que Bela fosse embora. Ao chegar à base da grande escadaria, ela correu direto para a porta da frente, mas, antes que pudesse alcançá-la, o trinco se fechou. Chapeau, o mancebo alto, deslizou para a frente da porta no instante seguinte, bloqueando a saída de Bela.

A jovem diminuiu o passo. O que faria agora? Ela não conhecia o castelo bem o suficiente para correr por aí às cegas procurando outra saída. Quando estava prestes a perder as esperanças, ouviu latidos. Ao se virar, deu de cara com Froufrou, um cão transformado em um banquinho de piano, que havia fugido do castelo. Ele latia ferozmente enquanto corria em sua direção, e por um breve momento ela ficou com medo de ser atacada.

Contudo, para sua surpresa, ele passou direto por ela e saiu por uma portinhola anexa à grande porta principal. Bela quase soltou um grito. Seu caminho não estava bloqueado. Apertando o passo, ela deslizou pela

portinhola, mas não antes de pegar seu manto com o atônito Chapeau. Atrás dela, Bela ouviu o carrinho de madame Samovar rolando pelo chão e Lumière gritando, mas não diminuiu o passo.

Não levou muito tempo para que Bela achasse Philippe. O grande animal havia se acomodado confortavelmente em uma das baias aconchegantes do estábulo. Ouvindo os passos de Bela no chão de pedra, ele ergueu o olhar com a boca cheia de feno e inclinou a cabeça como quem pergunta "O que você está fazendo aqui?".

Jogando a sela nele, Bela não respondeu ao olhar interrogativo do cavalo. Ela o empurrou para fora do estábulo e o montou, chutando levemente a barriga do animal. Philippe não hesitou e disparou a galope na direção dos portões do castelo.

Momentos depois, eles haviam atravessado os portões e estavam na mata que cercava o castelo.

Mas logo Bela se deu conta de que havia trocado uma situação aterrorizante por outra do mesmo tipo. Conforme Philippe galopava, ela via sombras de relance pelo canto dos olhos. Elas foram ficando maiores e mais nítidas e, quando Bela ouviu o primeiro uivo, confirmou que estava sendo perseguida por uma alcateia.

Apressando Philippe, ela tentou não entrar em pânico. Ele era um cavalo grande com cascos pesados e que sabia ser rápido quando necessário. Se eles conseguissem chegar perto o suficiente da aldeia, ela tinha certeza de que os lobos se assustariam com os sinais da civilização. Contanto que não trombassem em nenhum obstáculo no caminho, ficariam bem.

Então Philippe correu direto para dentro de um lago congelado.

Sob seus cascos, um ruído escapou do gelo. Bela se inclinou e viu rachaduras surgindo. Pequenas no início, elas aumentaram conforme o cavalo escorregava e deslizava pela superfície gelada. Gritando palavras de encorajamento, Bela tentou acalmar Philippe, que estava cada vez mais desesperado conforme o gelo cedia sob suas patas e os lobos se aproximavam. Bela sentiu os poderosos quadris do cavalo se contraírem e agarrou a crina dele. Então… ele saltou.

Bela prendeu a respiração quando eles ficaram suspensos no ar por um momento antes de os cascos dianteiros de Philippe pousarem na beira do lago. No instante seguinte, foi a vez das patas traseiras. Mas o suspiro de alívio que

Bela queria soltar ficou preso na garganta quando o primeiro dos lobos, vendo uma oportunidade, atacou.

As grandes mandíbulas do lobo agarraram a perna traseira de Philippe. Logo depois, outro lobo se juntou a ele. O cavalo deu coices e se debateu selvagemente na tentativa de se defender. Em seu dorso, Bela segurava desesperada sua crina. Mas Philippe era muito forte e robusto. Quando suas patas posteriores se lançaram no ar de novo, ela foi arremessada da sela e voou até um monte de neve próximo.

Bela se levantou e olhou rápido ao redor, à procura de algo que pudesse usar para se defender. Avistando um galho grosso, ela o pegou e o balançou à sua frente.

Os lobos, ao ver um alvo novo e potencialmente mais fácil, se aproximaram. O braço de Bela se esticou e ela conseguiu atingir um deles no nariz. Outro chegou perto e ela girou o galho, golpeando a lateral do corpo do animal. Apesar de seus esforços, os lobos continuavam vindo. Bela recuou com seu coração batendo forte, inundada pelo medo. Ouviu um uivo do alto e avistou o maior lobo que já vira na vida parado no topo de um morro, pronto para atacar. Ele a encarou com olhos famintos e cruéis.

Bela se preparou, disposta a lutar por sua vida até o fim.

Então escutou um ganido e uma batida, e houve uma grande agitação atrás dela.

Ao se virar, ela ficou perplexa ao ver a Fera. Ele havia saltado no meio da alcateia. Muitos dos lobos tinham recuado e pareciam estar lambendo suas feridas. O maior dos lobos — o alfa — ainda estava de pé com os pelos eriçados e dentes à mostra. A Fera estava de costas para Bela, e ela pôde ver onde os lobos o haviam mordido. Um após o outro, os lobos menores atacaram. A Fera os levantava e os arremessava para longe. Mas Bela viu que ele estava ficando cansado. As feridas em suas costas sangravam e sua cabeça estava cada vez mais baixa. Ela não tinha certeza do quanto mais ele suportaria lutar.

Então o alfa atacou.

O grande lobo cinza saltou sobre suas costas em um movimento natural. A boca do animal se abriu quando ele se lançou na direção do pescoço da Fera. Rugindo, a Fera soltou dois lobos menores que estava segurando e alcançou seu ombro com as patas. No momento exato em que as mandíbulas do alfa estavam prestes a se fechar, ele arrancou a criatura de suas costas. As patas

traseiras do lobo balançaram no ar quando, por um longo momento, a Fera apenas o segurou diante de seu rosto com o olhar fixo. Então a Fera reuniu o que restara de suas energias e arremessou o alfa para longe. O lobo voou pelo ar e, com um estalo, se chocou contra uma grande pedra.

Vendo seu líder nocauteado e inconsciente, os outros lobos fugiram em pânico.

A Fera esperou até que os ganidos dos animais desaparecessem antes de soltar um gemido de dor. Seus ombros, que se mantiveram elevados e tensionados durante toda a luta, desabaram. Então ele desmoronou na neve. Onde suas feridas tocaram o chão, os flocos brancos ficaram vermelhos.

Bela ficou ali, incapaz de se mover. Estava tão fincada ao chão quanto as raízes das árvores ao seu redor. Olhando para a Fera caída, soube que esta era sua chance de correr. Não havia como ele a seguir ou tentar impedi-la. Não naquelas condições. Enquanto ela observava, ele gemeu de novo e tentou limpar uma das feridas em seu braço. Seus olhos azuis encontraram os dela pelo mais breve dos instantes. Mas foi tempo suficiente para que Bela visse sua dor e vulnerabilidade e tomasse uma decisão: ela não o abandonaria ferido na neve. Ela não era capaz disso. Não depois do que ele acabara de fazer por ela.

Ela correu e se ajoelhou ao lado da Fera e o cobriu com seu manto.

— Você precisa me ajudar — sussurrou ela gentilmente. — Você precisa se levantar… — Posicionando o corpo embaixo dos ombros dele, ela o empurrou para cima, deixando que se apoiasse nela como se fosse uma muleta. Ele rugiu de dor e ficou mais pesado conforme o sofrimento o dominava. Bela estremeceu. Ela precisava levar a Fera de volta para o castelo, antes que fosse tarde demais.

CAPÍTULO X



— **O**uçam! Lobos! Devemos estar perto do castelo assombrado! Sentados atrás da carruagem, LeFou e Gaston se assustaram com o grito de Maurice. Os três homens estavam desbravando a floresta por um tempo considerável. O restante da multidão havia desistido, feliz em retornar ao aconchego da taverna assim que Gaston deixou claro que estava indo para a mata. Embora a floresta não fosse exatamente pitoresca, não chegava nem perto de ser tão assustadora quanto Maurice fez parecer em seu relato frenético.

— Maurice, já chega — disse Gaston, virando-se para encarar o velho homem. O trajeto de carruagem havia deixado seus cabelos brancos, naturalmente rebeldes, ainda mais desgrenhados, e seus olhos se moviam incessantes conforme ele olhava ao redor em desespero. — Temos que voltar — acrescentou Gaston, sem saber se Maurice tinha ouvido alguma palavra do que dissera.

Ao que parecia, ele tinha ouvido, porque sacudiu a cabeça com vigor.

— *Não! Olhe!* — Maurice apontou para cima.

Seguindo a direção que apontava o velho homem, Gaston viu uma árvore na lateral da estrada. Estava seca, com seus galhos retorcidos em ângulos estranhos e seu tronco liso pela ação do tempo. Durante a jornada, Maurice lhes havia contado sobre como encontrara o castelo encantado. Ele mencionou algo sobre uma árvore que parecia um cajado e um caminho escondido… Inclinando a cabeça para o lado, Gaston estreitou os olhos. Era *mais ou menos* parecida com um cajado, mas definitivamente não havia um caminho atrás dela.

— Esta é a árvore! — exclamou Maurice, como se adivinhasse a dúvida de Gaston. — Tenho certeza. Claro, foi derrubada por um raio naquele dia, mas

agora parece ter sido colocada de volta em pé. Magicamente, suponho…

LeFou deu um tapinha no ombro de Gaston.

— Você quer mesmo entrar para essa família? — sussurrou ele, revirando os olhos.

Gaston sabia que o homenzinho estava provocando, mas LeFou tinha certa razão. Havia limite para tudo. Ele havia deixado que Maurice os guiasse até lá com a única intenção de chantageá-lo a conceder a mão de Bela em casamento. Mas, se não conseguissem encontrar Bela, qual era o objetivo?

— Estou farto deste seu jogo — disparou Gaston, parando a carruagem. Ele desceu em um salto e colocou as mãos nos quadris. — Onde está Bela?

— A Fera a pegou! — repetiu Maurice.

Os olhos de Gaston se estreitaram. Ele estava se esforçando muito para não perder a cabeça, mas o velho homem tornava isso um desafio.

— Não existem coisas como feras, ou xícaras falantes, ou… o que seja. — Conforme ele falava, sua voz ficava mais alta e suas mãos começaram a abrir e fechar junto ao corpo. — Mas *existem* lobos, queimaduras de frio e fome.

Saltando da carruagem, LeFou correu até o amigo.

— Respire fundo, Gaston — ele disse. — Respire fundo.

Os punhos de Gaston se cerraram e, por um momento, ele parecia prestes a bater em alguém. Mas então respirou profundamente, como LeFou sugerira. E de novo. E mais uma vez, para garantir.

— Então — recomeçou ele ao se acalmar —, por que nós simplesmente não damos meia-volta e voltamos à Villeneuve? Bela deve estar em casa, cozinhando um belo jantar…

— Você acha que inventei tudo isso? — perguntou Maurice, parecendo alheio ao quão próximo Gaston estava de perder a cabeça. Ele ergueu os olhos para o grande homem, confuso. — Se não acredita em mim, por que me ofereceu ajuda?

— Porque quero me casar com a sua filha — disse Gaston, sem intenção de continuar escondendo seu plano. — Agora vamos para casa.

— Eu já disse! Ela não está em casa, ela está com a…

A raiva inundou Gaston e ele explodiu.

— *Se você disser "fera" mais uma vez, vou jogar você para ser comido pelos lobos!* — gritou ele, perdendo toda a compostura. Gaston foi para cima de Maurice com os punhos erguidos.

LeFou viu que o amigo tinha perdido o controle e soube que precisava fazer

alguma coisa.

— Pare! — gritou, pensando desesperado no que dizer em seguida. Quando Gaston ficava com raiva, era difícil trazê-lo de volta. LeFou o vira naquele estado poucas vezes, mas em todas foi preciso um tempo para acalmá-lo. De repente, soube exatamente o que fazer. Em um tom reconfortante, disse: — Pense em coisas felizes. Volte para os tempos de guerra. Sangue, explosões, mais sangue. — Conforme LeFou falava, a vermelhidão sumiu das bochechas de Gaston e suas mãos começaram a relaxar. Seu olhar ficou distante enquanto ele se perdia nas memórias de seus dias de glória.

Quando LeFou terminou de falar, Gaston estava com a cabeça fria de novo.

— Por favor, me perdoe — ele disse. — Isso não é jeito de falar com meu futuro sogro, não é mesmo? — Ele sorriu para o velho homem, mas a expressão não se refletia em seus olhos.

Maurice não deixou passar o cinismo. Nem o fato de que Gaston claramente tinha um lado obscuro.

— Capitão — disse ele, dando um passo para trás —, agora que vi sua verdadeira face, você *nunca* vai se casar com a minha filha.

LeFou engoliu em seco. *Eu não teria dito isso se fosse você*, pensou. *Gaston pode levar a mal e, se isso acontecer...*

Gaston puxou Maurice e lhe deu um soco forte. O homem desabou no chão, inconsciente.

Você pode acabar apanhando, LeFou finalizou seu pensamento. Ele abriu a boca para tentar acalmar seu amigo mais uma vez, mas já era tarde. Gaston havia sucumbido à raiva e não havia meio de fazê-lo voltar a si. Não agora, pelo menos.

— Se Maurice não me dará sua bênção… — começou Gaston enquanto pegava o homem desacordado e o carregava até uma árvore. — Então está no meu caminho. — Ele pegou uma corda da carruagem e amarrou as mãos do velho homem. Deu um puxão no nó, conferindo se estava mesmo bem preso. — Assim que os lobos acabarem com ele, Bela não terá ninguém para cuidar dela além de *mim*. — Com uma risada maligna, Gaston subiu na carruagem.

LeFou balançou nervoso o corpo enquanto olhava de um lado para outro, entre Gaston e Maurice. Ele entendia que seu amigo estava irritado. Gaston *odiava* quando as coisas não saíam do seu jeito. Mas deixar o velho homem para ser comido pelos lobos parecia ser uma punição um pouco severa demais.

— Para de fato esgotarmos nossas opções — ele disse, tenso —, talvez possamos considerar um plano B?

Gaston disparou-lhe um olhar. LeFou engoliu em seco e subiu depressa na carruagem, tentando ignorar o buraco no estômago.

Pelo jeito, prosseguiriam com o plano A.

Bela nunca tivera um paciente tão feroz quanto, bem, a Fera. Como experiência, ela só havia tratado das feridas ou cortes peculiares de seu pai, mas ele sempre teve a gentileza de ser educado. Desde o momento em que trouxe a Fera de volta para o castelo, ele vinha sendo um perfeito ingrato. E Bela estava ficando bem cansada daquilo. Não foi ele que teve de caminhar pela neve densa com sapatos finos. E não foi *ele* quem passou a jornada toda temendo pela própria vida. Não. A Fera tinha ficado inconsciente durante todo o trajeto. Foi *Bela* quem teve de olhar ao redor apreensivamente a cada mínimo ruído. Foi *Bela* quem se preocupou com a Fera ficando a cada minuto mais fraca e mais próxima da morte.

Ela não havia se dado conta do quão tensa estivera até ela e Philippe chegarem ao portão do castelo e madame Samovar aparecer na porta da frente, junto de toda a equipe, para ajudar. Então, e somente então, Bela deixou escapar um longo suspiro e se permitiu começar a tremer. E, uma vez que ela começou, demorou um longo tempo — e um banho bem quente — para parar.

Mas aquilo já havia passado e a situação era outra. Agora, ela estava ocupada tentando cuidar da Fera, que se provou um bebezão quando o assunto era dor.

Enquanto Bela se recuperava, madame Samovar ordenou que levassem o mestre para seu quarto na ala oeste. Agora ele estava deitado em sua velha cama, com membros da criadagem reunidos ao redor, esperando para servi-lo. Um jarro de água quente e uma tigela foram colocados ao lado da cama. Despejando um pouco da água na vasilha, Bela acrescentou uma pitada de sal antes de mergulhar um pano limpo na mistura. Ela puxou o pano e então, com a mesma gentileza, esfregou-o em um corte no braço da Fera.

Ele rugiu como se ela tivesse feito outro corte.

— Isso dói! — rosnou ele, mostrando suas presas e tentando puxar o braço.

— Se você ficasse parado, *não doeria tanto* — retrucou Bela, agarrando o braço dele de volta.

— Se *você não tivesse fugido* — disse a Fera, com a mandíbula cerrada —,

isso não teria acontecido.

— Bom, *se você não tivesse me assustado, eu não teria fugido*.

Assistindo à briga da dupla, madame Samovar ergueu uma sobrancelha. Então olhou para Lumière, que estava rodeando a porta nervosamente. Eles trocaram olhares conclusivos, mas permaneceram em silêncio, ambos curiosos para saber até onde iria essa nova familiaridade.

— Bem… — continuou a Fera, determinado a ter a última palavra. — *Você* não deveria ter ido à ala oeste.

Bela não recuou.

— Bem… *Você* deveria aprender a controlar seus nervos.

A Fera abriu a boca, mas a fechou. Então abriu de novo. E fechou mais uma vez. Enfim, soltou um pequeno suspiro. Ela tinha razão.

Sorrindo, Bela olhou de volta para a ferida que estava limpando. O sorriso se foi. Apesar do conflito, ela estava honestamente preocupada com a Fera. O ferimento estava pior do que ela havia pensado a princípio.

— Tente descansar um pouco — aconselhou ela, esfregando gentilmente a ferida uma última vez com a toalha. Levantando-se, ela observou enquanto os olhos da Fera se fechavam lentamente e sua respiração acalmava. Quando teve certeza de que ele estava dormindo e momentaneamente sem dor, virou-se para deixar o quarto. Para sua surpresa, madame Samovar e Lumière a aguardavam, próximo à porta. Ela havia esquecido por completo de que eles estavam ali dentro.

— Obrigada, senhorita — disse madame Samovar, sorrindo com gratidão para Bela de seu carrinho de servir.

Lumière fez uma reverência e acrescentou:

— Somos eternamente gratos.

Bela assentiu, surpresa com o profundo interesse e preocupação naqueles olhares. Ela não conhecia tão bem a Fera, mas ele não parecia ser um mestre particularmente bondoso. Ainda assim, aqueles dois pareciam tão esgotados quanto o próprio amo.

— Por que vocês se importam tanto com ele? — A pergunta saiu de sua boca antes que ela pudesse pensar em contê-la.

— *Nós cuidamos dele por toda a sua vida* — respondeu madame Samovar.

— Mas ele amaldiçoou vocês, de certa forma — comentou Bela. Ela *queria* entender o porquê de tamanha lealdade. Parecia tão… estranho. Quando nem o bule, nem o candelabro responderam, ela pressionou: — Por quê? Vocês não

fizeram nada para merecer isso.

O grito que a Fera deu quando ela quase tocou a rosa ecoou em seus ouvidos: *Você poderia ter condenado a todos nós!* O castelo estava claramente sob efeito de algum feitiço. E ela não podia imaginar nenhum membro da *equipe* do castelo sendo responsável por aquilo tudo.

— Você tem toda a razão, querida — disse madame Samovar. — Sabe, quando o mestre perdeu a mãe, seu pai cruel pegou aquele menino doce e inocente e o obrigou a ser como ele… E nós não fizemos nada a respeito.

Como se estivesse esperando para contar sua história havia muito tempo, as palavras verteram de madame Samovar. Ela retratou a imagem triste de um garotinho que amava a mãe do fundo do coração. Naquela época, contou madame Samovar, o castelo era um lugar diferente. Era cheio de riso e amor, luz do sol e inocência.

Então a mãe do menino, a mãe da *Fera*, Bela concluiu, ficou doente. Os olhos de Bela se arregalaram quando madame Samovar explicou que o garoto permaneceu dia e noite ao lado do leito da mãe, assistindo enquanto ela definhava. Ele implorou para que os médicos a ajudassem, mas eles apenas balançaram a cabeça e ofereceram falsas promessas.

Pobre garoto, pensou Bela. *Não conheci minha mãe e ainda sinto um vazio no coração.* Ela não podia imaginar como devia ter sido para a Fera. Conhecer um amor tão grande e perdê-lo.

Como se adivinhasse aqueles pensamentos, madame Samovar continuou com sua história triste. Depois que a mãe do garoto faleceu, as coisas nunca voltaram a ser como antes. O pai era um homem frio e insensível, que arrancou a luz de seu próprio filho e a apagou por completo. O tempo passou, e todos os vestígios de felicidade foram varridos do castelo e substituídos pela escuridão e frieza, antes mesmo da maldição.

A voz de madame Samovar foi sumindo ao ouvir a Fera gemer de dor em sua cama. Os três observaram, segurando o fôlego, até que ele se ajeitou de novo. Ao se voltar para madame Samovar e Lumière, os olhos de Bela pousaram sobre a redoma de vidro e a rosa que murchava lentamente, com as pétalas carmesim amontoadas abaixo dela.

— O que vai acontecer quando a última pétala cair? — perguntou ela, com medo de já saber a resposta.

— O mestre permanecerá como uma fera para sempre — respondeu Lumière. — E o restante de nós se transformará em…

— Antiguidades — finalizou madame Samovar.

— Quinquilharias — corrigiu Lumière.

Horloge, que viera dar uma olhada no paciente bem no meio da conversa, limpou a garganta.

— Lixo — disse ele com rispidez. — Nós nos transformaremos em lixo. — Bela ergueu uma sobrancelha. A voz do relógio estava mais severa do que ela jamais ouvira.

Ao redor, os outros membros da equipe que estavam ajudando a cuidar da Fera se juntaram a eles, acrescentando à lista o que se tornariam. Bela ouviu com tristeza no coração. Ela sabia como era se sentir aprisionada. Ela se sentia daquela forma vivendo em Villeneuve, onde todos os dias eram iguais e todas as pessoas também. A diferença era que ela *podia* ir embora se realmente quisesse escapar. Madame Samovar? Lumière? Horloge? Eles não podiam. Eles eram prisioneiros das muralhas do castelo, e agora ela sabia que também estavam presos dentro dos objetos que haviam se tornado. Ela se virou e olhou para a besta adormecida. Como sua criadagem, ele também estava preso. Ele fora aprisionado havia muito, muito tempo: primeiro por um pai cruel e depois pela maldição.

— Quero ajudar vocês — disse Bela, surpreendendo a si mesma e aos outros. — Deve existir alguma maneira de quebrar a maldição.

Houve uma longa pausa enquanto a equipe trocava olhares. Então Horloge se pronunciou:

— Bem, há *uma* maneira…

— Não é você quem deve se preocupar com isso, docinho — disse madame Samovar, interrompendo Horloge. — Quem semeia vento colhe tempestade. — Deixando clara sua posição, madame Samovar conduziu o restante da equipe para fora do quarto.

Bela os observou sair. Quando ficou sozinha com a Fera, andou até seu leito. Ela ficou surpresa ao ver que seus olhos estavam abertos. Ele ouvira tudo. E a dor e a vergonha que Bela viu quando os olhares se encontraram partiu seu coração. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele fechou os olhos e virou as costas para ela.

Com um suspiro, Bela retirou-se e deixou que ele dormisse. Ao fechar a porta, porém, deu uma última olhada na rosa. Enquanto observava, outra pétala caiu. Ela desejou que houvesse algo que pudesse fazer pelas pobres almas ali aprisionadas. Mas parecia uma causa perdida, tão impossível quanto voltar no

tempo.

CAPÍTULO XI



Bela decidiu que, enquanto estivesse no castelo, usaria seu tempo de forma produtiva, ajudando na recuperação da Fera, para começar.

Ajustando seu vestido ao redor das pernas, Bela se acomodou na cadeira ao lado da cama da Fera. Os olhos dele estavam fechados, o que lhe deu a chance de examinar suas feridas. Alguns dias haviam se passado desde o episódio com os lobos e, com tratamento constante, a maioria dos cortes estava começando a sarar. Ainda assim, os maiores e mais profundos permaneciam enfaixados. Eles levariam mais tempo para fechar e provavelmente deixariam cicatrizes. Olhando-o fixamente, Bela sentiu um ímpeto de tristeza pela criatura. Ele já tinha acumulado tantas cicatrizes invisíveis após crescer sem uma mãe para protegê-lo de um pai cruel que parecia injusto que também as tivesse na pele.

Bela suspirou. Não ajudaria em nada a Fera se *ela* ficasse ali sentada se lamentando. Procurando ao redor por algo que a entretivesse enquanto ele dormia, Bela não ficou surpresa ao constatar que não existia quase nada do tipo. Não havia livros na mesa de cabeceira. A arte estava toda destruída e até mesmo a mobília tinha sinais de desgaste. *Parece que vou ter que me entreter sozinha*, pensou Bela.

Suavemente, ela recitou alguns trechos de uma de suas obras favoritas, *Sonho de uma noite de verão*.

— O amor pode transpor a forma e a honra. O amor não vê com os olhos, vê com a mente.

Para sua surpresa, a voz profunda da Fera se juntou à dela e eles terminaram o verso em uníssono:

— Por isso é alado, é cego e tão potente.

Bela desviou o olhar, estarrecida. A Fera *não* estava dormindo. Ele estava olhando para ela com uma expressão divertida em seu rosto peludo.

— Você conhece Shakespeare? — perguntou Bela. Percebeu que sua voz estava cheia de descrença e corou de vergonha. Depois do que madame Samovar lhe dissera, ela sabia que a Fera já fora um menino humano um dia. Um *príncipe* humano. Ainda assim, não conseguia conceber o fato de que a criatura deitada na cama à sua frente parecia ter mais classe que a maioria dos moradores de sua aldeia.

A Fera deu de ombros.

— Eu tive uma boa educação — respondeu ele.

Houve um silêncio constrangedor.

— Na verdade, minha peça preferida é *Romeu e Julieta* — comentou Bela.

— Por que isso não me surpreende? — respondeu a Fera, com um toque de riso nos olhos.

— O que quer dizer com isso? — disse Bela, fingindo-se de ofendida.

— Todo aquele sofrimento e angústia e… — A Fera estremeceu dramaticamente. — Há tantas coisas melhores para ler.

— Como *o quê?* — replicou Bela, com uma sobrancelha erguida. Ela cruzou os braços, lançando o desafio.

A Fera sorriu. Então começou a se levantar da cama.

— Oh, não, não faça isso! — disse Bela, alcançando-o para detê-lo.

Mesmo ferido, a Fera era muito mais forte que Bela. Ele a afastou e saiu da cama. Então, sem dizer uma palavra, saiu lentamente do quarto. Bela não teve escolha senão ir atrás.

Seguiram pelo corredor da ala oeste, viraram várias vezes e subiram uma pequena escadaria. Bela estava empolgada de curiosidade. A Fera não dissera nada nem dera qualquer pista sobre aonde estavam indo. Ele apenas caminhou a passos lentos, parando de vez em quando para recuperar o fôlego.

Finalmente, pararam em frente a duas grandes portas, com no mínimo dois andares de altura e relevos esculpidos que retratavam várias cenas. Ao lado da Fera, Bela tentou decifrar alguns dos desenhos maiores, mas, antes que ela conseguisse, a Fera abriu as portas.

— Há algumas coisas aqui que podem lhe interessar — disse ele.

Bela engasgou.

Diante dela estava a coisa mais linda que já vira. Era uma biblioteca. Mas não uma qualquer. Devia ser a maior e mais grandiosa biblioteca de toda a

França. O teto se elevava acima dela, com estantes repletas de livros até o topo. Uma lareira colossal dominava uma das paredes e até na cornija havia livros expostos. Em outra parede, uma grande janela deixava entrar luz suficiente para leitura, mas ainda assim velas estavam acesas por todo o cômodo. Apesar da imensidão, o local era confortável e aconchegante. Bela olhou ao redor para as variadas cadeiras bem almofadadas e imaginou como seria relaxante se acomodar em uma delas com um livro nas mãos.

— Você está bem? — perguntou a Fera, tomado por uma preocupação genuína.

Bela imaginou que estava parecendo um peixe fora d'água de tão chocada e boquiaberta. Ela se virou e sorriu para ele.

— É maravilhoso — disse ela, ciente de que não era uma resposta à altura da grandiosidade da sala.

— Sim, suponho que seja mesmo — replicou a Fera, pensativa, como se notasse pela primeira vez. — Bem, então é toda sua. Você pode dominar essa sala. — Ele se curvou e se virou para sair.

A voz de Bela o interrompeu. Seu pescoço estava esticado para trás enquanto ela observava as estantes no topo da sala.

— Você realmente leu todos estes livros?

— Não todos — respondeu a Fera. — Alguns estão em grego.

O queixo de Bela caiu.

— Foi uma piada? — inquiriu ela, começando a rir. — Você está fazendo piadas agora?

A Fera tentou não rir enquanto respondia.

— Talvez…

Sem mais palavras, a Fera se virou e deixou a sala. Bela ficou onde estava, balançando a cabeça. O que tinha acabado de acontecer?

Conforme os dias se passaram, Bela encontrou mais e mais razões para se fazer a mesma pergunta. Em vez de o que *havia acontecido*, a pergunta na verdade era o que *estava acontecendo?* Porque não havia como negar: algo havia mudado entre Bela e a Fera. Ela não tinha certeza se começara quando ele a resgatou na floresta ou quando ela deu meia-volta e o resgatou. Ou talvez tenha sido na manhã em que ele lhe mostrou a biblioteca e ela viu seu lado mais gentil pela primeira vez. Podia até mesmo ter começado em um ponto no meio de tudo isso: quando madame Samovar contou a ela a história da

juventude da Fera. *Quando* acontecera não fazia diferença. O que importava, e Bela não podia negar, era o simples fato de que havia uma faísca inédita entre eles. Algo que fazia os dias no castelo se parecerem menos com uma sentença penal e mais… bem, mais com uma diversão.

E a Fera havia se tornado mais um amigo do que um captor.

Bela não se esgueirava mais pela cozinha para fazer suas refeições. Em vez disso, ela e a Fera compartilhavam a mesa de jantar: ele em uma ponta e ela na outra. Às vezes, cada um deles trazia um livro e liam à mesa em um silêncio cúmplice. Em outras refeições, falavam sobre as obras, citando suas partes favoritas ou o que teriam mudado. Bela estava tão deslumbrada com a paixão mútua pelos livros que parou de notar quando a Fera tomava a sopa diretamente da tigela, ignorando totalmente os talheres. Em alguns momentos, ela ia até mais longe e tomava a sopa do mesmo jeito, apenas para que a Fera se sentisse mais confortável.

Refeições e livros não eram as únicas coisas que eles compartilhavam agora. Quando o clima permitia, Bela se juntava à Fera do lado de fora e ele lhe mostrava as terras ao redor, ou eles levavam Philippe para passear. Até mesmo quando o tempo não estava perfeito, eles encontravam formas de se divertir além das muralhas do castelo. Dias nevados levavam a guerras de bolas de neve; dias ensolarados acabavam em piqueniques.

Bela inclusive encorajou a Fera a se juntar a ela e à equipe para limpar o castelo: os dois esfregaram o chão até que o velho mármore polido voltasse a brilhar e limparam os anos de sujeira das janelas até que enxergassem a radiante luz do sol. Eles transformaram a ala oeste, removendo colunas quebradas e destroços, e substituindo os pedaços rasgados de tecido por cobertores aconchegantes, dando uma cama apropriada à Fera.

A cada momento e aventura que eles viviam juntos, Bela ficava mais confortável na presença da Fera. Ela não estremecia mais quando ele a tocava acidentalmente com a pata. Nem seu sorriso se desfazia diante das presas afiadas dele.

Na verdade, durante um almoço em certa tarde, Bela teve um estalo e se deu conta de que nem enxergava mais aquelas partes da Fera. Ela via a bondade em seus olhos quando ele a observava. Ela ouvia a inteligência em sua voz quando eles conversavam sobre literatura. E ela viu o orgulho que ele sentiu do seu lar quando olhou ao redor.

Estou vendo o homem dentro da Fera, ela escreveu uma tarde em um diário

que mantinha. Se aquelas suas experiências não valessem uma publicação, então ela não sabia o que valia. *Estou vendo o que madame Samovar, Lumière, Horloge e todos os outros sempre viram. Apenas precisei de um tempo*... Fechando o diário, Bela se levantou e foi até a janela de seu elegante quarto. Do lado de fora, a última luz do dia estava desaparecendo. Uma lua quase cheia começava a apontar além do horizonte, iluminando os jardins nevados com uma luz pálida e etérea. Olhando para a paisagem, Bela estava mais uma vez impressionada pela beleza do castelo. Desde que sua amizade com a Fera se fortaleceu e eles se esforçaram para recuperar a antiga glória da construção, todo o castelo tinha se tornado mais vivo e brilhante diante de seus olhos. Ela viu a beleza nas linhas das pedras que formavam as muralhas e apreciou os altos torreões. Não era a arquitetura pitoresca e impactante de Villeneuve, mas ainda assim era encantador.

Ao avistar a Fera caminhando até a colunata com um livro em mãos, Bela se virou e pegou seu livro na mesinha de cabeceira. Ela desceu as escadas e saiu do castelo, juntando-se a ele.

— O que você está lendo? — perguntou ela ao entrar na colunata.

A Fera ergueu o olhar, surpreso em vê-la, e colocou o livro de lado.

— Nada — disse ele, tentando esconder o volume.

Era tarde demais. Bela já havia lido o título.

— *Guinevere e Lancelot* — observou ela.

A Fera deu de ombros.

— *Rei Artur e a távola redonda* — esclareceu ele —, espadas, lutas… — Sua tentativa de focar as partes de ação não escapou à Bela.

— Ainda assim… é um romance — apontou ela, tentando não rir quando a Fera deu de ombros e pareceu encabulado.

— Parece que foi uma mudança — disse ele enfim.

Por um momento, eles apenas compartilharam um silêncio constrangedor. Apesar de todo o tempo que passavam juntos, aquilo parecia diferente para Bela. Talvez fosse o luar. Talvez fosse a mudança admitida pela Fera. Talvez fosse apenas algo novo no ar. Qualquer que fosse a razão, Bela sentiu a ânsia repentina de falar algo que nunca havia dito antes.

— Nunca lhe agradeci por ter salvado minha vida — falou ela com doçura.

— Nunca lhe agradeci por não me deixar morrer — respondeu ele sem hesitação, como se também estivesse esperando havia muito tempo para dizer aquelas palavras.

O ar crepitou entre eles enquanto se observavam, com os olhos fixos, as palavras se arrastando. Quando Bela achou que a situação não poderia ficar mais tensa, ouviram gritos seguidos de risadas vindo de dentro do castelo. Os servos, ao que parecia, estavam dando uma festinha. O barulho quebrou a tensão e ambos respiraram aliviados.

— Bem… eles sabem como se divertir — comentou Bela.

A Fera assentiu.

— Às vezes, quando estou jantando, ouço as risadas e finjo que estou comendo com eles.

— Você deveria fazer isso! — exclamou Bela, impressionada que ele admitisse tal coisa. — Eles iriam adorar.

— Não, eu já tentei — respondeu ele, com a leveza do momento indo embora tão rápido quanto viera. — Quando entro em um cômodo, as risadas acabam.

A boca de Bela se abriu e fechou. Era *exatamente* como ela se sentia toda vez que entrava na aldeia. Ela contou isso à Fera. Então acrescentou:

— Os aldeões dizem que sou uma garota engraçada, mas eu não acho que é como se fosse um elogio. — Para sua surpresa, ela sentiu lágrimas se formando em seus olhos. Ela nunca havia admitido para ninguém, nem mesmo para o pai, que isso feria seus sentimentos.

— Sinto muito — disse a Fera, genuinamente. — Sua aldeia parece terrível.

— Quase tão solitária quanto seu castelo — disse Bela.

Mais uma vez a Fera assentiu, sem se ofender com a declaração. Nos últimos dias, a presença de Bela e a vida que ela soprava no castelo haviam mostrado a ele o quão solitário o local estivera.

— Não foi sempre assim — disse ele. Ele parou como se uma ideia tivesse surgido em sua mente, então sorriu. — O que acha de escaparmos daqui?

Bela inclinou a cabeça, surpresa com a sugestão. Era a *última* coisa que ela esperava ouvir da boca da Fera. Intrigada, ela assentiu e o seguiu para fora da colunata e de volta ao castelo. Apesar de todas as perguntas que se formavam em sua mente, ela permaneceu em silêncio enquanto ele a guiava pelos já familiares corredores e por um lance de escadas até a biblioteca.

Decidido, a Fera andou até uma mesa simples que estava encostada em uma das paredes da biblioteca. Tirou uma chave do bolso e destrancou um dos gabinetes.

Bela espiou por cima do ombro dele. Repousando em uma almofada de

veludo estava o mais belo livro que Bela já vira. A capa de couro era revestida com uma folha de ouro e brilhava apesar da grossa camada de poeira. Parecia mágico para Bela, e ela se esticou para alcançá-lo e tocá-lo.

— A feiticeira que me deu — contou a Fera, vendo os olhos arregalados de Bela. — Mais uma de suas muitas maldições. — Ele o abriu lentamente e a lombada estalou pela falta de uso. Não havia texto nem página de título ou dedicatória. Em vez disso, a primeira página revelava um antigo atlas mundial. Diferente da maioria dos atlas, este não mostrava países ou capitais, mas somente a terra e o mar. Bela olhou para a Fera com uma expressão interrogativa. Ele explicou: — Este é um livro que permite que você escape de verdade.

Dando um passo à frente, os olhos de Bela se arregalaram ainda mais quando ela viu o desenho criar vida. Ondas se chocavam contra as praias. Árvores verdes balançavam aos ventos invisíveis. Um pó dourado leve parecia sair das páginas e rodopiar lentamente pelos continentes do mapa.

— Que incrível — soltou ela, sentindo seu coração acelerar dentro do peito.

A Fera não parecia impressionada.

— Foi o mais cruel dos truques da feiticeira — ele disse. — O mundo lá fora não tem lugar para um monstro como eu. Mas para você, sim. — Ele se inclinou devagar e pegou a mão de Bela. Então gentilmente a moveu até o livro. — Pense no lugar que mais queira conhecer. Primeiro veja com os olhos da mente. Agora sinta em seu coração.

Bela fechou os olhos. Ela não precisava pensar no lugar que queria conhecer. Ela sabia instintivamente. Esticou os dedos e os posicionou na página. A sala então começou a girar e as paredes da biblioteca começaram a desaparecer.

Quando Bela abriu os olhos, ela não estava mais olhando para as estantes de livros do chão ao teto. Os jardins tranquilos cobertos de neve haviam sumido e as estrelas se foram. Eles estavam em um pequeno apartamento empoeirado com vista para luzes brilhando no horizonte de uma cidade.

A Fera olhou pela janela e viu a hélice de madeira de um moinho de vento se movendo.

— Onde estamos?

— Paris — revelou Bela, em um sussurro quase inaudível ao som das hélices do moinho de Montmartre girando próximo.

— Oh, eu amo Paris — exclamou a Fera. — O que você gostaria de ver primeiro? A Catedral de Notre-Dame? A Champs-Élysées? Turístico demais?

Mas Bela estava absorvida em seus próprios pensamentos, olhando ao redor do pequeno quarto escuro. Ela pensara naquele apartamento por tantos anos e o imaginara com os olhos da mente, mas nunca ousou sonhar que o veria de verdade. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— É tão menor do que eu imaginava — disse ela após um momento, piscando para conter as lágrimas.

Eles foram transportados para o sótão empoeirado onde Bela viveu com seu pai e sua mãe tantos anos antes. Parecia abandonado, restando apenas um pequeno berço e um cavalete quebrado como lembranças de que o local já fora um lar. Conforme Bela andou pelo espaço, a tristeza que sentiu no início retornou com uma vingança. Por alguma razão, ela imaginara que o livro encantado revelaria seu lar de infância como havia sido, não no estado atual. Mas ela claramente estava olhando para um local vazio. Ninguém morava ali havia anos, desde que Maurice tinha se mudado com Bela para o interior.

Atrás dela, a Fera permanecia em silêncio, deixando que ela tivesse seu momento de nostalgia. Quando, porém, ela pegou um chocalho que estava pendurado no canto do berço, ele finalmente falou.

— O que aconteceu com a sua mãe? — perguntou ele com suavidade.

— Essa é a única história que papai nunca se dispõe a me contar — disse Bela, apertando o chocalho. A madeira estava velha, mas os detalhes ainda eram extraordinários. Era uma rosa perfeitamente esculpida. — E eu sei que não devo perguntar.

Enquanto ela falava, os olhos da Fera passearam até o canto do cômodo. Ele se moveu com uma expressão aflita para pegar uma máscara preta que lembrava o bico de um pássaro. Aquela máscara significava apenas uma coisa: era o que os médicos usavam para se proteger da doença nefasta de seus pacientes. Bela seguiu o olhar dele e, ao ver a máscara, lágrimas encheram seus olhos novamente. A peste. Era isso que havia levado sua mãe. Foi o que fez seu pai fugir para a segurança do interior.

Todos esses anos, ela se ressentiu por ser mantida presa em Villeneuve. Mas agora ela sabia o que ele tinha enfrentado. Podia imaginar sua mãe insistindo para que ele levasse a filha embora, implorando que a deixassem antes que também fossem infectados. Ela não conseguia imaginar como o pai se sentira vendo sua amada morrer lentamente sem poder salvá-la. Os nós dos

dedos de Bela perderam a cor quando ela apertou o chocalho de rosa com mais força.

— Sinto muito por ter chamado seu pai de ladrão — disse a Fera.

Perdida em seus pensamentos, Bela se surpreendeu com a voz profunda da Fera. Ela se virou para olhá-lo. Preocupação marcava seus traços com nitidez. Bela secou as lágrimas e deu uma última olhada pelo sótão. Ela vira o suficiente. Em seguida, pôs o chocalho no bolso do avental para não se separar dele.

Inclinando-se, ela pegou a mão da Fera.

— Vamos para casa — disse ela. — Para o castelo.

A Fera assentiu e, juntos, eles colocaram as mãos sobre as páginas do livro encantado, fecharam os olhos… e imaginaram seu lar.

CAPÍTULO XII



Gaston estava ficando impaciente. Ele havia passado as últimas semanas fazendo o de sempre: caçando, disputando concursos de quem comia mais, levando uma das garotas da aldeia para jantar. Mas ele se perguntava quando Bela enfim retornaria.

Maurice se fora havia muito tempo. Ele não voltaria para incomodar Gaston e, quando Bela retornasse de onde quer que estivesse, o caminho para se casar com ela estaria livre. Sim, tudo daria certo, pensou enquanto ia até a taverna para sua dose diária de bebida e adoração. Ele só precisava que sua futura esposa voltasse logo para casa.

E que LeFou parasse de falar.

O companheiro assíduo de Gaston estava, mais uma vez, balbuciando sobre Maurice, o que dificultava para Gaston deixar o momento no passado.

— Uau, isso é um problema — dizia o homenzinho. — Mas pelo menos não estamos amarrados a uma árvore no meio do nada, certo? Sabe, não é tarde demais. Nós podemos simplesmente buscá-lo…

Gaston não respondeu.

LeFou pressionou:

— É que toda vez que eu fecho meus olhos imagino Maurice abandonado. Então, quando os abro, ele está…

Sua voz sumiu quando Gaston abriu as portas da taverna e eles encontraram Maurice *lá dentro*.

— Oh, engraçado, eu ia dizer "morto" — finalizou LeFou com a voz falhando.

Maurice estava cercado pelos frequentadores tradicionais da taverna, incluindo o oleiro Jean e *père* Robert. Além de um nariz vermelho, ele parecia

não ter sequelas, e era claro pelos punhais que os aldeões apontavam para Gaston que, passada a sua provação, ele estivera bem o suficiente para contar a todos o que tinha acontecido.

— Gaston — disse Jean, com a voz séria. — Você tentou matar Maurice?

Gaston sabia que tinha poucas opções. Ele podia lutar, o que era sua resposta comum. Ele podia correr, mas aquela opção era covarde e lhe dava arrepios. Então, após uma rápida olhada ao redor, decidiu escolher uma terceira opção: negar, negar e negar. Engessando um sorriso acolhedor no rosto, avançou rápido na direção de Maurice, que estava com os braços cruzados.

— Oh, Maurice — começou Gaston. — Graças aos céus. Passei os últimos cinco dias tentando encontrá-lo. Por que você fugiu para a floresta nessas condições?

Enquanto suas palavras ressoavam pelo salão, os aldeões reunidos ficaram confusos, sem saber em quem acreditar.

— O quê? — disse Maurice, incrédulo. Ele balançou a cabeça. — Não! Você tentou me matar! Você me deixou para os lobos!

Gaston colocou a mão no peito como se as palavras de Maurice o tivessem ferido.

— Lobos? Do que você está falando? — perguntou ele. Gaston olhou para os aldeões e revirou os olhos como quem diz, *Vamos mesmo voltar a esse ponto de novo? Vocês vão mesmo acreditar neste homem?* Ele tentou não sorrir com presunção quando a maioria deles retribuiu o revirar de olhos.

— Os lobos que estavam perto do castelo da Fera — respondeu Maurice, com sua voz aumentando e contribuindo com a aparência lunática.

— Está certo — disse Gaston com condescendência. — Há uma besta em um castelo que de alguma forma ninguém nunca viu?

Maurice hesitou. Olhando ao redor do salão, ele viu que todos esperavam por sua resposta.

— Bem… sim — respondeu ele, por fim.

Gaston tinha Maurice — e todos os outros — exatamente onde queria. Como quando encurralava sua presa nas caçadas, ele colocou Maurice na defensiva, como se soubesse que seu tempo estava acabando. Devagar, Gaston balançou a cabeça.

— Uma coisa é delirar nas suas ilusões — comentou ele. — Outra coisa é me acusar de assassinato.

Para sua surpresa, foi *père* Robert, e não Maurice, quem se posicionou. O padre deu um passo à frente de Maurice na defensiva. Então olhou para a multidão reunida.

— Ouçam o que tenho a dizer, todos vocês — clamou o padre. — Este é Maurice, nosso vizinho. Nosso amigo. Ele é um bom homem.

Gaston tentou não rir. Ele mesmo não teria montado um cenário melhor para o golpe final.

— Está sugerindo que eu não sou? — questionou, soando ofendido. — Eu não salvei essa aldeia da selvageria dos saqueadores portugueses? Eu não sou a única razão pela qual vocês estão reunidos nesta tarde, em vez de enterrados nas colinas?

Suas palavras, como uma flecha disparada de seu arco, atingiram o alvo. Os aldeões murmuraram uns com os outros, duvidando claramente de Maurice.

— Maurice — disse o oleiro Jean, virando-se para o velho homem. — Você tem alguma prova do que está dizendo?

— Pergunte a Ágata! — respondeu ele, tentando desesperadamente manter Jean do seu lado. — Ela me resgatou! — Virando-se, ele apontou para o outro canto da taverna, onde a velha pedinte observava tudo em silêncio. Sentindo os olhares de todos sobre si, Ágata se cobriu e apertou o capuz esfarrapado em volta do rosto.

Gaston ergueu uma sobrancelha.

— Você sustenta sua acusação no testemunho de uma velha mendiga imunda? — disse ele.

Percebendo que aquela não devia ter sido a melhor das apostas, Maurice olhou ao redor. Ele precisava mudar de tática. Ao avistar o companheiro sempre presente de Gaston, Maurice soltou um grito:

— *Monsieur* LeFou! Ele estava lá. Viu tudo!

— Eu? — disse LeFou, engolindo em seco quando todas as atenções se voltaram para ele.

— Você tem razão. Não tomem minha palavra neste caso — disse Gaston, mais uma vez empolgado com toda a cena se desenrolando a seu favor. Ele andou até o amigo e o envolveu com o braço. — LeFou, meu querido companheiro, você e eu, *Le Duo* — sua voz transbordou falsidade quando ele usou o apelido —, encontramos alguma besta ou castelo assombrado em nossa busca?

A cabeça de LeFou balançou para a frente e para trás. Gaston apertou seu

ombro com mais força. Era óbvia a resposta que *ele* queria ouvir. Mas, olhando para Maurice, LeFou se lembrou do quão mal se sentira quando eles o deixaram para trás, sozinho no frio e na escuridão. Gaston apertou-o ainda mais.

— É uma pergunta complicada por várias razões, mas… *não?* — ele finalmente respondeu.

— E eu, seu mais velho amigo e mais leal compatriota — continuou Gaston, exagerando no tom —, tentei matar o pai da única mulher que já amei?

— Bem… — LeFou se esquivou. — "Matar" é uma palavra muito forte. Não. Não, você não fez isso.

Era tudo o que a multidão precisava ouvir. Imediatamente, a sorte mudou de Maurice para Gaston. Enquanto o rosto do velho homem murchava, um sorriso arrogante se repuxou no canto da boca de Gaston. Ele vencera.

— Maurice, me machuca dizer isso — ele disse com falsidade —, mas você se tornou um perigo para si e para os outros. Você precisa de ajuda, senhor. De um lugar para curar sua mente perturbada. — Ele se aproximou e colocou uma de suas mãozonas no ombro de Maurice. Então o apertou com força. — Tudo vai ficar bem. — Mas, enquanto suas palavras eram gentis, seu tom era mais frio que o gelo.

Maurice engoliu em seco. Ele não tinha dúvida nada iria ficar bem. Nada mesmo.

Dentro do castelo, a Fera estava tendo pensamentos semelhantes. O tempo corria, e ele não tinha a mais remota ideia se as coisas ficariam bem. Claramente não era o único. Embora ele quisesse se preparar sozinho para aquela noite, uma plateia havia se formado: uma plateia com muito palpite para dar.

— É hoje, mestre — disse madame Samovar ao entrar na ala oeste. A Fera estava no grande banheiro, imerso em uma enorme banheira com água quente e sabão. — É agora ou nunca.

— O relógio está girando — acrescentou Horloge.

— A rosa só tem mais quatro pétalas — falou Lumière. — O que significa que esta noite… você *tem* que dizer a ela o que sente.

A Fera suspirou. Ele sabia que sua equipe só estava tentando ajudar. Nada que diziam era uma novidade. Ele *sabia* que o tempo estava acabando. Ele *sabia* que aquela noite era importante. Ele *sabia* que Bela era sua única

chance — a única chance do castelo. Ouvir tudo aquilo em voz alta não ajudou a conter sua ansiedade crescente. E ele não se importava em admitir o nervosismo que sentia em relação ao anoitecer que se aproximava. A Fera havia feito um comentário casual com Bela sobre o quão bonito estava o salão depois de todo o trabalho duro e como eles deveriam celebrar com uma dança. Ele nunca imaginara que ela diria "sim".

Ele sinalizou para que lhe dessem um momento de privacidade e terminou seu banho. Uma cortina havia sido colocada na frente da banheira. Ele se levantou e se sacudiu para secar o corpo. Finalmente, ele falou:

— Ela nunca vai me amar.

— Não desanime — disse Lumière para a sombra da Fera na cortina. — Ela é a escolhida.

— Não há uma *escolhida* — retrucou a Fera. Ele puxou a cortina e deu um passo até a luz provida pelas velas de Lumière. — Olhe para mim. Ela merece muito mais do que uma besta.

Em sua própria defesa, Lumière não se encolheu ao ver a Fera, que naquele momento parecia particularmente engraçado. Seu pelo estava arrepiado em todas as direções por causa de seus movimentos de secagem, e a toalha que ele tinha prendido ao redor da cintura fazia seus ombros parecerem ainda mais largos e peludos. Lumière limpou a garganta e insistiu:

— Você se importa com ela, não?

A Fera assentiu. Ele se importava com Bela, mais do que jamais imaginou que seria possível. Os últimos dias e a viagem deles para Paris haviam fortalecido os sentimentos. Mas ele não era tolo. Embora pudesse ter começado a gostar dela, e ela tivesse aprendido a estar perto dele sem sentir medo, aquilo não significava que ela o amava. Ele era uma besta, afinal. Não importava quantos banhos tomasse, as roupas que vestisse ou se conseguisse tomar sua sopa de colher, aquilo não mudaria — a não ser que ela *de fato* o amasse como ele era. Mas isso era improvável.

Lumière viu a dúvida e o medo nos olhos de seu mestre, mas seguiu em frente, encorajado pelo aceno.

— Bem, então vou impressioná-la com uma bela música e luz de velas romântica…

— Sim — acrescentou Plumette. — E, quando for o momento certo…

A Fera inclinou a cabeça.

— Como vou saber?

Horloge, que até aquele ponto estava se mantendo fora da conversa de propósito, limpou a garganta.

— Em minha experiência — disse ele —, você vai se sentir um pouco nauseado.

Lumière lançou um olhar ao relógio, silenciando-o.

— Não se preocupe, mestre — disse o candelabro, voltando-se para a Fera. — Você vai se sair bem. O problema até então era que a garota não enxergava seu verdadeiro eu.

— Não — discordou madame Samovar. — O problema era que… ela *enxergava*.

Imediatamente, o cômodo ficou em silêncio. A tensão pesou no ar conforme a equipe se virou para encarar o bule. Alguns, como Lumière, esperavam ver algum sinal de humor nos olhos dela. Outros, como Horloge, não ficaram surpresos com sua declaração repentina. De qualquer modo, as atenções de todos finalmente se voltaram para a Fera, que virou o foco de olhos arregalados enquanto madame Samovar prosseguia:

— Por anos, nós insistimos em acreditar que essa maldição o tornaria um homem melhor. Mas você continuou sendo irado, egoísta e cruel, e o tempo de todos nós está acabando. E tem mais uma coisa que todos os servos tinham medo demais para lhe dizer.

— O quê? — perguntou a Fera. Ele estava surpreso em descobrir que tinha medo da resposta. Ela iria lhe contar o quanto ele era odiado? O quão miseráveis eles se sentiram e por quanto tempo? Era possível que ela encontrasse uma forma de fazê-lo se sentir ainda pior?

— Nós amamos você — disse madame Samovar.

A Fera quase caiu para trás com o peso daquelas palavras. De todas as coisas que ele imaginava que ela pudesse dizer…

— Até então — continuou Madame Samovar —, nós o amávamos a despeito de quem você era. Mas, desde que essa garota chegou, nós o amamos por você ser quem é. — Ao redor dela, os servos assentiram em concordância. — Então, pare de ser um covarde e diga a Bela como se sente. Se você não fizer isso, prometo que beberá chá frio pelo resto de sua vida.

— No escuro — acrescentou Lumière.

— Coberto de pó — emendou Plumette.

Em silêncio, a equipe olhou para a Fera e esperou por sua resposta.

Então a Fera sorriu. Discreto no início, o sorriso se espalhou por todo o seu

rosto até dominá-lo. E não foi a expressão sinistra que ele fez para Bela naquele primeiro dia. Era um sorriso caloroso. Um sorriso genuíno. O sorriso de uma fera que não se sentia mais só. O sorriso de um *homem* que enfim tinha esperança.

Enquanto Bela estava em seu quarto, deixando que Madame de Garderobe a embelezasse e mimasse, foi de novo atingida por uma crise de nervos. Desde que aceitara celebrar a restauração do salão com uma dança, borboletas se instalaram firmemente em seu estômago. Agora, com a aproximação do momento de descer as escadas, a ansiedade estava aumentando.

Depois que retornaram de Paris, Bela sentiu outra mudança significativa em sua relação com a Fera. Ele a vira em seu estado mais vulnerável e fora uma fonte de força para ela. A conversa deles agora ia muito além de livros. As caminhadas nos jardins eram mais longas, e nenhum dos dois queria que terminassem. Bela se pegou ansiosa para o jantar, não mais somente pela comida deliciosa, mas pela companhia. Se ela tivesse um amigo para conversar, provavelmente teria admitido que seus sentimentos pela Fera, por mais improváveis que parecessem, haviam se tornado mais profundos do que ela jamais imaginara ser possível.

E agora ela estava prestes a passar uma noite com ele dançando no salão. Ela suspirou. Como chegara até ali?

Madame de Garderobe fez um último ajuste no vestido de Bela e a virou, para que ficasse de frente para o espelho de corpo inteiro.

Bela engasgou. Depois de seu primeiro dia no castelo, ela havia ficado um pouco hesitante em deixar que o guarda-roupa a vestisse. Elas haviam conversado sobre a preferência de Bela por roupas sem babados e com elementos práticos, como bainhas que não arrastavam no chão e bolsos — para a decepção de Madame de Garderobe.

Devagar, porém, Madame de Garderobe começou a criar conjuntos que combinavam perfeitamente com Bela. E naquela noite ela havia se superado. Bela sequer reconhecia a garota que a encarava de volta com olhos castanhos. Seu cabelo estava metade preso para trás, acentuando suas bochechas, que haviam sido levemente cobertas de blush. E o vestido… O vestido era algo além das mais ousadas fantasias de Bela. Ele flutuava ao seu redor como um halo dourado. A cada movimento dela, o traje brilhava, capturando a luz e lançando-a de volta ao cômodo. Madame de Garderobe esticou uma de suas

gavetas e, de repente, uma camada de pó de ouro caiu magicamente do teto, cobrindo o vestido e o deixando, se é que era possível, ainda mais radiante. Além de tudo, a roupa permitia que ela se movimentasse livremente, leve como uma pluma.

Satisfeita com seu trabalho, Madame de Garderobe empurrou Bela para fora do quarto.

A jovem ficou parada por um longo momento, com seu coração batendo forte. *É apenas uma noite como outra qualquer*, ela pensou. *Pare de perder tempo e desça aquelas escadas*.

Respirando fundo, Bela começou a grande caminhada pelo saguão até as escadas. Chegando ao cimo, ela olhou para o topo da escadaria da ala oeste, do outro lado. Para sua surpresa, a Fera estava lá, vestido em seu melhor traje formal e parecendo tão nervoso quanto ela. Seus olhos se encontraram. Eles andaram na direção um do outro e se encontraram na área central. Então ele curvou a cabeça e estendeu o braço, convidando-a sem dizer nada. Ela não hesitou em aceitar.

Juntos, desceram as escadas. A cada passo, a ansiedade de Bela desaparecia. A sensação de caminhar ao lado da Fera era familiar. E, quando ele começou a guiá-la até a sala de jantar, foi decisão *dela* desviar para o salão.

Ela sentiu a hesitação dele conforme o guiava até o meio da pista de dança. Tão rápido quanto veio, o receio se foi assim que a música magicamente começou a tocar. O salão havia sido limpo e iluminado com centenas de velas, para que tudo brilhasse tal qual o vestido dourado de Bela. O palco estava montado.

Então os dois começaram a dançar. Eles valsaram no ritmo perfeito, com os pés de Bela seguindo os da Fera automaticamente. Eles se moveram em séries de passos e giros delicados, em sintonia um com o outro. Era como se já dançassem juntos por anos, e não minutos, e mais uma vez Bela se impressionou com o quanto se sentia confortável na companhia da Fera. Quando maestro Cadenza atingiu o clímax da música, a Fera ergueu Bela para que pairasse ao seu lado e a arrastou para um mergulho emocionante no ar. Quando a música acabou e o salão caiu em silêncio, Bela sentiu um estranho ímpeto de tristeza por ter chegado ao fim.

Como se tivesse percebido, a Fera não soltou sua mão. Ele a levou até o grande terraço que cercava o salão. Um silêncio cúmplice caiu sobre ambos

quando olharam juntos para o céu estrelado. O ar estava fresco como sempre ao redor do castelo encantado, mas não desconfortável. Bela sentiu como se os braços da Fera ainda a envolvessem, enquanto o calor do salão de alguma forma se dissipava.

— Eu não dançava há anos — comentou a Fera, quebrando o silêncio. — Quase me esqueci da sensação. — Ele desviou os olhos das estrelas e fitou Bela. Seu olhar era cheio de afeto… e de algo mais. Ele trocou os pés de lugar com nervosismo, como se não tivesse certeza se deveria continuar. Bela aguardou, tentando encorajá-lo em silêncio. Então ele continuou: — É insensato, suponho, que uma criatura como eu tenha esperança de um dia conquistar sua afeição.

Bela hesitou. Não era insensato. Pelo menos, alguns momentos antes não parecia.

— Não sei… — disse ela com doçura.

A esperança inflamou os olhos da Fera.

— Mesmo? — perguntou ele. — Você acha que poderia ser feliz aqui?

— Alguém pode ser feliz se não for livre? — Bela replicou suavemente.

A Fera piscou com o peso da culpa, sabendo que ela tinha razão.

Uma imagem de Maurice passou pela mente de Bela.

— Meu pai me ensinou a dançar. Nossa casa sempre foi repleta de música.

— Você deve sentir falta dele — disse a Fera, sentindo o tom de voz dela.

Bela assentiu:

— Muito.

Vendo as lágrimas brotarem dos olhos de Bela, a Fera sentiu o coração apertar. Ele detestava vê-la sofrendo, especialmente quando sabia que poderia aliviar a dor.

— Venha comigo — disse ele, pegando a mão dela.

Sem falar mais nada, ele a guiou para fora do terraço e de volta ao salão. Não respondeu quando ela perguntou aonde estavam indo e não explicou quando a conduziu até seu quarto e ergueu um pequeno espelho de mão em sua direção. Tudo o que ele disse foi “Mostre-me Maurice”. Então entregou o objeto a Bela e esperou.

A superfície do espelho rodopiou magicamente e, em instantes, o reflexo de Bela foi substituído por uma imagem de Maurice. Em crescente horror, ela assistiu a seu pai ser arrastado pelo centro da aldeia. Com terror estampado no rosto, ele gritava por socorro.

— Papai! — exclamou ela. — O que estão fazendo com ele?

A Fera esperava que Bela ficasse feliz ao lhe mostrar Maurice. Sua reação não foi como ele previra. Ele espiou por cima do ombro dela e seus olhos se arregalaram quando viu o que se passava com o velho homem. A dor por Bela e pelo que estava acontecendo com seu pai se apossou dele. Então, enquanto Bela continuava a observar o espelho, o olhar da Fera desviou para a redoma da rosa.

Outra pétala caiu.

As palavras de madame Samovar ecoaram em sua cabeça. A sensação da mão de Bela sobre a dele o incendiou. Ele imaginou sua equipe, seus rostos esperançosos quando ele finalmente se vestira para a noite. Então olhou de volta para Bela e viu a mágoa em seus olhos. Ele sabia que este era um momento decisivo. Mas também sabia que não havia escolha. Ele tinha que começar a corrigir os erros que podia corrigir.

— Você precisa ir até ele — disse a Fera, tentando mascarar sua própria dor.

Bela ergueu o olhar.

— O que você disse? — ela perguntou, chocada.

— Você não é mais uma prisioneira aqui — continuou ele. — Não há tempo a perder.

Lágrimas de gratidão e apreço substituíram as lágrimas de tristeza quando Bela olhou para a Fera. Havia tantas coisas que ela queria dizer. Tantas coisas que *precisava* dizer. Mas ela não sabia por onde começar. Tentou devolver o espelho, mas ele balançou a cabeça.

— Fique com ele — disse a Fera —, para que você possa se lembrar de mim.

— Obrigada — sussurrou ela. *Obrigada por tudo*, acrescentou mentalmente.

Então, antes que mudasse de ideia, Bela se virou e saiu correndo.

CAPÍTULO XIII



A Fera não voltou a descer as escadas. Ele não podia suportar a ideia de ver os rostos ansiosos e esperançosos de sua equipe. Em vez disso, andou até a varanda da ala oeste, sem ousar relancear para a redoma e ver quantas pétalas restavam na rosa encantada. De onde estava, ele observou Bela disparando com Philippe, ouviu o ruído do portão do castelo se fechando atrás dela e continuou escutando até o som dos cascos do cavalo desaparecer no silêncio, enquanto ela galopava pela mata. Ainda assim não se moveu. Nem mesmo quando o céu limpo se enublou e o ar se tornou desconfortavelmente frio. Ele permaneceu ali, com o vento aumentando e açoitando seu manto e seus olhos azuis perturbados.

Sua última chance se fora… para sempre. Embora eles tivessem compartilhado uma noite mágica, de alguma forma ele sabia que Bela nunca mais retornaria.

Depois de um tempo, ele voltou ao quarto, desabotoando seu belo manto e deixando que caísse no chão. Por trás, ouviu o som inconfundível do bamboleio de Horloge.

— Bem, mestre — disse o mordomo, com a voz animada —, posso ter minhas dúvidas, mas tudo está funcionando como um relógio. — Ele riu de seu próprio jogo de palavras. — O verdadeiro amor sempre ganha no fim das contas.

— Eu a deixei ir — disse a Fera, com o tom sóbrio. De que adiantava adiar o inevitável? Era um castelo grande, de fato, mas as notícias se espalhavam rápido. Era melhor tornar público logo e lidar com as consequências.

A boca de Horloge se escancarou.

— Você… *o quê?*

Como se fosse um sinal, Lumière e Plumette entraram na sala. Madame Samovar os seguiu em seu carrinho. Pelas expressões em seus rostos, a Fera podia dizer que eles tinham ouvido tudo.

— Mestre… — disse Lumière, com as chamas de suas velas enfraquecendo. — Como pôde fazer isso?

— Eu não tive escolha — a Fera simplesmente respondeu.

— Mas por quê? — Lumière e Horloge perguntaram em uníssono.

Ambos estavam olhando confusos para a Fera. Aquele comportamento era tão estranho. Era como se de repente a Fera tivesse se transformado em uma pessoa diferente.

— Porque ele a ama — madame Samovar respondeu pela Fera.

Todos se viraram para o bule. Sua voz era suave e sua expressão era triste ao olhar para a Fera. Os ombros dele desabaram, mas ele não negou o que madame Samovar afirmara. Ela estava certa. Ele amava Bela.

— Então por que não nos tornamos humanos? — perguntou Lumière, ainda confuso.

Horloge, infelizmente, não estava mais confuso. Agora estava furioso.

— Porque *ela não o* ama! — disparou ele. — E agora é tarde demais.

— Mas ela ainda pode voltar… — Plumette sugeriu esperançosa.

A Fera balançou a cabeça.

— Não. Eu a libertei. — Ele virou as costas para a criadagem. — Sinto muito não poder fazer o mesmo por todos vocês — disse ele, com toda a sinceridade de cada fibra do seu ser.

Então, saindo para sua varanda, ele olhou para o estábulo vazio. Ver Bela guiando Philippe para fora foi a coisa mais difícil que a Fera já havia feito. A dor que ele sentira nos primeiros anos depois que a feiticeira o amaldiçoara pareceu pouco perto do sofrimento de ver Bela montando o cavalo para partir. Ele tinha aberto seu coração havia tanto tempo fechado, e qual tinha sido o resultado? Uma ferida mais profunda do que ele era capaz de suportar. Porque ele sabia que a memória de Bela, assim como a maldição, ficaria com ele para sempre.

Ele deixou a sacada e começou a subir pela torre mais alta do castelo. O vento soprava contra ele, ameaçando açoitá-lo direto para as pedras, mas ainda assim ele continuou escalando. As rajadas ameaçadoras eram uma distração bem-vinda. Mas nem isso era suficiente para impedir que imagens de Bela pairassem em sua mente. Alcançando o topo da torre, ele observou

através da floresta, na esperança de ter um último vislumbre dela. Mas tudo o que viu foram árvores. Com um gemido, ele desabou no chão. Não havia mais como negar: ela havia partido para sempre. Tudo o que restava dela, tudo o que ele sempre teria, eram memórias que desapareceriam com o tempo, deixando-o para sempre sozinho… e no corpo de uma besta.

Bela apressou Philippe, cutucando suas laterais com os calcanhares. Ela sabia que o cavalo estava enfraquecendo, mas precisava voltar para Villeneuve. Seu pai estava em perigo.

No início, a mata era estranha para ela, e tudo o que podia fazer era esperar que Philippe lembrasse aonde estava indo. Mas logo ela começou a reconhecer marcas familiares. Um trecho de amoras aqui, um pequeno lago ali. Quando a lua se ergueu no céu, ela finalmente emergiu da mata para a clareira na ponta da aldeia. Ela se certificou de que suas posses mais valiosas — o espelho mágico e uma pequena bolsa de cetim que ela pegara no castelo — ainda estavam seguras em seu bolso.

Ao ouvir uma comoção próximo ao centro da aldeia, Bela guiou Philippe naquela direção. Para sua surpresa, uma multidão estava reunida ao redor de uma carruagem que parecia uma pequena prisão de metal, com sua estrutura de aço e uma janela bem vedada. Ela avistou Gaston e LeFou próximos. Gaston parecia orgulhoso como sempre; já LeFou parecia desconfortável. Ela continuou a avaliar a cena, então quase perdeu o fôlego.

Maurice estava caído dentro da cela da carruagem.

Enquanto Bela observava, *père* Robert correu na direção do homem que estava trancando Maurice: *monsieur* D'Arque, o diretor do asilo da cidade.

— Este homem está ferido! — disse *père* Robert. — Por favor! Ele precisa de um hospital, não de um asilo!

Ignorando-o, D'Arque terminou sua tarefa e seguiu para o assento do condutor. Gaston se aproximou e se apoiou na carruagem, parecendo sussurrar algo para Maurice.

Bela já vira o suficiente. Aquela carruagem não iria a lugar nenhum. Ordenando que Philippe avançasse, ela abriu caminho no meio dos moradores.

— Parem! — gritou ela.

Sua voz rasgou a multidão, silenciando todos. As pessoas viraram em sua direção de olhos arregalados. Seu vestido de gala flutuava ao redor, com o brilho dourado refletindo o luar e fazendo o traje reluzir magicamente. Ela

podia ouvir os sussurros dos aldeões começando como uma onda. Alguns se perguntavam de onde ela viera. Outros queriam saber se era realmente Bela. Outros murmuravam sobre "aquele vestido" com inveja e espanto.

Ignorando-os, Bela desmontou do cavalo. Ela manteve a cabeça erguida, procurando apoio nos olhares dos aldeões. Não encontrou muito. A maioria a observava com nítida desconfiança agora que o choque inicial havia passado. Ainda assim, havia alguns rostos amigáveis. *Père* Robert estava perto, com sua expressão perplexa e um pouco derrotada. E Jean, o oleiro, estava lá também, embora parecesse confuso e impotente, como sempre.

Contendo o monte de palavras rudes que queria disparar contra os aldeões, Bela andou até a frente da carruagem.

— Parem com isso agora mesmo! — ordenou ela, assustando os cavalos. Ela correu até a parte traseira e espiou através da porta trancada. Seu pai estava no chão, abraçando o corpo de dor. — Abram esta porta! Ele está ferido!

Monsieur D'Arque desceu de seu assento. Quando ele caminhou em sua direção, Bela não pôde evitar se encolher. Havia algo obscuro e cruel em seus olhos, e sua pele pálida a lembrava dos monstros das histórias.

— Temo que não possamos fazer isso, senhorita — disse ele. — Mas vamos cuidar bem dele. — Embora suas palavras devessem soar reconfortantes, elas vieram como uma ameaça.

— Meu pai não é louco! — protestou Bela. Ela se virou e olhou para a multidão, esperando por ajuda. Ninguém deu um passo à frente. Enfim, ela se dirigiu ao único homem que poderia defendê-la e pediu: — Gaston… diga a ele!

Gaston saiu das sombras onde aguardava em silêncio. Ele estava preocupado se Bela havia testemunhado sua participação no encarceramento de Maurice. Sabia que, se ela tivesse visto, qualquer chance de se casarem acabaria. Mas a sorte, para variar, estava com ele. Ela parecia totalmente alheia ao fato. Estufando o peito, ele assumiu sua expressão mais solidária e andou até ela.

— Bela, você sabe o quão leal eu sou à sua família — disse ele, apostando na sinceridade. — Mas seu pai tem feito algumas alegações incompreensíveis.

— É verdade — disse Jean. — Ele tem delirado sobre uma fera em um castelo.

Bela olhou para os dois homens. Era *por isso* que Maurice estava sendo

levado à força para um sanatório? Ela quase riu alto de alívio.

— Mas eu acabei de retornar do castelo — ela disse rapidamente. — *Existe* uma fera!

Alcançando-a, Gaston colocou uma mão em seu ombro. Então lhe deu um sorriso condescendente. Sempre agindo como um apresentador, ele falou para a multidão e para ela:

— Todos nós admiramos sua devoção ao seu pai. Mas você diria qualquer coisa para libertá-lo. Sua palavra é difícil de provar.

O pânico dominou o coração de Bela. Ela precisava de algo para mostrar-lhes que não estava inventando. Mas o quê? No bolso do vestido, sua mão se fechou no cabo do espelho.

— Vocês querem provas? — perguntou ela. Ela puxou o espelho e o segurou diante do rosto dos aldeões. — *Mostre-me a Fera!*

Mais uma vez, o espelho rodopiou magicamente. O reflexo dos aldeões desapareceu e, em seu lugar, surgiu uma imagem da Fera. Ele estava caído contra a parede da torre, o retrato do desamparo.

— *Aí está a prova de vocês!* — gritou Bela. O rosto de Gaston empalideceu com o choque.

— Bem, é difícil argumentar contra *isso* — disse LeFou para o amigo.

— Isso é feitiçaria! — berrou Gaston, arrancando o espelho das mãos de Bela. Ele o segurou no alto para que todos vissem. — Olhem para esta fera. Vejam suas presas! Suas garras!

Os aldeões esticaram o pescoço, tentando ver melhor, então recuaram à primeira vista da Fera. Observando suas reações, Bela mordeu os lábios com nervosismo. Ela não tinha pensado de forma sensata quando puxou o espelho. Estava tão desesperada para salvar o pai que não lhe ocorrera o que a visão da Fera poderia causar nos aldeões. Ela não tinha pensado que eles veriam apenas a aparência da Fera, em vez do homem aprisionado de quem ela aprendera a gostar.

— *Não!* — gritou ela, tentando consertar a situação. — Não fiquem com medo. Ele é gentil e bondoso.

— Ela está claramente enfeitiçada — clamou Gaston, disparando um olhar para Bela. — Se eu não soubesse o que está acontecendo, diria que até *se importa* com esse monstro.

Bela sentiu as palavras dele como um tapa no rosto. Depois de tudo o que Gaston tinha feito, *ele* ousava chamar a *Fera* de monstro?

— A Fera nunca machucaria ninguém — disse ela, virando-se e apelando para os aldeões. Eles a olharam de volta com expressões receosas, e o incômodo na boca do estômago de Bela aumentou. Ela deveria ter previsto aquilo. Os aldeões adoravam Gaston. Ele era seu herói de guerra, seu líder não oficial. A única e pequena chance de notoriedade da aldeia. Já Bela era uma garota estranha que gostava de ler.

Enquanto Gaston continuou a instigar a fúria dos aldeões contra a Fera, Bela recuou. Ela havia perdido toda a esperança de virar a situação a seu favor. Gaston gritou para três de seus capangas:

— *Não podemos permitir que ela corra para avisar a Fera. Prendam-na.*

Antes que ela pudesse se virar e correr, um dos homens agarrou com rudeza o seu braço. Ela chutou e gritou, mas não adiantou. Enquanto Gaston exigia que trouxessem seu cavalo, ela foi arrastada e jogada na cela da carruagem onde seu pai estava preso. *Monsieur* D'Arque se moveu para ficar de guarda.

Lançando a perna por cima de seu garanhão preto, Gaston se virou mais uma vez para os aldeões. Gritos de aprovação ecoaram quando ele ergueu o punho em direção ao céu noturno.

— Essa criatura vai amaldiçoar a todos nós se não o detivermos! — vociferou ele, incitando ainda mais os aldeões. — Bem, eu digo que devemos *matar a Fera!*

A aldeia irrompeu em gritos sedentos por sangue enquanto Bela assistia à cena com horror atrás das grades de ferro. Gaston estava em seu habitat. Era *para isso* que ele vivia: caos e destruição, violência irracional. A Fera não era apenas um monstro assustador para ele, era um inimigo, e *isto* era uma batalha. Ele guiava a multidão da aldeia, alimentando o medo daqueles homens e mulheres até que brilhassem e queimassem tanto quanto as tochas que alguns carregavam. Ele criou a imagem de uma criatura selvagem que vivia na escuridão e nas sombras. Uma besta com presas afiadas como uma navalha e patas gigantescas. Um monstro que rugia e espumava. Um pesadelo vivo que precisava ser destruído. No momento em que a multidão desapareceu na mata, eles estavam carregando armas de todos os formatos e tamanhos. Alguns seguravam pás; outros, forquilhas. Alguns poucos encontraram machados e os ergueram por cima dos ombros. E *todos* — armados ou não — pareciam prontos para seguir Gaston em seu plano bárbaro de matar a Fera.

Incapaz de fazer algo, Bela ficou parada, agarrando as barras de ferro com as mãos. A Fera, madame Samovar, Lumière… todos que ela aprendeu a

amar… estavam em sério perigo. E era tudo por culpa sua.

CAPÍTULO XIV



Dentro do castelo da Fera, os membros da equipe sentiam como se já estivessem mortos. Sua única esperança de salvação — Bela — havia escapado, e agora a Fera estava de novo transtornada, a rosa continuava murchando e eles não tinham chance de reverter a maldição antes que fosse tarde demais.

Conforme a noite escurecia ainda mais, eles se reuniram no saguão, buscando consolo em tudo que lhes restava: uns aos outros. Madame Samovar e Zip se aninharam juntos no carrinho de servir enquanto Plumette descansava sua cabeça no ombro de Lumière. Suas chamas estavam enfraquecendo, e sua expressão era tão séria e exausta quanto a de Horloge, que tinha se isolado num canto.

— Ele afinal aprendeu a amar — disse com tristeza Lumière, relanceando para a janela que dava para a torre onde a Fera estava sentada.

— Não serve de muita coisa se ela não o ama de volta — apontou Horloge. Ele cruzou os braços e se emburrou.

Balançando a cabeça, madame Samovar rolou seu carrinho para perto do relógio resmungão.

— Não mesmo — disse ela. — Esta foi a primeira vez em que eu tive uma esperança real de que ela pudesse amá-lo.

Horloge abriu a boca para retrucar, mas foi interrompido por Zip. A jovem xícara tinha se virado para a porta e escutava algo atentamente.

— Você ouviu isso, mamãe? É ela? — perguntou ele, saltitando do carrinho e se lançando até a janela.

O restante da equipe se apressou para junto de Zip. Eles se esticaram contra a vidraça, tentando identificar o que quer que a xícara tivesse ouvido. A

distância, enxergaram luzes de tochas brilhando por entre as árvores.

As chamas de Lumière se acenderam de empolgação.

— Será? — perguntou ele, abrindo caminho entre os outros. Era difícil enxergar lá fora através do gelo que cobria a janela. Ele ergueu uma chama, aquecendo a vidraça até que o gelo derretesse. Então gritou: — *Sacré bleu!* Céus! Invasores!

Os outros espiaram pela janela limpa. Lumière estava certo. Não era Bela quem vinha pela floresta e retornava para a Fera. Era uma multidão! E, pelas expressões, uma multidão furiosa. Os aldeões abriram caminho até o portão do castelo e atravessaram a ponte até a colunata. Um homem alto e forte montado em um grande cavalo preto liderava o grupo. Ele se dirigiu à turba, sob os olhares da equipe do castelo, que espiava pela janela.

— Peguem todos os tesouros que quiserem! — gritou ele. — Mas a Fera *é minha!*

A equipe engoliu em seco de pavor. O que iriam fazer?

Horloge sabia exatamente o que *ele* tinha que fazer. Ele precisava alertar a Fera. Deixando os outros para formarem uma pequena e triste barricada na porta da frente, Horloge seguiu para a torre. Ele saltitou e balançou o caminho todo por doze lances de escadas e longos corredores até finalmente chegar à varanda. Olhando ao redor, ele tentou encontrar a Fera entre as gárgulas de pedra da balaustrada. Finalmente, avistou-o empoleirado próximo à outra ponta. Sua cabeça estava abaixada e seus ombros, curvados.

Horloge limpou a garganta.

— Oh, me perdoe, mestre — disse ele com nervosismo.

— Deixe-me em paz — retrucou a Fera, sem se dar ao trabalho de erguer os olhos.

— Mas o castelo está sendo atacado — disse Horloge com urgência.

A Fera ainda assim não levantou a cabeça, mantendo seu rosto oculto na escuridão. Quando falou, sua voz estava se rasgando de dor.

— Não importa mais — disse ele tristemente, enfim erguendo a cabeça. Seus olhos azuis penetrantes estavam perturbados e cheios de lágrimas presas. — Apenas deixe que venham.

Horloge estava farto. O mordomo calmo, paciente e leal se fora. Ele havia passado anos demais preso naquele corpo de relógio para ver seu mestre desistindo agora. Ele tinha assistido à Fera jogar fora sua única chance de ser feliz e permitira sem dizer uma palavra. Mas não mais. Agora ele iria dizer o

que pensava.

— Por que lutar? — disparou ele. — Por que será?! Para que fazer algo sanguinário afinal? — Horloge segurou o fôlego e esperou que a Fera dissesse algo, qualquer coisa, em resposta. Mas tudo o que ele fez foi abaixar a cabeça de novo.

Com um suspiro, Horloge se virou e começou a longa caminhada de volta ao saguão. Parecia que os membros da criadagem estavam por conta própria.

— Tenho que avisar a Fera…

Bela olhava ao redor freneticamente. Suas mãos estavam cerradas e seus olhos transmitiam turbulência enquanto ela procurava desesperada um jeito de escapar daquele espaço restrito. Não havia como. A janela era pequena demais e coberta de barras, e a carruagem estava trancada por fora.

— *Avisá-lo?* — perguntou Maurice, confuso. Ele estava largado em um canto. O velho homem parecia pior do que quando era um prisioneiro da Fera no castelo. Suas roupas estavam esfarrapadas e seu cabelo se arrepiava em todas as direções. A palma de suas mãos estava ralada pelas quedas e a exaustão pesava sobre os ombros do homem. — Como você escapou dele? — Até onde Maurice sabia, Bela estava sendo mantida prisioneira pela mesma fera que agora queria proteger.

Bela parou de andar em círculos. Ela se virou para o pai e segurou suas mãos.

— Ele me deixou ir, papai — disse ela. — Ele me enviou de volta para você.

— Não entendo.

Alcançando a pequena bolsa que tinha trazido do castelo, Bela puxou o chocalho com o formato de rosa. Maurice o reconheceu de imediato. Suas mãos começaram a tremer quando Bela lhe contou como a Fera a levara para Montmartre e mostrara seu antigo lar. Maurice pegou o chocalho e o passava de uma mão à outra quando foi atingido pelo significado daquilo: que Bela sabia.

— Bela — começou ele —, eu tive que deixar sua mãe lá. Eu não tinha escolha, tinha que salvar você…

— Eu sei, papai. Eu entendo. — Os olhos gentis de Bela encontraram os de Maurice. — Você vai me ajudar agora?

Maurice lutou para segurar as lágrimas que ameaçavam escorrer de seus

olhos. Sua filha sempre fora tão cuidadosa e misericordiosa. Ele apenas não sabia até então o quanto *ele* precisava de seu perdão.

— Mas… é perigoso — disse Maurice.

— Sei que é — respondeu Bela com coragem. Ela esperou que ele discutisse, mas seu pai simplesmente sorriu e assentiu. Ele uniu as palmas.

— Bem, então — disse ele enquanto olhava ao redor da pequena cela da carruagem —, parece que temos de encontrar um jeito de sair daqui para que você possa salvar sua fera.

Bela sorriu.

— Obrigada, papai. — Então seu sorriso se desfez. — Mas eu já verifiquei. Não há saída.

Maurice balançou a cabeça. Se ele tinha aprendido alguma coisa com o passar dos anos, era que sempre havia uma saída. Ele fitou através da pequena janela para o cadeado na porta da carruagem. Seu mecanismo não parecia tão diferente do de algumas de suas caixinhas de música.

— Acho que eu seria capaz de abrir o cadeado se ao menos tivesse…

Maurice deparou com o grampo que Bela estava segurando diante dele. Lá estava ela, antecipando cada uma de suas necessidades. Eles trocaram sorrisos.

O homem começou a trabalhar para abrir o cadeado. Quando finalmente soou o clique da liberdade, eles empurraram lentamente a porta.

— O que está esperando? — sussurrou Maurice para a filha. — *Vá!*

Lançando-lhe um sorriso de gratidão, Bela disparou pelo centro da aldeia, sem parar para ver se *monsieur* D'Arque a avistara.

Ela chegou até Philippe e pulou nas costas do cavalo. Com um chute forte no grande animal, ela puxou as rédeas e o guiou para fora da aldeia. Pelas costas, podia ouvir o grito raivoso de D'Arque e a comemoração animada de seu pai. Inclinando-se para a frente, Bela apressou Philippe. Eles não tinham tempo para celebrar aquela pequena vitória. Precisavam voltar para o castelo.

Enquanto galopavam através das árvores densas, Bela torcia para que chegassem a tempo. Ela não queria imaginar o que Gaston e sua turba sedenta por sangue poderiam fazer ao ficar cara a cara com uma fera maior que tudo que eles já viram. Então seus pensamentos se desviaram para madame Samovar, Lumière, Horloge e o pequeno Zip, que estariam indefesos contra a multidão.

CAPÍTULO XV



— *ATACAR!*

A voz de madame Samovar ecoou pelo saguão. Ao seu comando, toda a mobília ao redor criou vida.

Apesar do temor de Bela, os membros da equipe do castelo estavam longe de ser indefesos. Ou ao menos estavam tentando. Tão logo viram a multidão se aproximando, partiram para a ação. Enquanto Horloge tentava, sem sucesso, fazer o mestre parar de se lamentar para lutar, madame Samovar, Lumière e Plumette criaram um plano. Era simples — fazer uma barricada na porta —, mas era um plano mesmo assim.

Eles haviam tentado bloquear a porta. Quando, porém, os aldeões começaram a golpeá-la com um aríete, souberam que era inútil.

Então decidiram abandonar seus postos à porta e jogar com as suas forças, aguardando silenciosamente como se ainda fossem apenas mobílias, enquanto os aldeões desavisados entravam. Ao sinal de madame Samovar, os objetos saltaram em ataque-surpresa.

As cadeiras distribuíram chutes. Plumette e os outros espanadores balançaram suas penas na cara dos aldeões até que eles começaram a espirrar. Velas lançaram suas chamas para o alto, cegando alguns e dando uma bela queimada no traseiro de vários homens distraídos. Conforme a mobília avançava, a multidão gritava de medo e os homens tentavam se defender. Mas a equipe do castelo tinha o elemento-surpresa.

Em meio ao caos, Gaston tentou entender o que estava acontecendo. Ele sabia como lutar contra outros homens, pois havia feito isso muitas vezes. Também sabia como caçar animais, já que também era habitual. Mas uma sala cheia de móveis capazes de andar e falar era algo que ele nunca havia

enfrentando antes.

— Gaston!

O grito alarmante de LeFou fez Gaston se virar para ver um mancebo alto esticando um de seus "braços", preparando-se para golpeá-lo. Ele não pensou, apenas agiu. Pegando LeFou pela gola, Gaston ergueu o pequeno homem à sua frente. O soco do mancebo atingiu diretamente a barriga de LeFou.

LeFou grunhiu. Um instante depois, as coisas pioraram quando um grande cravo se ergueu sobre suas pernas traseiras e se jogou contra Gaston. Mais uma vez o homem robusto usou o parceiro como escudo humano. Houve um grito abafado quando o instrumento caiu em cima do homenzinho.

— Perdão, velho amigo — disse Gaston, sem se dar ao trabalho de ajudar LeFou a se levantar. — Mas chegou a hora do herói.

— Mas… nós somos *Le Duo*… — A voz de LeFou enfraqueceu quando o peso de uma estante caiu sobre ele. No momento seguinte, ele desmaiou.

Gaston deu uma última olhada em LeFou. Então olhou para o espelho que ainda segurava nas mãos. Ele podia ver a Fera sentada em uma torre em algum lugar acima do saguão.

— Hora do herói — sussurrou. Então se virou e correu por entre a mobília. Gaston saiu do caminho quando uma pequena xícara disparou contra ele atrás de um carrinho de servir. Então se jogou para o lado quando um armário de cozinha tentou detê-lo e evitou cair sobre um banquinho que latia para ele.

Momentos depois, ele estava subindo a grande escadaria enquanto os ruídos da batalha desapareciam lá atrás. E continuou escalando. Seu combate estava em algum lugar à frente.

Como se para provar seu ponto, Horloge apareceu no topo das escadas. O pequeno relógio estava descendo de uma das torres, com a expressão sombria.

— Ora, ora, o que você está fazendo aí em cima, relógio? — disse Gaston. — Há uma fera por aí?

Horloge engoliu em seco. Inadvertidamente, ele havia acabado de revelar a localização da Fera. Antes que o mordomo pudesse fazer qualquer coisa para impedir o homem à sua frente, Gaston girou a perna e chutou o relógio escada abaixo. Enquanto Horloge se esborrachava, Gaston voltou sua atenção para o topo das escadas da torre. Agora que ele sabia que a Fera estava em algum lugar lá em cima, era apenas uma questão de tempo até que conseguisse mais um troféu para fixar em sua parede.

Bem abaixo da torre, a mobília da casa continuava a expulsar os aldeões. Madame Samovar despejava chá fervente enquanto Zip, montado em Froufrou, encurralava uma dúzia de aldeões perturbados na cozinha, onde Chef estava esperando com panelas cheias de graxa, prontas para serem derramadas. Assim que Zip passou por ele em segurança, o fogão espalhou a graxa pelo chão. No instante seguinte, os aldeões entraram no cômodo e começaram a escorregar e cair. Eles se amontoaram em uma pilha no chão.

Passando despercebida, uma nova figura abria caminho em meio ao caos: Ágata, a pedinte. Embora estivesse usando seus trapos de sempre, ela estava diferente do que costumava aparentar na aldeia. Seu rosto estava limpo e seus cabelos embaixo do capuz estavam modelados em cachos suaves. Ela passou tranquila pela multidão de aldeões e objetos lutando e se dirigiu às escadas que levavam à toca da Fera.

Enquanto isso, Zip voltou para o saguão. Ele tinha chegado bem a tempo de ver a turba de aldeões batendo em retirada pela porta da frente com gritos de terror. Ele estava prestes a soltar uma exclamação triunfante quando, pelo canto do olho, viu sua mãe balançando no lustre. Água quente continuava a cair de seu bico, borrifando os aldeões em fuga.

De repente, ela escorregou e caiu pelo ar.

Madame Samovar gritou.

Zip engasgou.

Então, segundos antes de madame Samovar se despedaçar contra o chão rígido, uma mão a alcançou e a apanhou no ar.

Era LeFou! O homenzinho a salvara! Eles se encararam, surpresos com a virada repentina dos acontecimentos.

— Eu costumava estar do lado do Gaston — disse ele, dando de ombros como quem pede desculpas. — Mas estou farto de ser tratado como um objeto, sabe?

— Sei exatamente como é — disse madame Samovar, sorrindo. — Agora, podemos voltar à ação?

Enquanto madame Samovar tentava se recompor para ajudar os outros, LeFou, sentindo-se mais leve por enfim ter se livrado de seu parceiro abusivo, olhou ao redor do saguão. Apenas alguns aldeões permaneciam lá dentro. A maioria havia fugido, e aqueles que ficaram estavam sendo empurrados para a saída por um grande candelabro falante e seu exército de velas. LeFou observou enquanto a porta da frente batia atrás deles. No instante seguinte, a

equipe soltou um grito triunfante. O castelo estava salvo!

Foi então que Bela surgiu pela porta.

A garota arfava. Seus cabelos castanhos caíam em ondas pelo seu rosto e suas bochechas estavam vermelhas. Mas seus olhos pareciam frios e duros. De imediato, LeFou soube quem ela procurava.

— Ele está lá em cima — avisou o homenzinho. Bela lhe deu o mais breve dos acenos e correu para a grande escadaria. LeFou gritou: — Oh, e, quando você o encontrar, avise que *Le Duo* já era. Agora eu sou Le *Sozinho*!

Quando Bela passou pelo portão do castelo, ela teve certeza de que era tarde demais. Ela ouviu pessoas gritando e viu os aldeões correndo. Mas então se deu conta de que eles estavam correndo *para fora* do castelo. A esperança se inflamou em seu peito e, quando chegou à porta da frente, ficou emocionada ao ver que a equipe do castelo, seus amigos, tinha vencido. Eles estavam pelo saguão, comemorando e parabenizando uns aos outros enquanto os aldeões fugiam tal qual na expressão: com o rabo entre as pernas.

Então ela percebeu que faltava algo: a Fera não estava em lugar nenhum.

E a sensação ruim em seu estômago voltou.

Agora, enquanto subia as escadas correndo, seu coração disparou. Tudo o que conseguia pensar era em alcançar Gaston e detê-lo antes que fizesse algo terrível contra a Fera. Sua mente foi inundada por questionamentos aflitos: *E se eu nunca tivesse partido? E se eu apenas tivesse escondido o espelho? E se for tarde demais? E se eu nunca mais puder ver a Fera?* Seus olhos se encheram de lágrimas ao saltar o último degrau. Ela sabia que, se algo acontecesse à Fera, ela seria a única culpada.

Bela viu onde a Fera estava quando consultou o espelho na frente de Gaston, reconhecendo as grandes estátuas de pedra que contornavam a torre mais alta do castelo. Como ele não estava lá embaixo e LeFou parecia confiante de que Gaston estava em algum lugar no andar de cima, Bela tinha a forte impressão de que encontraria Gaston e a Fera naquela torre. Apertando o passo, ela percorreu o longo corredor e seguiu pela passagem que levava à torre. De repente, parou.

Ela estava certa. A Fera e Gaston estavam na varanda. Eles estavam de costas para ela, de forma que não a viram chegando.

— Olá, Fera. Eu sou Gaston — disse com arrogância o caçador. — Foi Bela quem me enviou. — Ele estava segurando uma grande arma com o cano

apontado para a Fera. Seu dedo se estreitou no gatilho. — Você estava apaixonado por ela? — perguntou Gaston, erguendo o lábio em um risinho sarcástico. A Fera não disse nada. Em vez disso, virou as costas para o homem. — Você achou mesmo que ela iria querer *você?* — provocou o caçador.

A Fera permaneceu em silêncio.

Então Gaston atirou.

Bela gritou quando a Fera caiu da beira da torre.

— O que você fez? — Ela correu e tentou tirar Gaston do seu caminho. O homem enorme a alcançou e agarrou seu braço. Ela lutou para se libertar, mas ele era forte demais.

Encarando-a, ele perguntou com a voz cheia de descrença:

— Você prefere essa coisa deformada a mim… *quando lhe ofereci tudo?* — Os dedos dele se incrustaram na pele de Bela, deixando marcas vermelhas. Ela se encolheu. O herói de guerra patriota se fora. O homem à sua frente finalmente havia se revelado como o verdadeiro monstro que era. — Quando voltarmos para a aldeia, você se casará comigo. E a cabeça da Fera ficará pendurada em nossa parede!

— *Nunca!* — gritou Bela. Talvez a mão de Gaston tenha se afrouxado por um momento. Ou talvez o choque o tenha deixado temporariamente mais fraco. Ou algo ainda mais mágico podia ter acontecido. Qualquer que tivesse sido a razão, Bela conseguiu se desvencilhar. Virando-se rápido, ela agarrou o cano da arma de Gaston. Então deu-lhe um chute na canela e puxou a arma com força.

Gaston não estava disposto a soltar a arma, ainda que a pessoa na outra ponta fosse sua futura esposa. Ele a segurou com firmeza enquanto Bela girava para mais perto da beirada da torre. Os pés dele escorregaram enquanto lutava para se manter de pé na superfície gelada. As pedras estavam escorregadias por causa da neve que normalmente cobria o castelo, e algumas ainda estavam faltando. Voando pelo ar, suas mãos soltaram o rifle quando ele tropeçou e caiu para trás contra a beira da torre. Bela engasgou, certa de que havia acabado de mandar Gaston para a queda de sua morte.

Mas ele não sobrevivera à guerra por pura sorte. O homem tinha reflexos de um raio. No último segundo, ele projetou o corpo para se balançar com segurança até uma janela logo abaixo. Com um grunhido, aterrissou na escada espiral que levava à torre. Sua arma, enquanto isso, continuava a despencar e

finalmente pousou em uma passarela de pedra alguns andares abaixo.

Gaston ficou de pé. Ele deu uma olhada pela janela e viu Bela correndo até a escada espiral. Pelo mais breve dos momentos, ele achou que a preocupação e o medo nos olhos dela eram por ele. Mas, seguindo a direção do olhar de Bela, ele descobriu a verdadeira razão de seu temor: a Fera. A enorme criatura tinha sobrevivido à queda e estava escalando devagar uma torre um pouco menor que aquela em que Gaston estivera.

Uma nova onda de raiva atingiu o caçador, e ele desceu as escadas correndo. Ele ouviu Bela gritar ao persegui-lo, mas a ignorou e puxou o arco e uma flecha da aljava presa às suas costas. Parando à frente de outra janela, ele mirou e atirou.

A flecha atingiu a coxa da Fera, enterrando-se fundo.

A Fera rugiu de dor. Gaston sorriu, satisfeito em acertar o alvo. Mas seu prazer durou pouco, pois logo a Fera se inclinou e arrancou a flecha. Então ele desapareceu pela torre e para longe de sua vista.

De repente, Gaston sentiu algo — ou alguém — cutucando-o pelas costas. Sua atenção se desviou momentaneamente da Fera, e ele deparou com Bela mexendo na aljava. Seus delicados dedos puxavam o fecho de couro enquanto ela tentava desesperadamente soltá-lo. Quando não funcionou, resolveu pegar as flechas e quebrá-las ao meio, uma por uma.

Gaston ergueu a mão para golpear Bela para longe, mas se deteve. Pelo canto dos olhos, ele viu que a Fera havia reaparecido e estava saltando de um parapeito ao outro. Seu ritmo estava lento por conta das feridas que Gaston lhe causara. Cada vez que ele aterrissava em uma das muretas de pedra, urrava de dor. Ainda assim, continuou seu caminho.

Afastando Bela, Gaston voltou à perseguição. Suas passadas ressoavam pelas paredes de pedra enquanto ele descia correndo o restante das escadas. Quando chegou à base, ele atravessou uma ponte. No meio do caminho avistou a Fera parada, pronta para se lançar até outro parapeito. Se aquela besta conseguisse, estaria tão longe de Gaston quanto os telhados emaranhados do castelo permitiam.

A Fera pegou impulso nas patas traseiras… e saltou.

No mesmo instante, Bela chegou à toca da Fera. Correndo para a varanda, procurou desesperada por ele no telhado. Ela o encontrou no exato momento em que pulou.

Ele voou pelo ar, com os braços esticados à frente para agarrar a lateral da

parede de pedra. Conseguiu por pouco, mas sua mão começou a escorregar.

— *Não!* — gritou Bela.

— Bela? — disse a Fera, virando-se ao ouvir seu grito ecoando pelo telhado do castelo. Seus olhos se encontraram e, naquele instante, a Fera foi tomada por uma força que não sabia que ainda possuía. Ele impulsionou o corpo para a segurança e foi em direção a Bela, saltando de parapeito em parapeito.

Infelizmente, ele também estava voltando para perto de Gaston, que esperava pacientemente. O caçador espreitava entre as gárgulas que contornavam uma área não muito distante dos aposentos da Fera. Ele assistiu com desgosto quando Bela chamou pela Fera e desdenhou quando a criatura pareceu reviver ao vê-la. Agarrando um pináculo de pedra fino com as mãos, ele puxou até quebrá-lo. Armado novamente, Gaston esperou que a Fera viesse até ele.

Não teve que esperar muito. Focado em encontrar Bela, a Fera nem se deu ao trabalho de olhar ao redor quando pousou na passarela cercada de gárgulas. Suas longas pernas o arrastaram pelas pedras e seus olhos permaneceram fixos no terraço onde Bela estava.

Gaston esperou até que a Fera acabasse de passar por ele, então um rugido cortou o ar. Saltando do meio das sombras, o caçador golpeou as costas da Fera com o pináculo.

Ele rugiu de dor, mas continuou andando.

Vendo a determinação da Fera, Gaston sentiu outra onda de raiva.

— Lute comigo, Fera! — gritou ele, seguindo a besta. Gaston atingiu a Fera de novo e mais uma vez. A cada golpe, o homem conseguia atrasá-lo, contudo, não importava o que fizesse, não era capaz de deter a Fera. Isso o deixou furioso, e ele girou a arma com mais força. Finalmente, conseguiu desestabilizar seu oponente. A criatura cambaleou por um pequeno lance de escadas e caiu em outra passarela de pedra.

Gaston desceu atrás dele e continuou sua agressão.

Com o peso de Gaston e da Fera combinados, a passarela, que não era usada havia anos e estava degradada, começou a tremer e ruir. Nem o homem, nem a besta prestaram atenção a isso. Gaston viu algo caído do outro lado da passarela: seu rifle. E a Fera viu o quanto estava próximo de Bela. Se ele conseguisse chegar até o final da passarela, estaria na cúpula paralela ao seu quarto. Haveria então apenas um salto de distância entre ele e Bela.

— Gaston! *Não!*

O grito de Bela alertou a Fera. Ele se virou e viu Gaston, com o pináculo empunhado no alto, preparando-se para desferir o golpe fatal. A Fera já suportara o suficiente. Ele não deixaria Gaston impedi-lo de chegar até Bela, não quando estava tão próximo. Em um movimento rápido, ele se ergueu, arrancou o pináculo das mãos do homem e o arremessou contra uma parede distante. A haste de pedra se estilhaçou em mil pedaços. Rosnando, a Fera agarrou a garganta de Gaston com a pata e o ergueu até a beirada da passarela que desmoronava.

— Não — implorou Gaston enquanto suas pernas balançavam no ar. — Por favor. Não me machuque, Fera. Farei qualquer coisa.

Por um longo e tenso momento, a Fera apenas encarou Gaston. Os traços da criatura estavam distorcidos por raiva e ódio: por todos os anos em que estivera preso naquele corpo; pelo homem à sua frente, que o via apenas como uma besta; pelo tempo que perdera com Bela e pelo medo de perder ainda mais.

Então sua ira começou a ceder. Virando-se, ele viu Bela os fitando com esperança nos olhos. Ela parecia acreditar que ele poderia fazer a coisa certa, que ele poderia ser a melhor versão de si mesmo. E, de repente, o ódio se foi. Lentamente, ele puxou Gaston de volta e o colocou na plataforma.

— Vá embora — ordenou a Fera. — Suma daqui.

Enquanto Gaston escapava, a Fera se virou e fixou o olhar em Bela. Naquele momento, não precisava ouvi-la para saber que ela estava orgulhosa dele. Tudo o que ele sempre quisera, mais que qualquer coisa no mundo, era ficar ao lado de Bela. Apoiando-se nas quatro patas, ele respirou fundo. Tinha apenas a distância suficiente para pegar alguma velocidade e saltar da ponte para a varanda — e ao encontro de Bela.

Vendo o que ele estava prestes a fazer, Bela gritou:

— *Não! É muito longe!*

Mas era tarde demais. As garras posteriores da Fera se cravaram na pedra e ele tomou impulso. Ganhando velocidade, suas quatro patas batiam contra a rocha. Então… ele pulou.

Por um momento, ele pareceu flutuar no ar, suspenso sobre o abismo vazio entre os telhados do castelo. O tempo se acelerou e com um impacto ele aterrissou em segurança na sacada. Sorriu ao olhar para Bela. Ele tinha conseguido! Nada poderia afastá-lo de Bela agora…

Bum!

A Fera urrou em agonia quando o som do disparo ecoou pelo castelo.

Na passarela ruindo, Gaston recarregava o rifle. Ele havia encontrado a arma escondida no entulho. Enquanto Bela assistia a tudo impotente, ele mirou mais uma vez com um sorriso cruel se espalhando pelo rosto.

Bum! Ele atirou de novo. A bala voou pelo ar e atingiu a Fera, que caiu no chão.

Mas então a sorte de Gaston mudou. Seu peso, a degradação da passarela e o coice violento do rifle foram demais. Antes mesmo que ele pudesse soltar seu grito de vitória, as pedras sob seus pés cederam por completo. Em um segundo, havia apenas o ar livre — e uma longa queda no vazio — embaixo dele.

Erguendo a cabeça, Bela viu Gaston e seu rifle atroz desaparecendo sob uma cascata de pedras.

CAPÍTULO XVI



Bela queria acreditar que tudo ficaria bem, que a Fera ficaria bem. Mas assim que ela se sentou e a cabeça dele tombou em seu colo, ela soube que o tempo da Fera estava acabando. Já havia acabado para Gaston, embora aquilo só tivesse lhe causado um impulso momentâneo de lamento. Ele fora um péssimo homem. Embora ela jamais desejasse tal destino a ninguém, tampouco desperdiçaria lágrimas ou tempo por sua memória.

A Fera, no entanto, era outra história. Ela não queria que ele se tornasse uma memória. Ela queria que ele ficasse ao lado dela, são e salvo. Queria dizer o quanto ele significava para ela. Queria dizer o quão arrependida estava de ter enviado Gaston sem querer para o castelo. Ao olhar para a Fera, ela sabia que sua chance de dizer tudo aquilo estava escapando rapidamente. Ele respirava com dificuldade e seus olhos estavam apertados pela dor que devastava seu corpo. Suavemente, Bela desceu a mão e acariciou o rosto dele com os dedos.

Quando a Fera sentiu o toque, abriu os olhos.

— Você voltou — disse ele com um olhar de puro amor. Ele ergueu a pata e ajeitou uma mecha de cabelos dela.

— Claro que voltei — respondeu ela, tentando lutar contra as lágrimas que ameaçavam escorrer por suas bochechas. — Nunca mais vou deixá-lo.

A Fera ergueu o mais levemente possível os ombros. Então suspirou e disse, com a voz fraca:

— Temo que seja minha vez de partir.

Bela balançou a cabeça.

Não!, ela queria gritar. *Lute! Não desista agora! Não depois de tudo que nós passamos. Levei tanto tempo para encontrar você.* Apesar de seus

esforços, as lágrimas começaram a cair. A cabeça da Fera estava ficando mais pesada em seu colo. Enquanto olhava para ele, ela sentiu seu coração se partir. Contra todas as probabilidades, a Fera havia lhe mostrado a beleza verdadeira. Ele lhe mostrara que tudo bem ser diferente. Mostrara que não havia problema em se sentir perdida e a fizera perceber o quão desesperadamente ela queria ser encontrada. Ela tinha aprendido que as coisas não são sempre como parecem, que pessoas podem surpreender. Ele havia lhe dado a única coisa que ela sempre desejara: algo a mais. E agora? Agora ele estava morrendo em seus braços.

Esforçando-se para encontrar as palavras, Bela conteve um soluço.

— *Nós estamos juntos agora* — disse ela. — Tudo vai ficar bem. Você vai ver.

— Pelo menos posso vê-la uma última vez. — Enquanto ele dizia essas palavras, sua pata desabou do cabelo de Bela. Seus olhos se fecharam. Sua respiração ficou mais lenta, então cessou.

Com outro soluço, Bela se jogou sobre o corpo da Fera. Ele se fora. E ela nunca lhe dissera que o amava.

Enquanto a Fera dava seu último suspiro no terraço acima, seus criados, alheios ao que havia acontecido entre o mestre e Gaston, estavam no meio de uma celebração. Eles se reuniram em um dos terraços de baixo para assistir aos aldeões fugindo pela floresta. As chamas de Lumière brilhavam impulsionadas pela vitória. Plumette amaciou suas penas e Horloge tiquetaqueava mais rápido que o comum. Até as peças maiores da mobília, como Madame de Garderobe e seu amor havia tanto tempo perdido, Cadenza, estavam participando da festa.

Lumière se virou para Plumette e a segurou nos braços. O espanador soltou risadinhas de flerte.

— Nós conseguimos, Plumette! — disse ele, baixando-a. — A vitória é nossa! — Ele se inclinou para beijá-la, então engasgou. Ela tinha ficado imóvel e silenciosa em seus braços. Não estava mais viva. Com a morte da Fera, a maldição havia completado seu efeito.

Um por um, os objetos outrora vivos se tornaram inanimados. Enquanto Lumière observava horrorizado, Madame de Garderobe congelou no meio de um floreio teatral. Soltando um grito, Cadenza começou a tocar suas teclas, desesperado para mantê-las em movimento. Mas não havia nada que ele

pudesse fazer. Elas também ficaram mais lentas até finalmente pararem de vez e o maestro paralisar. A maldição varreu o castelo como o vento. Não importava como tentasse fugir, a equipe não poderia escapar.

Froufrou latiu uma última vez antes de se tornar um banquinho de piano. Madame Samovar se aproximou freneticamente de Lumière e Horloge, procurando pelo filho. Antes, porém, que ela pudesse encontrá-lo, seu rosto desapareceu na pintura decorativa do bule. Zip ficou imóvel logo em seguida, com seus traços sumindo até que não lembrasse mais um garotinho, e sim uma simples xícara lascada.

— Lumière…

Ouvindo a voz de Horloge, Lumière se virou, temendo o inevitável. O pequeno relógio estava lutando contra a maldição e tentando ao máximo continuar funcionando.

— *Não!* — gritou Lumière. — Aguente firme, Horloge.

— Eu… não consigo… — disse Horloge, com a voz enfraquecendo. Ele fez um longo e lento tique e um taque ainda mais fraco. — Meu amigo, foi uma honra servir ao seu lado.

Lumière diminuiu suas chamas enquanto a voz de Horloge desaparecia totalmente. O único som que ele fazia agora era o tique-taque de um relógio comum. Ele não era mais o mordomo: era um objeto. Quando Lumière olhou ao redor, viu que *todos* eram objetos agora. Não havia sobrado ninguém além dele. Lumière sabia que lá em cima, na toca do mestre, a última pétala da rosa havia caído. Um instante depois, ele também enrijeceu e a luz de suas velas se apagou quando a transformação tomou conta.

Logo o terraço estava em silêncio, exceto pelo som do relógio que um dia fora Horloge. Uma neve suave tinha começado a cair, cobrindo os objetos e os fazendo lembrar fantasmas.

Na varanda, Bela mal notava a neve caindo em sua cabeça e em seus ombros. Ela não sabia que a maldição havia se consumado. Só conseguia pensar na Fera, desfalecido em seus braços. O corpo dele ainda estava quente, e por um momento desesperador ela quis acreditar que ele ainda estava ali. Bela aninhou a cabeça dele em suas mãos. Sentiu o pelo macio nas palmas e quis abrir aqueles olhos para que o azul mais bonito que ela já vira pudesse encará-la mais uma vez.

— Por favor, não me deixe. Volte — implorou ela. Dominada pela emoção, ela se inclinou lentamente e deu um beijo delicado na testa da Fera. Então, por

nunca ter dito a ele quando estava vivo, ela sussurrou as palavras que vinha carregando em seu coração: — Eu te amo.

Embora Bela não soubesse, Ágata havia entrado no quarto e estava parada na varanda ao lado do que restara da rosa encantada. A mulher abaixou o capuz de seu manto e estendeu a mão até a redoma. Em um segundo, o vidro desapareceu, deixando para trás as pétalas carmesim e um traço de pó dourado. Ágata girou as mãos, e as pétalas se ergueram. O pó dourado pareceu se multiplicar, movendo-se veloz até a Fera e envolvendo-o totalmente antes de fazê-lo levitar.

Sentindo o peso do corpo da Fera se erguendo de seu colo, Bela olhou para cima e engasgou ao ver a névoa dourada rodopiando ao redor da criatura. Ela notou que o ar se tornara mais quente e denso. De repente, houve um clarão de luz, e uma das patas da Fera se transformou em sua mão. Bela colocou-se de pé, observando atenta.

Mais lampejos de luz se seguiram conforme as outras partes da Fera se tornavam humanas. Finalmente, ele estava deitado no chão, com a transformação completa.

O silêncio desabou sobre a varanda.

Por um longo momento, Bela ficou onde estava, com a cabeça girando com o que acabara de testemunhar. Ela encarou fascinada o homem à sua frente. Ele ainda estava usando as mesmas roupas que vestia enquanto Fera. Tinha os mesmos olhos azuis penetrantes, que agora estavam bem abertos e cheios de preocupação enquanto as lágrimas escorriam em seu rosto.

O coração de Bela parecia prestes a explodir de emoção. Ela sabia, do fundo de sua alma, que aquela era a forma humana da Fera por quem havia se apaixonado. E ela soube, sem hesitação, que não queria desperdiçar nem mais um momento longe daquele que amava. Os olhos azuis encontraram os castanhos. Então, enquanto o amanhecer resplandecia no horizonte, eles se beijaram.

Foi um beijo que Bela jamais poderia esquecer — melhor que todos descritos nos livros que lera. Um beijo cheio de retratação, gratidão e um amor muito, muito profundo. Um beijo repleto de encantamento. Conforme seus lábios se encontraram, a mágica irrompeu para o restante do castelo.

Enquanto o sol se elevava no céu, o castelo começou a se transformar. As pedras frias e acinzentadas foram banhadas em ouro. A neve se dissipou no solo, dando lugar à grama verde fresca. Flores coloridas se abriram e as

rosas-brancas da colunata se tornaram vermelhas. Nos parapeitos do castelo, as gárgulas, com suas faces havia tanto tempo presas em caretas horripilantes, retornaram às suas formas originais de animais nobres e homens. Até mesmo o céu pareceu tocado pela transformação mágica: as nuvens desapareceram, revelando um céu azul quase tão brilhante quanto os olhos do príncipe.

Dentro do castelo, a transformação continuou. Quando a luz do amanhecer penetrou pelas grandes janelas, iluminou os objetos que poucos momentos antes haviam sido imobilizados. Froufrou deixou de ser um banquinho de piano e se transformou em um cãozinho da raça *bichon frisé*. Imediatamente ele deu um salto e perseguiu sua cauda antes de se aliviar no mancebo imóvel, que, para seu azar, voltou a ser um homem bem na hora em que Froufrou terminou o serviço. Espantando o animal, o homem se virou e quase tropeçou no carrinho de servir de madame Samovar e Zip.

Ele gritou quando o carrinho disparou e quase atingiu Madame de Garderobe, que estava bamboleando para dentro e para fora da luz do sol. Nesse vaivém, ela se transformava de guarda-roupa a humana, então voltava a ser um guarda-roupa, até que finalmente se firmou com uma batida próxima a Cadenza. Momentos depois, ambos se transformaram de uma vez por todas na diva e no maestro.

E assim foi. Ao longo do castelo, gritos animados de todos podiam ser ouvidos à medida que a maldição era quebrada. Camareiras riam enquanto suas penas voltavam a ser pernas e velas gritavam com alegria ao ver seus pavios voltando a ser dedos. Na cozinha, o fogão se transformou de volta no cozinheiro e no mesmo instante começou a dar ordens para preparar a festa.

Os tiques de Horloge se tornaram um acesso de tosse quando ele também voltou à sua forma humana. Limpando seu casaco com as mãos, ele procurou por Lumière e sorriu quando viu que o candelabro era mais uma vez o lacaio principal — ainda com seus velhos truques. Ele estava perseguindo Plumette ao redor da mesa de jantar. Capturando-a, ele a inclinou em seus braços e a beijou apaixonadamente.

Horloge foi salvo de testemunhar a duração do beijo ao ouvir o som tilintante da porcelana. Ele ergueu o olhar e viu o carrinho de madame Samovar e Zip rolando até o topo da escada. Por um momento tenso, parecia que eles iam rolar escada abaixo para uma tragédia. Mas o carrinho parou abruptamente e arremessou madame Samovar e Zip para a frente. Em pleno ar, seus corpos frágeis passaram pelo sol e se transformaram, então eles desceram

calmamente o restante dos degraus com suas pernas humanas.

— Oh, Zip! — Madame Samovar chorava de felicidade. — Olhe para você, é um garotinho de novo! — Aproximando-se, ela tentou apertar as bochechas do filho. Ele desviou como qualquer menininho humano faria e correu para a porta da frente. Quando ela se abriu, o sol adentrou o saguão… junto com alguns aldeões também.

Para dizer a verdade, eles também estavam enfeitiçados. Agora, depois do que acontecera, eles estavam começando a se lembrar de tudo que haviam esquecido: o rei cruel e o príncipe arrogante, as festas luxuosas que eram dadas no passado e seus entes queridos que trabalhavam no castelo.

Aproximando-se da porta da frente, Jean, o oleiro, entrou no castelo, que agora brilhava de felicidade e acolhimento. Então seus olhos pousaram em Zip na entrada e, para além, em madame Samovar. Ele gritou de alegria:

— Querida?

Madame Samovar sorriu de volta.

— Olá, senhor Samovar — disse ela, correndo até o marido.

— Beatrice, Zip — chamou ele quando sua esposa e filho se jogaram em seus braços. — Eu os encontrei.

Os reencontros continuaram. E, parada na frente do castelo, sorrindo consigo mesma, estava Ágata. Tudo o que ela sempre quisera era ver o príncipe se tornando um homem mais bondoso. E, enquanto observava seus criados felizes correrem pelo castelo, chamando uns aos outros e se abraçando, ela soube que ele havia encontrado um modo de ser um bom homem. Ele havia encontrado seu coração. Tinha levado um tempo e precisou de uma jovem particularmente teimosa para ajudá-lo, mas sem dúvida ele havia encontrado seu caminho.

Vendo que seu trabalho estava concluído, Ágata sorriu e se virou, indo embora tão silenciosa e misteriosamente como chegara.

Nesse meio-tempo, Plumette gritou. Todos se viraram para a escadaria. No topo, como por um sinal, estava o príncipe. Bela estava ao lado dele, e seus olhares se cruzavam cheios do mais puro amor. A equipe correu para cumprimentá-los.

— Olá, velho amigo — o príncipe se dirigiu alegremente a Lumière.

Bela observou o príncipe abraçando cada membro da sua equipe — da sua família, na verdade —, permitindo que ele vivesse o momento que aguardava havia tanto tempo. Ela suspirou de satisfação. Tudo estava como deveria.

EPÍLOGO



Bela nunca imaginara que tamanha felicidade fosse possível. Mas ela estava felicíssima. Surreal, maravilhosa, radiantemente feliz. Deslizando pelo salão nos braços de seu príncipe, ela sorria ao ver os rostos agora tão familiares. Viu seu pai, livre e saudável. Avistou Lumière e Plumette dançando próximos. Viu Zip, espremido entre o pai e a mãe, fingindo estar irritado, mas claramente adorando a atenção. Horloge estava lá, bem como a diva, o antigo guarda-roupa de Bela. Ela valsou alegremente com seu maestro. *Esta*, Bela pensou enquanto relanceava pela sala, *é a minha família*.

Ela ergueu a cabeça e encontrou os olhos azuis penetrantes do príncipe. Ele sorriu e ela sentiu o calor do amor, agora familiar, irradiar por todo o seu corpo, começando pelos dedos dos pés e viajando até a ponta das orelhas. Nas últimas semanas, ela se pegou amando o príncipe cada dia mais, vendo-o abraçar a vida que lhe fora negada por tanto tempo.

Estou vivendo minha própria aventura, ela pensou enquanto ele a rodopiava pelo salão. Bela encontrava uma vida fora da aldeia, e ainda havia tantos lugares para visitar e experiências para viver. Além de tudo, ela tinha achado um parceiro que queria viajar e com quem poderia compartilhar todas essas histórias. *E não há mais nada que eu poderia desejar. Exceto…*

Sentindo Bela tensa em seus braços, o príncipe olhou para ela, estreitando os olhos de preocupação.

— Bela… — disse ele. — Em que está pensando?

Ela parou por um momento para ponderar sua resposta e tentou não rir quando a expressão do príncipe se tornou mais aflita. Alcançando-o, ela passou a mão em sua bochecha suave.

— O que você acha de deixar crescer a barba?

Com uma gargalhada, o príncipe puxou Bela para mais perto. Seus olhos se fixaram nos dela e ele assentiu, em uma promessa silenciosa de sempre tentar ser a melhor versão de si, a versão que ela acreditou ser possível antes que ele mesmo achasse isso. Então, ele a beijou. Quando ela fechou os olhos e se entregou à magia do beijo, o mundo ao redor desapareceu até que restaram apenas os dois, envolvidos em uma história tão antiga quanto o tempo. Bela pensou no futuro — nas aulas de leitura que ela poderia ministrar na biblioteca do castelo para todos os estudantes da aldeia, nas viagens que ela e o príncipe fariam, nas amizades com os habitantes do castelo que sem dúvida seriam para a vida toda. Um conto que começou com "era uma vez" terminaria, Bela tinha certeza disso, com "felizes para sempre".

LEIA TAMBÉM:



SERENA VALENTINO

A fera em mim

A HISTÓRIA DO PRÍNCIPE DA BELA

UNIVERSO DOS LIVROS



DE **SERENA VALENTINO**

Um príncipe amaldiçoado se isola em seu castelo. Poucos o viram, mas aqueles que conseguiram tal proeza afirmam que seus pelos são exagerados e suas garras são afiadas – como as de uma fera. No entanto, o que levou esse príncipe, que já foi encantador e amado por seu povo, a se tornar um monstro tão retraído e amargo? Será que ele conseguirá encontrar o amor verdadeiro e pôr um fim à maldição que lhe foi lançada?

Em *A fera em mim*, conheça a história por trás de um dos mais cativantes e populares contos Disney de todos os tempos: *A Bela e a Fera*!

